



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Cátia Sofia Paulino Simões

ESTUDO DOS MATERIAIS DA ESTRUTURA E DE CASTANHEIRO DO VENTO (HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA)

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pelos Doutores Domingos Cruz e João Muralha, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Julho de 2021

FACULDADE DE LETRAS

ESTUDO DOS MATERIAIS DA ESTRUTURA E DE CASTANHEIRO DO VENTO (HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA)

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Estudo dos materiais da estrutura E de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)
Autor/a	Cátia Sofia Paulino Simões
Orientador/a(s)	Doutor Domingos de Jesus da Cruz Doutor João Carlos Muralha Cardoso
Júri	Presidente: Doutor Pedro Jorge Cardoso Carvalho Vogais: 1º Doutora Ana Margarida Aparício do Vale 2º Doutor João Carlos Muralha Cardoso
Identificação do Curso	2.º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Pré-histórica
Data da defesa	09-09-2021
Classificação	17 valores

Agradecimentos

Gostaria de aqui agradecer a um grupo de pessoas que não só me auxiliaram direta e indiretamente na realização da presente dissertação como no decorrer da minha vida acadêmica.

Antes demais gostaria de gratificar os meus orientadores: Professor Domingos de Jesus da Cruz, por toda a orientação, disponibilidade e exigência; Professor João Carlos Muralha Cardoso, pela oportunidade que me deu de conhecer um sítio arqueológico como o Castanheiro do Vento, pelo voto de confiança no tema escolhido, disponibilidade, apoio e ensinamentos.

A todos os professores que me acompanharam ao longo do meu percurso acadêmico, com quem aprendi grande parte do que sei hoje.

Aos arqueólogos Sérgio Gomes e Ana Vale, por me terem recebido de braços abertos em Castanheiro do Vento e me transmitirem tanto conhecimento.

Ao Américo Araújo e Mariana Rodrigues por todos os conhecimentos partilhados e histórias vividas em Freixo de Numão.

Queria também agradecer às minhas amigas Sara e Natacha por estarem lá para mim desde o meu primeiro dia de faculdade, nunca me deixarem desanimar e com quem partilho as melhores memórias da minha vida acadêmica.

À Ana Isabel, minha companheira de licenciatura, por toda a amizade e carinho.

Um obrigado à minha colega de casa Marta, por estar lá para mim em todos os momentos mais stressantes.

À Maria Andersen, por todo o apoio e amizade mesmo a 2192,7 km de distância. O que o Castanheiro une ninguém separa.

Aos meus pais, porque sem eles nada disto seria possível; as palavras não chegam para agradecer tudo o que fazem por mim.

Ao Michel, por ser o meu “lugar” seguro, por nunca me deixar desistir e acima de tudo por todo o amor e carinho.

Ao meu avô Ângelo, por ter sido das pessoas que mais acreditou em mim e porque, esteja onde estiver, sei que estará a olhar por mim.

RESUMO

O sítio arqueológico do Castanheiro do Vento, que data do período Calcolítico, fica situado na freguesia de Horta do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, no cimo de um cabeço à cota de 730 m de altitude. Identificado em 1998 tem sido consecutivamente intervencionado até à data, à exceção de três anos (2013, 2014 e 2020).

A presente dissertação tem como objeto de estudo a estrutura subcircular E. Esta estrutura do tipo “bastião” localiza-se no lado sudoeste do sítio arqueológico e insere-se no recinto secundário. A análise do conjunto artefactual seguiu as tipologias adotadas anteriormente para o estudo de outros bastiões do Castanheiro do Vento. Através do estudo destes materiais podemos verificar cerâmicas de pastas compactas e muito polidas com impressões penteadas como decoração. Os fragmentos de barro apresentam negativos de elementos vegetais o que vem reforçar a ideia de que as paredes do sítio integravam elementos vegetais revestidos e argamassados com barro.

Ainda que o xisto seja a matéria-prima mais abundante no sítio arqueológico este não foi utilizado para o fabrico de materiais líticos, mas sim o quartzo e o quartzito, o que poderá estar relacionado com o fator da dureza e durabilidade do material.

Os elementos de moagem provenientes desta estrutura encontravam-se todos muito fragmentados e apresentam indícios de reutilização para outras funções que não a moagem.

Ao compararmos o bastião E com os bastiões (B.A; B.B; B.C; e B.D) estudados verificamos semelhanças tanto a nível arquitetónico como dos conjuntos artefactuais. Os materiais apresentam características semelhantes entre si e inserem-se no período Calcolítico. As tipologias de construção diferem pouco entre elas. Todas estas estruturas foram "condenadas" a certa altura, característica apenas detetada nos bastiões do M1 e do R.A.

O estudo de mais uma estrutura do tipo bastião do sítio do Castanheiro do Vento é mais um passo para a compreensão de um sítio tão diversificado e das comunidades que o habitaram.

Palavras-chave: Arqueologia, Calcolítico, Bastião, Cerâmica, Líticos (artefactos).

ABSTRACT

The archaeological site of Castanheiro do Vento, which dates from the Chalcolithic period, is located in Horta do Douro municipality of Vila Nova de Foz Côa on top of a hill at 730 m high. Identified in 1998, it has been consecutively intervened to date with the exception of 3 years (2013, 2014 and 2020).

The present dissertation has as object of study the subcircular structure E, this “bastion” type structure is located on the southwest side of the archaeological site and is inserted in the secondary enclosure. The analysis of the artefactual set followed the typologies previously adopted for the study of other bastions of Castanheiro do Vento. Through the study of these materials we can verify ceramics with compact pastes highly polished and combed prints as decoration. The clay fragments present negatives of plant elements, which reinforces the idea that the walls of the site were composed of plant elements covered with clay.

Although shale is the most abundant raw material in the archaeological site, it was not used for the manufacture of lithic materials, but rather quartz and quartzite, which may be related to the material's durability factor.

The grinding elements from this structure were all very fragmented and show signs of reuse for functions other than grinding.

When comparing the bastion E with the bastions (B. A; B.B; B.C and B. D) studied, we verified similarities both in terms of architecture and artifact sets. The materials have similar characteristics to each other and fall within the Chalcolithic period. The types of construction differ little between them. All these structures were "condemned" at a certain point, a characteristic only detected in the bastions of M1 and R.A.

The study of yet another bastion-like structure at the Castanheiro do Vento site is another step towards understanding such a diverse site and the communities that inhabited it.

Keywords: Archaeology, Chalcolithic, Bastion, Pottery, Lithics (artefactual).

Índice

Introdução	6
1. O sítio do Castanheiro do Vento e o espaço em que se insere	8
1.1. Localização geográfica e caracterização da geomorfologia e fisiologia	8
1.2. Uma aproximação à flora da região durante o III milénio a. C.	9
2. O sítio arqueológico do Castanheiro do Vento	11
2.1. Breve história da investigação do sítio.....	11
2.2. A questão dos “povoados fortificados”	13
2.3. Castanheiro do Vento: a arquitetura de um recinto murado	16
2.4. Definição da área de estudo: a estrutura subcircular E.....	19
3. Estudo da Componente Artefactual	21
3.1. Material Cerâmico.....	21
3.1.1. Metodologia de análise.....	21
3.1.2. Classificações e construções tipológicas	23
3.1.3. Análise do conjunto cerâmico	31
3.2. Material lítico	51
3.2.1. Análise do conjunto lítico.....	51
3.2.2. Materiais de Percussão	58
3.2.3. Materiais de Moagem.....	63
3.2.4. Outros materiais	68
4. A distribuição espacial dos materiais arqueológicos do bastião E	69
5. Comparação das estruturas do tipo “Bastião” de Castanheiro do Vento	73
Conclusão	77
BIBLIOGRAFIA	84
ANEXOS	91

Introdução

No verão de 1998 iniciaram-se as primeiras escavações em Castanheiro do Vento, dezanove anos depois fiz a minha primeira campanha como voluntária no sítio e logo me apeguei ao mesmo. É no decorrer da campanha arqueológica de 2019 que me é proposto pelos membros do projeto de investigação o estudo da estrutura subcircular E do Castanheiro do Vento assim como da sua componente artefactual, desafio este que aceitei sem pensar duas vezes. O estudo de uma estrutura deste tipo não é algo novo na investigação do sítio pois ao longo dos anos de escavações, vários alunos de licenciatura, de mestrado e de doutoramento dedicaram-se ao estudo de várias estruturas do tipo “bastião”: Bastião A (VALE, 2003); Bastião B (BORGES, 2003); Bastião C (BARBOSA, 2003) e Bastião D (GASPAR, 2004).

O presente trabalho não tem como finalidade determinar as funções que esta estrutura terá tido ou o seu papel como parte de um sítio tão monumental como Castanheiro do Vento. Não nos podemos esquecer que o homem contemporâneo nunca poderá ter uma ideia certa do que terá ocorrido em certos momentos da Pré-história pois o seu conhecimento e forma de ver as coisas é com certeza muito distinto da do homem da Pré-história. Torna-se por isso difícil ao investigador pôr de lado os seus conhecimentos do mundo contemporâneo ao interpretar o passado. Deste modo na presente dissertação iremos ser o mais imparciais possível analisando apenas os dados obtidos através do estudo do conjunto artefactual proveniente do bastião E e ver o que os resultados nos dizem acerca do que terá ocorrido no interior do mesmo.

No primeiro capítulo deste trabalho iremos fazer uma breve introdução ao sítio ao Castanheiro do Vento e ao espaço em que este se insere. Este é composto por dois pontos, um que se centra na localização geográfica e na geomorfologia da estação arqueológica e outro que tem como objetivo dar ao leitor uma ideia aproximada de como seria a flora da região ao longo do III milénio a. C. Já no segundo capítulo passamos a apresentar o sítio de Castanheiro do Vento enquanto estação arqueológica. Começamos por referir como foi identificado e os trabalhos de investigação que decorreram até à data. No segundo ponto deste capítulo abordamos a questão dos “povoados fortificados”, e a forma como este tipo de sítios é discutido por diferentes autores. No terceiro ponto faremos um breve resumo da arquitetura monumental de Castanheiro do Vento que nos levará ao último ponto deste capítulo, a área de estudo em questão, a estrutura subcircular E.

No terceiro capítulo damos a conhecer os resultados da nossa investigação: a análise do conjunto artefactual proveniente do Bastião E. Para a análise dos materiais achamos por bem

utilizar as mesmas tipologias usadas por outros autores para os materiais de Castanheiro do Vento pois o presente trabalho, apesar de ser individual, segue na esteira de outros artigos de investigação que se debruçaram sobre os materiais e estruturas daquele sítio arqueológico.

De forma a podermos compreender a estrutura em estudo foi analisada a distribuição espacial dos materiais numa tentativa de nos aproximarmos da realidade que é, foi, o bastião E. Para tal apresentaremos os dados obtidos através da análise da localização tridimensional dos materiais no quarto capítulo.

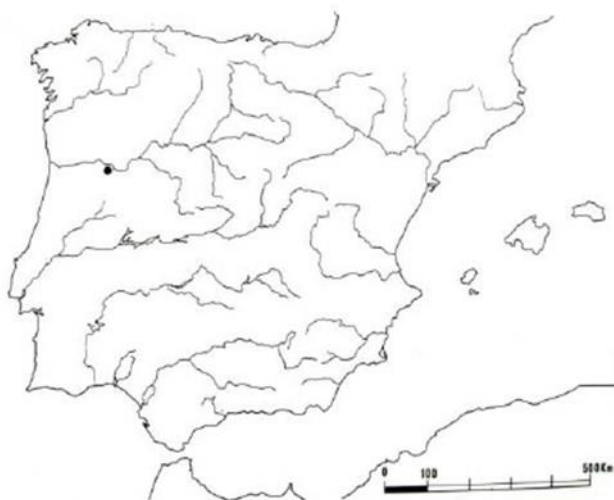
Não nos parecia correto analisar apenas os materiais provenientes desta estrutura e não comparar os dados obtidos com os de estruturas similares. Deste modo, no sexto capítulo do presente trabalho iremos comparar o bastião E e outros quatro bastiões numa tentativa de averiguar as semelhanças e dissemelhanças entre elas.

Pretendemos com este trabalho contribuir para a compreensão do Castanheiro do Vento através do estudo de mais uma estrutura; acreditamos que para se interpretar o sítio é também necessário olhar para as estruturas individualmente.

1. O sítio do Castanheiro do Vento e o espaço em que se insere

1.1. Localização geográfica e caracterização da geomorfologia e fisiologia

O sítio arqueológico do Castanheiro do Vento situa-se no Norte de Portugal, na região do Alto Douro, mais precisamente no distrito da Guarda, concelho de Vila Nova de Foz Côa, freguesia de Horta do Douro. Atendendo à Carta Militar Portuguesa, folha 140, escala 1:25 000 tem as seguintes coordenadas geográficas: 41° 03' 49'' Lat. N.; 07° 19' 18'' Long. W. (recorrendo a um ponto central da jazida arqueológica). A estação arqueológica do Castanheiro do Vento assenta no topo de um cabeço subcircular (que lhe deu o nome), de substrato xistoso. A base do sítio arqueológico é delimitada pela curva de nível dos 680 m e a altitude máxima absoluta atinge os 730 m.



*Figura 1- Localização do sítio arqueológico do Castanheiro do Vento na Península Ibérica.
Fonte: (VALE, 2007, 9)*

O sítio localiza-se na parte Ocidental do Maciço Hespérico, também conhecido por Meseta Ibérica, caracterizada pelas altas peneplanícies, assente num complexo xisto-grauváquico, o que se reflete na abundância de xisto e grauvaques no sítio arqueológico. Para além desta abundância de xisto e grauvaque a região onde o Castanheiro do Vento se situa apresenta diversas composições graníticas como é o caso do Maciço de Freixo de Numão e o Maciço de Numão (granito de Numão e granito de Cachão de Arnozelo). Também os filões de

quartzo são comuns no território, especialmente na região das falhas tectónicas da Horta do Douro (Sebadelhe, Murça, Freixo de Numão, Arnozelo, etc.) (SILVA & RIBEIRO, 1991, 29-32).

Situado numa região de relevo acidentado marcada pelo rio Douro e seus afluentes, a partir da estação arqueológica do Castanheiro do Vento para este, temos a Ribeira da Teja, e a oeste, o rio Torto, dois dos principais cursos de água da região. Estes, provavelmente terão tido um papel importante quanto aos recursos hídricos das comunidades da época. Ao que tudo indica a ribeira da Teja terá tido um papel importante para as comunidades que viveram no Castanheiro do Vento, para além de ser o curso de água que se encontra mais perto do local. A partir de Castanheiro do Vento tem-se um controlo visual da sua bacia. Este controlo visual não acontece relativamente ao rio Torto pois para oeste o terreno é muito irregular, o que leva a que ainda que este se encontre perto do Castanheiro do Vento não exista esta visibilidade. Para além destes dois cursos de água, existem nas proximidades do sítio arqueológico vários outros pequenos cursos de água, que embora não tenham o mesmo impacto que os anteriores, poderão ter tido um papel importante no quotidiano das sociedades do passado, como por exemplo: a ribeira de Murça; ribeira de Zaralhôa; a ribeira de Sebarigos e o ribeiro Longo.

Do topo do cabeço onde foi implantado o sítio arqueológico temos um domínio visual incrível, capaz de controlar não só serras e vales como outros sítios onde foram identificados vestígios arqueológicos. Assim, temos; para norte, São Martinho (620 m), o Castelo de Numão (700 m), a Senhora do Viso (800 m); para noroeste a Zaralhôa (579 m).

1.2. Uma aproximação à flora da região durante o III milénio a. C.

Para nos aproximarmos do paleoambiente da região do Alto Douro durante o III milénio a. C. temos de nos basear nos estudos palinológicos, carpológicos e antracológicos realizados na região (FIGUEIRAL & JORGE, 2008) e em jazidas de Trás-os-Montes (SANCHES, 2016) assim como nos estudos concretizados nos solos do Nordeste de Portugal no âmbito do Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes, juntamente com a dissertação de mestrado de Mariana Rodrigues que teve como objetivo o estudo dos materiais vegetais de Castanheiro do Vento (RODRIGUES, 2020) .

O tipo de solo onde se localiza o Castanheiro do Vento insere-se no grupo dos leptossolos dístricos órticos, ou seja, solos pouco propícios para agricultura e pastagem melhorada, e com aptidão para a exploração da área florestal e pastagem natural. A única área

propícia para a agricultura intensiva é o vale da ribeira da Teja onde o tipo de solo é mais fértil. A norte do sítio arqueológico existe uma área descrita como moderadamente propícia à agricultura, que poderá ter tido um papel importante para as comunidades que habitaram o sítio do Castanheiro do Vento.

Nos dias de hoje a vegetação predominante no topo do cabeço onde se situa o sítio do Castanheiro do Vento é mato, com abundantes carvalhos e azinheiras. No terreno a sul da estação arqueológica existem eucaliptos e cerejeiras plantadas recentemente. Não podemos assumir que a vegetação dos dias de hoje seja a mesma que existiu durante o III milénio a. C., ainda que não tenha ocorrido uma mudança radical da vegetação da região. O manto vegetal terá sofrido transformações ao longo dos anos devido a fatores naturais e humanos, desde alterações climáticas, incêndios, desflorestações, reflorestações, agricultura intensiva ou até mesmo a construção de edifícios. Apenas nos restam pequenos nichos da paisagem natural antiga; esta foi diminuindo ao longo dos anos e substituída por uma paisagem cultural.

Durante o III milénio a. C. a região onde se insere o Castanheiro do Vento terá sido maioritariamente composta por bosque de azinheiras e sobreiros (*Quercus suber* e *Quercus rotundifolia*). Esta predominância terá sido substituída já na Idade do Bronze por espécies como a Urze (*Erica arborea*) e o Medronheiro (*Arbutus* sp.). (FIGUEIRAL, 1999). Através de estudos carpológicos sabemos que durante o III milénio a. C. no sítio do Castanheiro do Vento terão sido manipuladas diversas espécies, como por exemplo: Azinheira e Sobreiro (*Quercus* folha persistente), Carvalho (*Quercus* de folha caduca) e Carrascos (*Quercus coccifera*). Foram ainda identificadas madeiras que poderão estar relacionadas com a construção do sítio como o Pinheiro (*Pinus pinaster/pinea*) e *Acer cf. monspessulamun*. Algumas das espécies identificadas nos estudos carpológicos e antracológicos poderão estar ligadas ao consumo de alimentos como o Medronheiro (*Arbutus unedo*), folhas e ramos de *Ericaceae* (urzes), os cereais e as bolotas e ainda leguminosas como favas e ervilhas (RODRIGUES, 2020).

2. O sítio arqueológico do Castanheiro do Vento

2.1. Breve história da investigação do sítio

O sítio arqueológico do Castanheiro do Vento foi identificado em 1990 por António de Sá Coixão no decorrer de um programa de prospeção que tinha como finalidade a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (1996). O sítio viria a surgir identificado como um povoado do período Calcolítico. A identificação do sítio arqueológico ocorre quando um aluno de António Sá Coixão identifica um machado de pedra polida na encosta virada para a freguesia de Horta do Douro. Mais tarde, em 1983, sairia uma notícia que dava a conhecer à comunidade a identificação do local, “*O sítio encontrava-se coberto por grande quantidade de pedras de pequeno e médio porte, materiais arqueológicos como cerâmica, alguma com decoração penteada, lascas em quartzo, e um grande número de elementos de moinho fraturados, sugerindo a existência de estruturas pré-históricas*” (CARDOSO, J. C. M., 2007, 75).

É em 1998 que um grupo de investigadores, constituído por Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso e António de Sá Coixão, iniciam o primeiro projeto de investigação sobre Castanheiro do Vento, aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia, com o intuito de se compararem os resultados das escavações com os dados obtidos até à data em Castelo Velho de Freixo de Numão. Um dos objetivos era analisar o território como um todo e a forma como a ação do homem ao longo dos tempos afetou as especificidades naturais e geomorfológicas do território. No ano seguinte a estação arqueológica é apresentada à comunidade científica no 6th Annual Meeting of European Association of Archaeologists, realizado em Lisboa. Mais tarde foram-se associando ao projeto de investigação os seguintes arqueólogos: Susana Soares Lopes, Ana Vale, Leonor Sousa Pereira, Bárbara Carvalho, Sérgio Gomes e Gonçalo Leite Velho.

O resultado das intervenções arqueológicas tem sido apresentado à comunidade científica, desde as primeiras intervenções, tanto através dos relatórios anuais de escavação, como artigos de investigação e ainda trabalhos de cariz académico (CARDOSO, J. C. M., 2007; VALE 2003, 2011; PACHECO, 2019; RODRIGUES, 2020). As intervenções arqueológicas têm contado com o apoio da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa e da A.C.D.R. de Freixo de Numão. Nos últimos anos a direção das investigações arqueológicas estabeleceu um protocolo com a *Grampus Heritage and Training* (U. K.), que consiste num estágio prático, que

abrange o trabalho de campo e museológico, de 8 estudantes do Reino Unido ao longo de 4 semanas em Castanheiro do Vento.

Até 2006 as intervenções arqueológicas tiveram como objetivo principal a escavação em área com o intuito de recuperar a planta do sítio, de maneira a perceber-se como é que o espaço foi ocupado pelas comunidades que o viveram. Em algumas áreas do sítio foi realizada a escavação em profundidade com o objetivo de se definir a morfologia das estruturas e as suas técnicas construtivas empregues. A partir de 2012 já não se justificava a escavação em área da estação arqueológica, pois o plano arquitetónico geral do sítio, aparentemente já se encontrava definido. Iniciou-se assim a escavação em profundidade de forma a se compreender as estruturas, os materiais e os contextos onde estes se inserem, tendo sempre em mente que as camadas arqueológicas não correspondem a um período cronológico e/ou momento de ocupação. Os vestígios exumados em cada camada representam momentos que ocorrem ao longo da vida do sítio, momentos estes que poderão ser contemporâneos ou não, ou seja, os materiais de uma mesma camada podem não estabelecer qualquer tipo de associação ocorrendo em momentos distintos (CARDOSO, J. C. M., *et al.*, 2018).

Ao longo dos 21 anos (1998-2019) de trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento, à exceção dos anos de 2013 e 2014, onde se trabalhou apenas em gabinete, foi possível identificar três linhas de murete concêntricas, e uma quarta linha, que parece dividir o sítio em duas metades; estas são intercetadas por estruturas do tipo “bastião” e passagens, estruturas circulares de diferentes dimensões, uma grande estrutura designada por “torre”, um recinto principal e um recinto anexo (adossado ao murete 1). A arquitetura do sítio será abordada mais à frente nesta dissertação.

Através das datações de C14 foi possível inserir o sítio cronologicamente entre os finais do 1.º quartel do III milénio a. C. e o segundo quartel do II milénio a. C., mais precisamente entre 2875 e 1519 cal AC (intervalo que corresponde a 81,5% da distribuição estatística da amostra analisada). Esta janela temporal representa uma “continuidade sincrónica”, ou seja, um desenrolar de ações encadeadas ao longo de um período de tempo em que o sítio era habitado pelas comunidades que o viviam e moldavam. Foi ainda identificada uma data anterior à construção do sítio e algumas datas da Idade do Ferro. Estas últimas inserem-se num conjunto de práticas realizadas no sítio do Castanheiro do Vento após este ter sido abandonado. É necessário lembrar que os carvões datados são provenientes de áreas distintas do sítio e são fruto de uma ação que ocorreu naquele espaço; como tal ajudam a situarmo-nos no tempo, ainda que não possamos definir uma data exata de quando o sítio começou a ser erguido e vivido pelas comunidades, nem de quando este foi abandonado. Por exemplo, os embasamentos

(pétreos) dos muretes seriam erguidos em terra crua e provavelmente, devido ao clima, a sua construção seria sazonal não sendo, portanto, possível datar a construção de um murete pois esta ocorreria por etapas e não num único ato (VALE, 2011).

2.2. A questão dos “povoados fortificados”

O estudo dos recintos delimitados do III/II milénio a. C. tem gerado alguma discussão na comunidade científica peninsular, pois existem distintos pontos de vista para os tradicionalmente denominados “povoados fortificados”. De certo modo o ponto de vista para este tipo de sítios diverge devido à forma como o arqueólogo que os estuda interpreta o passado. No início do séc. XX os designados “povoados fortificados” calcolíticos eram associados à ideia de “colónia” (SIRET, 1908), que aplicada ao território peninsular defendia que durante o III milénio a. C. deu-se uma migração de comunidades que procuravam cobre (cf. JORGE, S. O., 1994). De forma a estas comunidades se imporem no território indígena ergueriam muralhas e bastiões que se destacavam na paisagem. Ao longo do séc. XX os defensores deste modelo difusionista assumiram uma atitude a favor das teorias que defendiam estas migrações por parte das comunidades vindas do Próximo Oriente. Para a teoria colonialista destacam-se nomes como H. Schubart (1971), Beatrice Blance (1971), E. Sangmeister (1960), entre muitos outros (cf. *idem, ibidem*). Mais tarde Sangmeister e Schubart acabam mesmo por abandonar o termo “colónia” e passam a designar este tipo de sítios como “feitorias” aplicando esta designação ao povoado do Zambujal (Torres Vedras). Defendiam que este local — cuja investigação ainda tem um papel emblemático na Pré-história da Estremadura portuguesa — teria sofrido um processo de aculturação entre comunidades indígenas e comunidades vindas de fora do território peninsular (JORGE, S. O., 1994, 1-4).

Já para os difusionistas que não se focam tanto na “versão colonial”, mas sim num “difusionismo orientalista matizado” realçam-se nomes como M. Fernández-Miranda (1985), Ana Maria Muñoz (1983) e, no caso português, C.V. Pinto e R. Pereira (1979) (cf. *idem, ibidem*).

Nos anos 80 e 90 do mesmo século surgem novas teorias interpretativas que seguem a mesma linha de pensamento; investigadores como João Luís Cardoso (1995, 2002), Germán Delibes de Castro e M. Fernández-Miranda (1993) e muitos outros passam de uma teoria “colonial/difusionista” para uma explicação “indigenista”. Este tipo de sítios continua a ser

visto como “povoados fortificados” erguidos com o intuito de serem locais defensivos, de cariz bélico, que serviriam para proteger os povos e bens, mas não seriam construídos por povos “estrangeiros”, mas sim pelos povos indígenas devido a um possível clima hostil durante o Calcolítico peninsular. Este clima de guerra era justificado através de um conjunto de fatores como o crescimento demográfico, uma forte sedentarização do homem, uma intensificação da economia, a afirmação de prestígio político, etc. (cf. CARDOSO, J. C. M., 2007, 398-406).

Ainda que a denominação de “povoados fortificados” para este tipo de recintos murados com bastiões continue a ser usado e defendido nos dias que correm, a partir do séc. XXI surgem novas teorias explicativas que se começam a distanciar das explicações de cariz militarista. Durante o III e o II milénio a. C. terão existido inúmeras variantes arquitetónicas, diferentes usos e períodos de ocupação que são resultado da própria evolução social com a interseção de diversas realidades culturais.

A. C. Valera (2006; 2008) é um dos investigadores portugueses que manifesta uma nova orientação teórica. Este arqueólogo interpreta os recintos (murados e de fossos) com uma perspetiva não funcionalista. Segundo ele o espaço era visto pelas comunidades pré-históricas como algo finito, dissimilar, existindo lugares centrais em que ao seu redor se estruturavam os restantes espaços. Defende ainda que o tempo seria captado através dos movimentos do sol, da lua e das colheitas, sem terem qualquer perceção de que este era independente e abstrato. Não existiria uma distinção entre o que é profano e o que é sagrado, viam o cosmos, a vida quotidiana e o ritual como um só. O autor defende esta teoria apoiando-se nos estudos de três sítios concretos: a rede de povoamentos de Fornos de Algodres, o recinto dos Perdigões e o recinto de Porto Torrão (VALERA, 2008, 112-126).

“Neste âmbito, a arquitectura e a organização da paisagem surgem como formas de mapear o universo, cujas características e histórias associadas podem ser “lidas”, “lembradas” e “vivas”, uma vez que estão inscritas em suportes físicos específicos, tanto no território como da vida animal e vegetal envolvente” (VALERA, 2008, 118).

Já anos antes a arqueóloga Susana S. Lopes surge com novas abordagens não militaristas para este tipo de sítios. Essas novas ideias, assentam não na atribuição de funções específicas aos espaços e suas materialidades, mas sim vê-los como sítios que poderão ter tido diversas realidades culturais fruto da própria evolução cultural de cada comunidade. Em 1994 a autora analisa 69 sítios arqueológicos da Península Ibérica que, até à data eram apelidados de “povoados fortificados”, passando a designá-los como “lugares monumentais” (e mais tarde de “recintos murados”). Estes locais são caracterizados por arquiteturas assentes em bases de pedra com paredes erguidas em materiais perecíveis. Os locais dividiam-se em diferentes tipologias

consoante a dimensão, a arquitetura, funcionalidade, implantação topográfica e a relação para com os lugares contemporâneos (necrópoles, santuários, outros recintos, etc.) (JORGE, S. O., 1994).

No atual território peninsular os recintos murados assentam, em regra, em sítios de altura dominantes na paisagem, mas tal não impede que ao seu redor não existam elevações mais altas como é o caso de Los Millares (Almería). A razão pela qual levou as comunidades a erguerem estruturas monumentais em locais de destaque na paisagem poderá ter sido para servirem como pontos de referência visuais para as comunidades. O período em que cada um foi utilizado varia de local para local; em média o período de uso ronda os 500 anos, contudo temos casos em que a ocupação ocorre ao longo de mais de 1000 anos e outros inferiores aos 500 anos.

Ao analisarmos este tipo de sítios em relação às suas características como “lugares de refúgio” podemos verificar que a grande maioria dos recintos murados do território peninsular não têm grandes condições defensivas. Os muros destes lugares são intercetados por uma grande quantidade de passagens tornando assim os sítios vulneráveis em caso de ataque/defesa. Os condicionalismos apresentados pela autora não descartam a hipótese de que em algum momento, certos recintos (principalmente os de maior dimensão), não terem servido de refúgio de comunidades. Susana Soares Lopes afirma ainda que, sem provas inequívocas de um estado de conflito aberto por parte das sociedades do IV ao II milénio a. C. da atual Península Ibérica não parece plausível a teoria de que estes recintos teriam uma função bélica (JORGE, S. O., 1994).

Em 1989, a autora inicia escavações arqueológicas no sítio do Castelo Velho de Freixo de Numão, e entendia-o como sendo um povoado fortificado. Anos mais tarde entre 1993 e 1994 começa a distanciar-se dessa ideia pois os resultados das intervenções arqueológicas em nada apontavam para um tipo de sítio de cariz militarista/bélico; passa assim a ver o sítio com outros olhos e a interpretá-lo como um lugar de encontro de comunidades que nada tinha de refúgio. Quando em 1998 se iniciam os trabalhos arqueológicos de Castanheiro do Vento, em articulação com os de Castelo Velho, é visível a semelhança entre sítios o que leva a que os investigadores que escavam em Castanheiro do Vento desenvolvam ideias muito semelhantes às da autora. Com o decorrer das intervenções arqueológicas, cada vez mais a ideia de que estes dois locais não teriam sido erguidos com o objetivo de refúgio e defesa, mas sim com o intuito de serem marcadores espaciais, locais comunitários onde haveria reuniões por partes dos grupos que habitariam nos vales vizinhos, se forma. No caso de Castanheiro do Vento é preciso lembrar que o sítio não se limitaria ao topo do monte, mas estaria disperso pelas encostas, algo que o tornaria vulnerável em caso de ataque.

Nos últimos anos este tipo de sítios tem sido alvo de reinterpretações e debate por parte da comunidade científica; recentemente Ana Vale reafirma que tal como Susana Soares Lopes referiu, em 1994, é importante deixar para trás a nomenclatura de “povoado fortificado” e passar a utilizar o termo “recinto murado”. Há que separar a função da forma arquitetónica, pois ainda que a arquitetura destes sítios apresente semelhanças tais como uma arquitetura monumental, feitas para durar; ligada à memória coletiva; que resulta de uma formalização do espaço de agregação; e de contatos entre pessoas; a função difere de sítio para sítio quer forma de habitar o espaço quer na duração de utilização dos mesmos. É por isso necessário analisar estes sítios a diversas escalas de forma a obtermos uma melhor compreensão dos mesmos e das comunidades que os “viveram” (VALE, 2019, 329-350).

2.3. Castanheiro do Vento: a arquitetura de um recinto murado

Ao chegarmos ao sítio do Castanheiro do Vento deparamo-nos com uma arquitetura de formas concêntricas, circulares e semicirculares, constituída por muretes intercalados por estruturas do tipo bastião (é de realçar que os arqueólogos que intervencionam o sítio, usam este termo sem lhe atribuir uma conotação militarista). A construção de um sítio como o do Castanheiro do Vento apresenta semelhanças com o ato de tecer, criando um entrançado de materiais, coisas e significados. Dá-nos a sensação de um processo de transformação contínuo onde se erguem estruturas, condenam-se outras, intercetam-se linhas de muretes, encerram-se passagens (JORGE, V. O., *et al.*, 2006, 98-105).

Sabe-se que o sítio do Castanheiro do Vento não se limitaria ao topo do cerro, mas abrangeria também as encostas, criando um sítio de grandes dimensões. A destruição dos vestígios arqueológicos que existiriam nas encostas leva-nos à incerteza de como seriam as estruturas ali erguidas, se é que terão existido. Essa falta de conhecimento leva a que apenas possamos falar da arquitetura presente na estação arqueológica, sem nunca esquecer que o sítio terá sido outrora muito maior e complexo.

Em 2007, João Muralha Cardoso, na sua tese de doutoramento, caracteriza o complexo arqueológico de forma precisa. O sítio é constituído por 4 linhas de murete, contudo o M4 não aparece mencionado na obra pois foi apenas identificado posteriormente. O murete 1 (M1) atinge os 75,3 m de comprimento (incluindo a curvatura dos bastiões), entre 0,70 m e 1,40 m de largura e é composto por duas passagens (P1 e P2) e quatro estruturas subcirculares do tipo

bastião (A, B, C e D). Apresenta ainda adossada uma grande estrutura circular pétreia, à qual se deu o nome de “torre”. O autor propõe no seu trabalho de investigação que este murete terminaria numa estrutura do tipo “talude”, composta por um conjunto de lajes alinhadas (em xisto), de tendência circular, paralelas às curvas de nível; o intervalo entre estes alinhamentos encontrava-se preenchido por lajes de xisto perpendiculares. Na zona mais a sul do murete este une-se a um outro recinto, o recinto anexo (ou secundário). No vão de acesso ao seu interior foi identificada uma laje de xisto do tipo “estela” que, ao contrário das restantes lajes deste tipo encontradas na estação arqueológica, não se encontra inserida nas paredes de delimitação da passagem nem na estrutura de estreitamento. Este recinto poderá ter servido outrora como “grande átrio monumental” de acesso à parte cimeira do sítio (CARDOSO, J. C. M., 2007, 129-131).

O recinto anexo é composto por duas passagens (P3 e P4) e duas estruturas do tipo bastião (E e F), sendo uma delas o alvo de investigação desta dissertação. Foram ainda identificados dois sistemas de contrafortagem, um deles junto ao bastião E, que desenvolve ao longo de cerca de 10 m (entre o bastião e a passagem). Devido à abertura de um caminho com o auxílio de maquinaria pesada, as lajes a este e a sudoeste não se encontram na sua posição original. O segundo sistema de contrafortagem foi identificado junto ao bastião F, numa pequena área bastante perturbada devido à construção de um muro histórico pertencente a uma casa rural (CARDOSO, J. C. M., 2007, 164).

A segunda linha de murete (M2) apresenta uma forma oval em que ambas as extremidades se encontram a sul, não muito distantes uma da outra. O seu perímetro é de 287,70 m e a largura oscila entre 1,10 m e 1,70 m. É composto por 11 estruturas de tipo bastião (G, H, J, K, L, Q, R, S, T e U) e intercetado por 6 passagens (P6, P7, P10, P11, P12 e P13).

A terceira linha de murete (M3) define o chamado recinto principal e é a mais interna do sítio. Apresenta um perímetro de 132,6 m e uma largura que varia entre 1,00 m e 1,80 m e é composto por 4 passagens (P8, P9, P14 e P15) e 6 estruturas do tipo bastião (M, N, O, P, V e W). Num primeiro momento a grande estrutura (designada como Torre Principal) integraria o murete 3, mais tarde ocorrem reformulações do espaço e esta grande estrutura passa a interromper o seguimento do mesmo. Inicialmente esta estrutura seria um bastião, tendo sido mais tarde transformada através da construção de um muro curvilíneo que formou um espaço fechado (CARDOSO, J. C. M., 2007, 117-120).

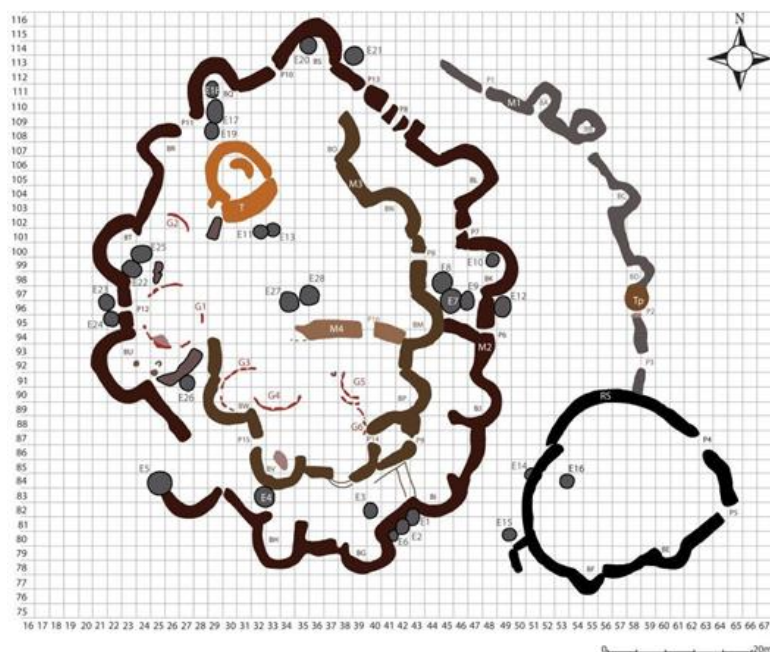


Figura 2- Croqui representativo da planta geral de Castanheiro do Vento (Desenho de J. Muralha)

Mais tarde foi identificado um quarto murete (M4) no interior do recinto principal, que se encontra perpendicularmente ao M3 acabando mesmo por se adossar ao mesmo, fugindo assim à tendência das restantes linhas de murete que se dispõem de forma paralela. Ainda que este murete se distinga dos outros quanto à sua forma e posição no sítio a sua construção apresenta semelhanças com os restantes muretes (VALE, 2011, 53).

Foram identificadas ainda, um pouco por todo o sítio arqueológico, 28 estruturas circulares de variadas dimensões. Devido à sua diversidade devem ser vistas individualmente e não como sendo todas do mesmo tipo.

Sítios como o Castanheiro do Vento, caracterizados por bases pétreas de estruturas do tipo murete de tendência circular que definem um ou mais recintos, intercetados por “bastiões” e erguidos em locais de destaque na paisagem são comuns durante o III e II milénio a. C. no território peninsular. Alguns dos sítios da Península Ibérica que apresentam semelhanças com o sítio do Castanheiro do Vento são: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa); Vila Nova de São Pedro (Azambuja); Zambujal (Torres Vedras) e Los Millares (Almeria, Andaluzia). Vítor Oliveira Jorge, ao abordar o sítio, chega mesmo a afirmar:

“Se partirmos da hipótese de que Castanheiro do Vento pertence, grosso modo, a um vasto mundo “mediterrâneo” de recintos de altura calcolíticos, em que Los Millares, em Almería (Espanha), ou Zambujal, na Estremadura portuguesa também se integram, vemos que é, entre todos os conhecidos, o situado mais a norte do hipotético “grupo”, na Península Ibérica” (JORGE, V. O., 2018, 4).

Não só no território peninsular encontramos paralelos com o Castanheiro do Vento, também no sul de França, na zona do Languedoque, foram identificados recintos deste tipo de período Calcolítico. Atualmente este tipo de sítios tem vindo a ser novamente alvo de investigação e interpretação. Ainda que o conceito de “povoado fortificado” seja utilizado por parte de muitos investigadores parece mais correto tratá-los como “recintos murados” pois, estes terão tido uma diversidade de funções, e em muitos casos não terá existido sequer qualquer tipo de função bélica (VALE, 2019).

2.4. Definição da área de estudo: a estrutura subcircular E

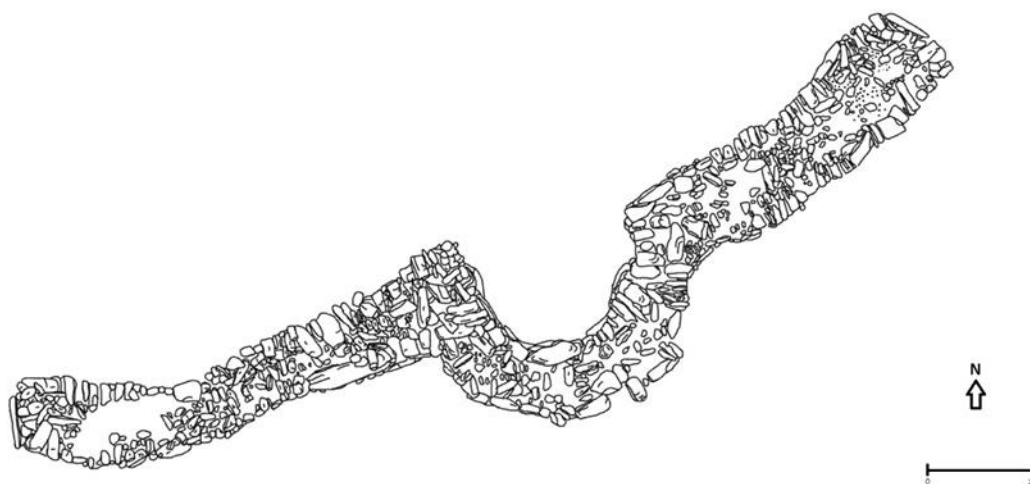


Figura 3- Estrutura subcircular E (Desenho de B. Carvalho, tratamento gráfico C. Simões)

A estrutura subcircular E, objeto de análise desta dissertação, foi identificada e intervencionada ao longo das campanhas arqueológicas de 2003 e 2004. Esta estrutura do tipo bastião pertence ao grupo II da tipologia de bastiões criada em 2007 por João Muralha Cardoso, na sua tese de doutoramento, ou seja, não possui lajes de xisto azul na sua estrutura e tem uma dimensão modal dos elementos que varia entre os 401 mm e os 600 mm. Na sua configuração arquitetónica foram utilizados materiais como o xisto e a argila, com lajes definidoras facetadas nas linhas externas e internas. Com uma área de 5,30 m², o vão de entrada mede 3,10 m, uma profundidade de cerca 1,80 m e as linhas de murete com uma espessura que ronda o 1,30 m (CARDOSO, J. C. M., 2007, 238).

No interior desta estrutura foram identificadas duas microestruturas (BE/ME 1 e BE/ME 2), definidas através de uma alteração da coloração do sedimento e porque se encontravam assentes no substrato geológico. A microestrutura BE/ME 2 tinha blocos de xisto de pequenas dimensões no seu interior, tal já não acontece na BE/ME 1. Durante as intervenções arqueológicas foi ainda identificado um buraco de poste no eixo central do bastião.

A estratigrafia detetada nesta estrutura difere da estratigrafia geral do sítio. A primeira grande diferença ocorre na UR03 (corresponde à camada 2/3 no resto da estação arqueológica) que, no caso do bastião E pertence a uma grande plataforma que encerra a estrutura e no restante sítio não passa de uma mera transição. No caso das UR05 e UR06 (que correspondem à camada 3 na restante área), apesar de estas apresentarem uma composição e coloração distinta das restantes áreas intervencionadas, contudo, os materiais destas unidades exumados no bastião E são contemporâneos dos das restantes áreas do sítio.

O estudo da fauna proveniente de Castanheiro do Vento, por Cláudia Costa (COSTA, 2007) e por Bruno Pacheco (PACHECO, 2019), revelou que a estrutura subcircular E é das estruturas com maior diversidade de espécies identificadas. Foram recolhidos no interior do bastião E restos faunísticos das seguintes “espécies”: bovino; ovi/caprino; coelho; equino e suíno. Ambos os autores mencionam ainda que o conjunto osteológico proveniente desta estrutura se encontrava num estado de extrema calcinação, ou seja, foram sujeitos a grandes temperaturas, neste caso estando mesmo em contacto com o fogo (PACHECO, 2019, 59).

A estrutura subcircular E foi datada através de C14, um carvão proveniente da camada 3 (mais precisamente da UR05/BE) que remeteu para meados do III milénio a. C., ou seja, compatível com o quadro cronológico geral do sítio. Assume-se, portanto, que em meados III milénio a. C. o bastião E foi uma estrutura ativa no quotidiano dos povos que viviam no sítio. Mais tarde (ainda durante o III milénio a. C.) a mesma torna-se inativa e é encerrada através da construção de uma plataforma.

Iremos apresentar no próximo capítulo desta dissertação a análise de todos os materiais provenientes desta estrutura, ou seja, fragmentos cerâmicos e material lítico.

3. Estudo da Componente Artefactual

Ao estudar uma estrutura não podemos apenas apoiar-nos nas suas técnicas construtivas ou na sua arquitetura porque muito mais que a estrutura em si são as materialidades nela exumadas. Para tal, no presente capítulo iremos estudar todo o conjunto artefactual proveniente da estrutura subcircular E, não tendo como objetivo reconstruir as ações que nesta terão ocorrido, mas sim analisar os materiais que resultaram de tais ações.

3.1. Material Cerâmico

3.1.1. Metodologia de análise

A cerâmica que analisamos não sofreu qualquer tipo de amostragem, todo o conjunto cerâmico exumado no Bastião E foi alvo de análise. Desta forma a amostra total é constituída por 1383 fragmentos.

A caracterização do material cerâmico baseou-se no trabalho realizado por Ana Vale (2003) para Castanheiro do Vento tendo ainda em consideração as propostas de Susana Soares Lopes para sítios contemporâneos da região Norte de Portugal (JORGE, S. O., 1986).

Foi atribuído a cada fragmento cerâmico um número de inventário composto pelo acrónimo CSTVNT, ano de campanha, número sequencial, localização com as informações da quadrícula, microcontexto e posição tridimensional sempre que a informação o permite. Os fragmentos foram divididos em bojos, bordos e colos (sempre que a acentuação permitisse fazer esta distinção).

Os critérios usados para a análise tecnológica centraram-se em quatro aspetos: a pasta; o estado da superfície; o tratamento de superfície e a coloração.

Em relação à pasta procurou-se verificar o tipo de textura: compacta (quando é uma pasta consistente, mas os e.n.p. não se encontram dispersos homogeneamente pela pasta); homogénea (quando é uma pasta consistente e os e.n.p. encontram-se dispersos de forma homogénea na pasta); friável (pastas pouco consistentes que se encontram num estado de degradação ou pelo tipo de fabrico ou devido a motivos pós-deposicionais). Procurou-se ainda

identificar macroscopicamente os tipos de elementos não plásticos presentes na pasta (por exemplo: mica, quartzo, feldspato, xisto, cerâmica), registando ainda o seu calibre.

Em relação ao estado de superfície verificamos se as superfícies (exterior e interior) se encontravam preservadas ou corroídas. São consideradas corroídas as superfícies que durante o uso da peça ou através de processos pós-deposicionais sofreram uma alteração da superfície original. Por isso, só é possível determinar a presença/ausência de tratamento de superfície nos fragmentos que se encontram preservados. É considerada uma superfície rugosa sempre que não se constata qualquer tipo de tratamento de superfície da peça. As superfícies alisadas ocorrem quando há um alisamento das paredes da peça com a pasta ainda húmida, para tal poderá ter sido usado um instrumento ou até mesmo as mãos; em alguns casos é possível observar marcas sobre forma de ligeiras caneluras deixadas pelo objeto usado para alisar as superfícies. Por último, são consideradas superfícies polidas todas as superfícies que apresentam um certo brilho provocado por movimentos de fricção de uma matriz quando a pasta já se encontra seca.

Na amostra estudada foi possível de identificar seis categorias de tratamento de superfície: 1.1(alisado/alisado); 1.2(alisado/polido); 1.3(alisado/rugoso); 2.1(polido/alisado); 2.2(polido/polido); 2.3(polido/rugoso).

Relativamente à cor do fragmento não se recorreu a nenhum sistema de cores (como por exemplo a tabela de cores de Munsell), por isso, a cor depende do investigador que a analisa, existindo sempre um certo grau de subjetividade. Analisou-se também a homogeneidade da coloração. Sempre que a coloração da superfície não se encontrava homogénea optou-se por se atribuir a cor predominante. A coloração não homogénea pode ocorrer devido a diversos fatores, tais como o tipo de cozedura a que a peça foi sujeita, o próprio manuseio da mesma, e mesmo a fatores pós-deposicionais .

Relativamente à coloração das superfícies externas e internas, distinguimos as seguintes categorias cromáticas: 1.1(bege/bege); 1.2(bege/castanho); 1.3(bege/cinzento); 1.4(bege/laranja); 1.5(bege/vermelho); 2.1(castanho/bege); 2.2(castanho/castanho); 2.3(castanho/cinzento); 2.4(castanho/laranja); 2.5(castanho/vermelho); 3.1(cinzento/bege); 3.2(cinzento/castanho); 3.3(cinzento/cinzento); 3.4(cinzento/laranja); 3.5(cinzento/vermelho); 4.1(laranja/bege); 4.2(laranja/ castanho); 4.3(laranja/cinzento); 4.4 (laranja/laranja); 4.5(laranja/vermelho); 5.1(vermelho/bege); 5.2(vermelho/castanho); 5.3(vermelho/cinzento); 5.4(vermelho/laranja); 5.5(vermelho/vermelho).

As cerâmicas decoradas do Castanheiro do Vento podem ser divididas em quatro grupos consoante a técnica decorativa aplicada: decorações plásticas; decorações excisas; decorações

incisas; decorações espatuladas. No caso do Bastião E todos os fragmentos cerâmicos decorados integram-se no grupo das decorações impressas. São consideradas decorações impressas aquelas em que é usada uma matriz dupla que vai imprimindo diversos motivos decorativos (impressão de cana, ungulada e penteada).

Obteve-se ainda a espessura (em milímetros) de todos os fragmentos, assim como o estado em que se encontram as arestas (frescas ou erodidas).

3.1.2. Classificações e construções tipológicas

“Our minds are constantly at work thrusting organization into sense data even onto the most uncompromising sensory material, for one thing we cannot abide is chaos of sensations in the perceptual field.”
(CATTEL, 1941, 4681)

O ser humano ao observar um conjunto de objetos inconscientemente acaba por reconhecer pequenos detalhes que o caracterizam podendo agrupá-los consoante as suas semelhanças e diferenças. O mesmo acontece com o arqueólogo que ao analisar os artefactos vai agrupá-los consoante os seus atributos técnicos, formais e estilísticos criando assim tipologias. Cada tipo corresponde a uma idealização do objeto perfeito que apresenta um conjunto de características específicas, das quais os materiais estudados se aproximam ainda que não sejam uma réplica do objeto ideal criado. Os atributos extrínsecos, como por exemplo a função do artefacto, também foram tidos em conta, pois não podemos ignorar o facto de a funcionalidade de um objeto variar consoante o contexto em que se encontra.

De forma a ser possível uma leitura interpretativa da cerâmica do Bastião E para além da caracterização metodológica dos fragmentos classificou-se, sempre que possível, o tipo de forma e o tipo de organização decorativa do fragmento.

Tipologia de Formas

Devido às semelhanças morfológicas dos conjuntos cerâmicos das estações arqueológicas do Castanheiro do Vento e de Castelo Velho de Freixo de Numão, os investigadores optaram por não criar uma tipologia de formas distinta, usando assim a criada por João Muralha Cardoso (1996) para Castelo Velho. A arqueóloga Ana Vale justifica esta escolha na sua dissertação de mestrado: “Neste sentido, apresentaremos a tipologia desenvolvida pelos investigadores que se debruçaram sobre a estação arqueológica de Castelo Velho, ainda que, até ao momento não tenham sido detetados todos os tipos e subtipos criados no âmbito do projeto referido. Contudo, pensamos que a tipologia que utilizamos se aproxima da realidade do material cerâmico e que não seria correto a elaboração de uma tipologia de formas independente para Castanheiro do Vento (...)” (VALE, 2003, 53).

Neste trabalho irá ser utilizada a mesma tipologia morfológica usada por João Muralha Cardoso (1996) para o estudo da cerâmica de Castelo Velho de Freixo de Numão, pois esta apresenta um maior número de tipos e subtipos semelhantes à nossa amostra. Ainda assim foram tidas em consideração as tabelas tipológicas criadas para Castanheiro do Vento nos seguintes trabalhos: Ana Vale (2003) e Rui Pinheiro (2007).

Devido ao elevado estado de fragmentação da cerâmica proveniente do Bastião E e ao facto de não identificarmos colagens, não foi possível obter valores que nos permitissem elaborar índices de profundidade, volume ou abertura de boca. Como consequência, não se pode analisar a capacidade/litragem dos recipientes.

Tipo I

Os recipientes deste tipo apresentam uma forma tendencialmente esférica com uma abertura inferior ao diâmetro máximo da peça.

Tipo II

Os recipientes do tipo II têm forma tendencialmente esférica mais alta que o tipo I com um tipo de boca mais fechada. Este tipo de forma subdivide-se em 3:

- a) Recipiente de tendência esférica sem colo marcado;
 - b) Recipiente de tendência esférica com colo ligeiramente marcado;
 - c) Recipiente de tendência esférica com colo marcado.
-

Tipo IV

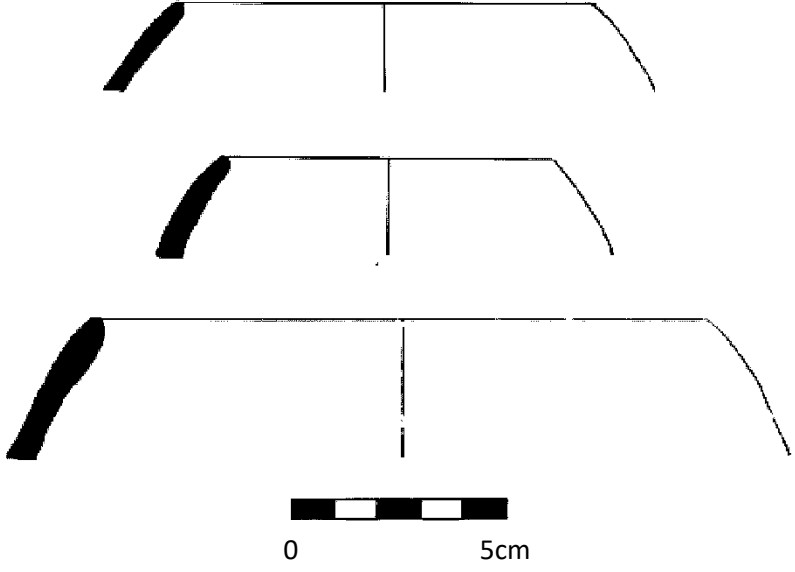
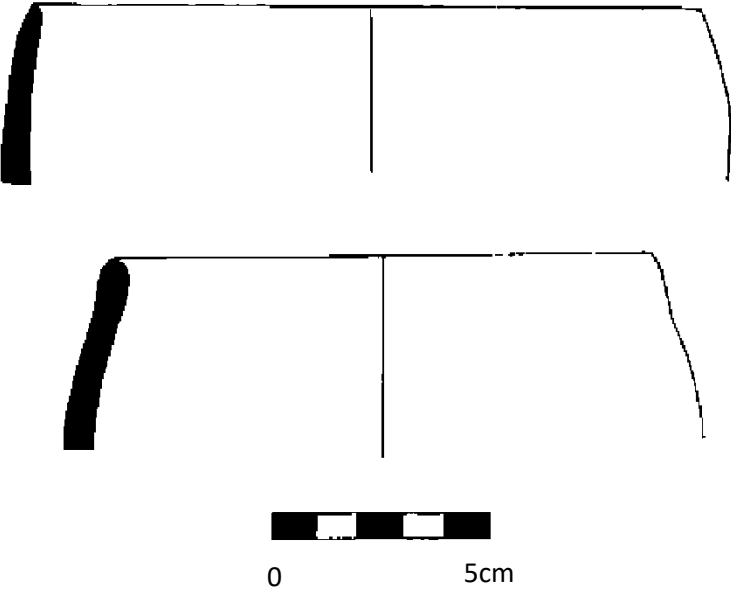
Recipientes do tipo taça com forma do tipo calote de esfera. Este tipo subdivide-se em quatro subtipos tendo sido identificado apenas um:

- a) Taças de forma semiesférica em calote.

Tipo V

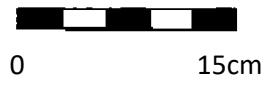
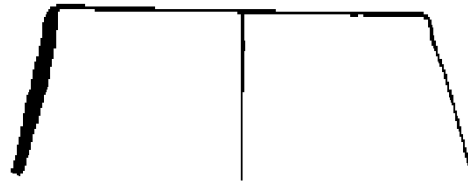
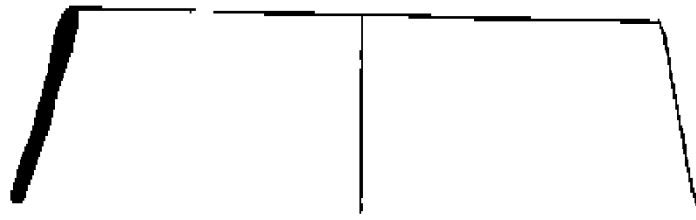
Os recipientes do tipo V apresentam forma ovoide e na grande maioria são de grandes dimensões. Este tipo de forma é composto por três subtipos:

- a) Recipiente sem colo marcado;
- b) Recipiente com colo ligeiramente marcado;
- c) Recipiente com colo estrangulado.

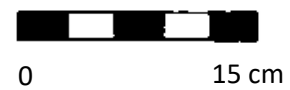
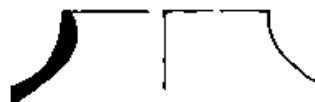
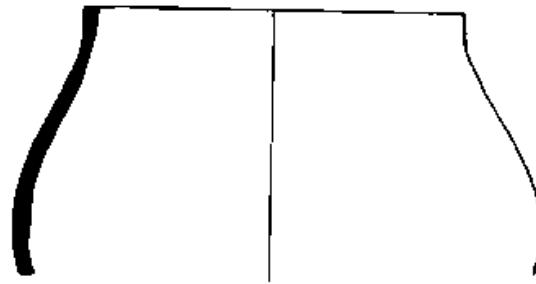
<p>Tipo I</p>	
<p>Tipo II</p>	<p>a</p> 

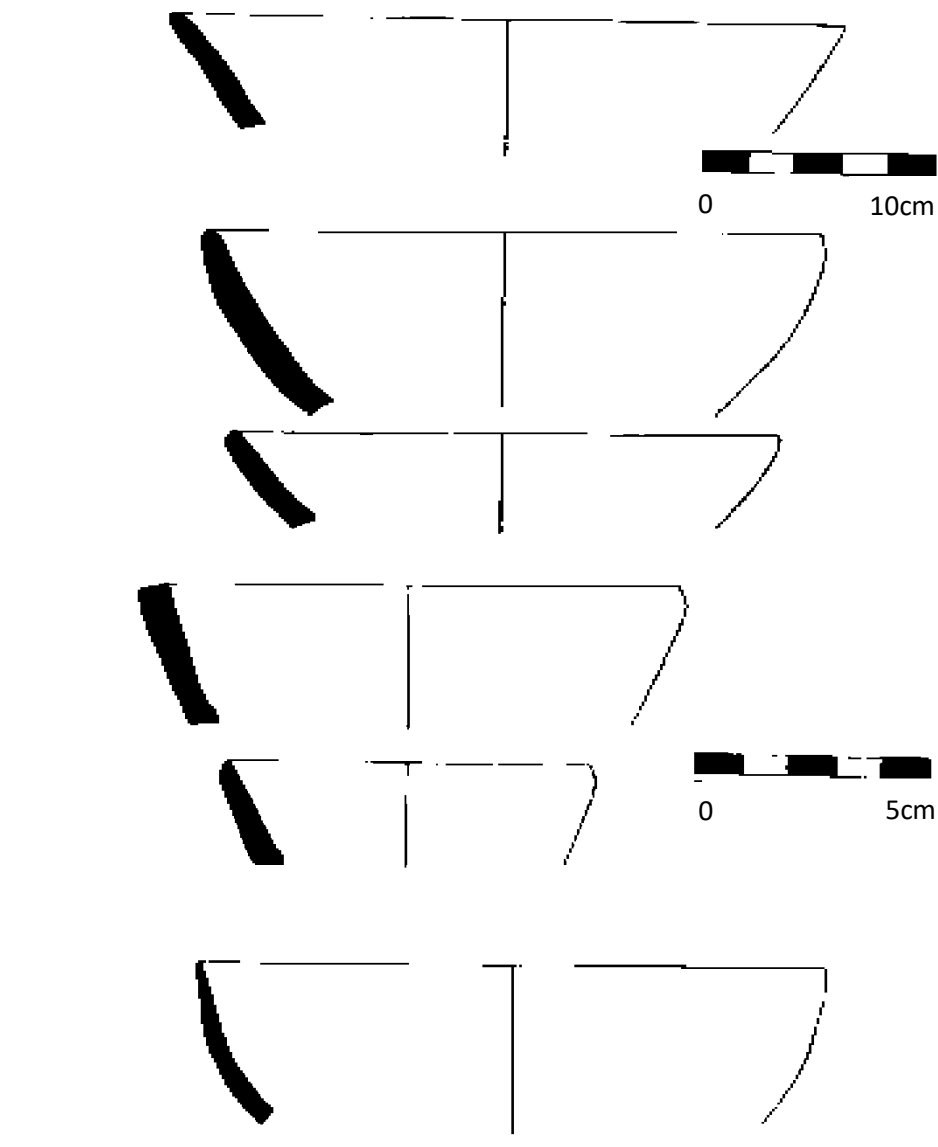
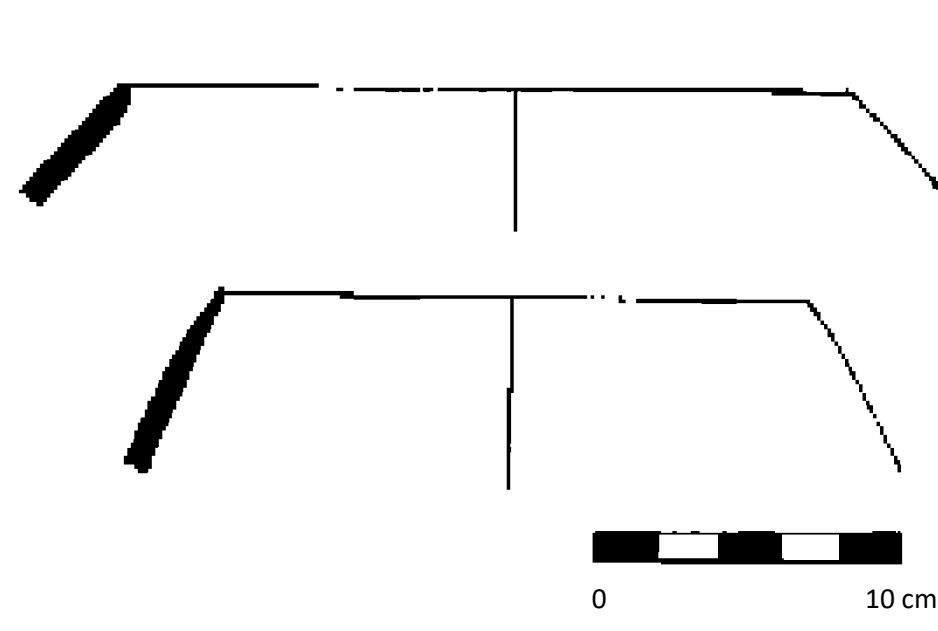
Tipo II

b



c



<p>Tipo IV</p>	<p>a</p>	 <p>Architectural drawings of Tipo IV 'a' showing three views of a structure with a curved top edge. A 10cm scale bar is located in the top right, and a 5cm scale bar is in the middle right.</p>
<p>Tipo V</p>	<p>a</p>	 <p>Architectural drawings of Tipo V 'a' showing two views of a structure with a flat top edge and angled sides. A 10cm scale bar is located in the bottom right.</p>

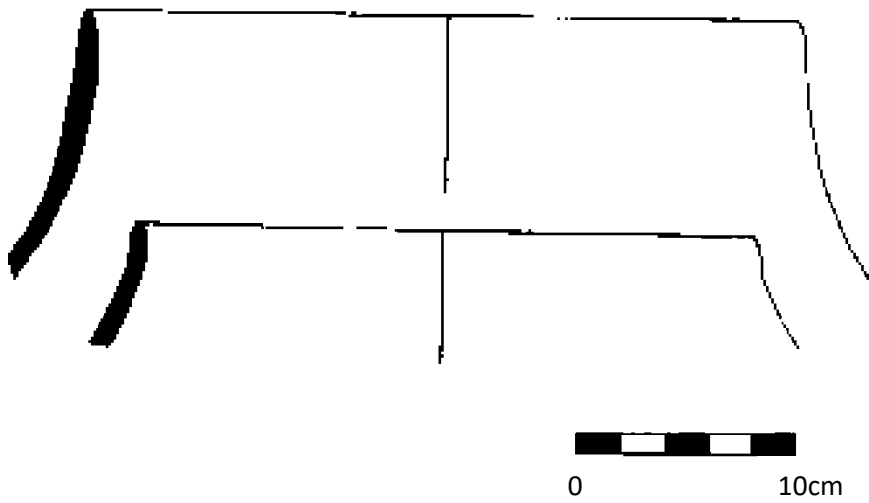
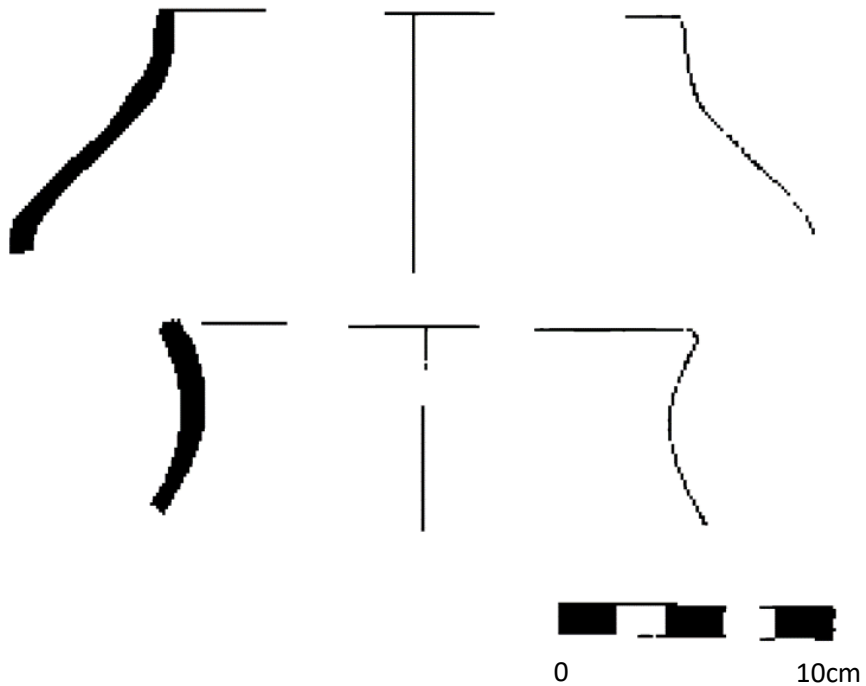
	b	
<p>Tipo V</p>	c	

Tabela 1- Tabela geral de formas

Tipologia de organizações decorativas

A amostra cerâmica do Bastião E possui 245 fragmentos decorados, no entanto, tendo em conta o elevado grau de fragmentação, apenas nos foi possível identificar as organizações decorativas em 70 fragmentos.

A tipologia de organização decorativa usada neste estudo foi criada em 2003 por Ana Vale para as cerâmicas de Castanheiro do Vento. Esta tipologia obedece a dois critérios distintos: as organizações decorativas e as técnicas decorativas. A realidade que temos presente no Bastião E não é tão diversificada como a que existe em outros espaços do Castanheiro do Vento. Todas as tipologias decorativas encontradas nos fragmentos decorados do Bastião E têm como técnica decorativa por impressão.

Tipo I (a) 1

Banda decorada por impressão penteada retilínea/ondulada, paralela ao bordo, que poderá resultar ou não da múltipla passagem do pente.

Tipo II (a)

Sequência horizontal de bandas decoradas por impressão penteada tendo espaços não decorados propositadamente entre elas.

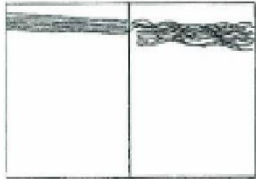
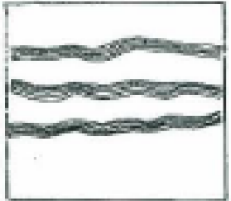
Tipo I a.1.		Tipo II a	
--------------------	---	------------------	---

Tabela 2- Tabela de formas decorativas

3.1.3. Análise do conjunto cerâmico

A análise do material cerâmico será dividida por unidades de registo atribuídas este ano ao Bastião E, e estas correspondem às camadas usadas nos primeiros anos de intervenção do sítio arqueológico. Optamos assim por converter estas camadas em unidades de registo de forma a esta dissertação se enquadrar com a metodologia de escavação usada no sítio arqueológico de Castanheiro do Vento nos últimos anos. Serão assim analisados todos os materiais cerâmicos provenientes do Bastião E por unidade de registo comparando os dados entre elas no final: assim como com os restantes materiais arqueológicos desta estrutura.

As duas primeiras unidades de registo (UR01/BE e UR02/BE) correspondem aos níveis da camada humosa e das primeiras decapagens não tendo por isso um impacto significativo em termos estatísticos. A UR03/BE representa a estrutura de condenação deste Bastião sendo que todos os materiais provenientes desta unidade fariam parte do enchimento da plataforma. A partir da UR04/BE já passaremos a tratar de níveis de utilização uniformes à exceção da UR07/BE que corresponde a uma pequena estrutura do tipo fossa identificada no interior do Bastião.

3.1.3.1. Caracterização de dados por Unidade de Registo

- **Unidade de Registo 01**

Esta unidade de registo corresponde à camada humosa, os fragmentos encontraram-se por isso muito dispersos e sem qualquer inserção contextual. Foram encontrados 9 fragmentos cerâmicos, ou seja, apenas 0,7% da totalidade, não tendo por isso qualquer tipo de impacto em termos estatísticos na amostra total.

Todos os fragmentos desta UR são classificados como bojós, à exceção de um fragmento de bordo não decorado. As pastas são maioritariamente compactas, existindo apenas uma ocorrência em que a pasta é homogénea. Quanto aos e.n.p. a mica encontra-se presente em todos eles; oito dos fragmentos contêm vestígios de quartzo tendo um deles também vestígios de xisto.

As superfícies exteriores encontram-se todas elas preservadas assim como as superfícies interiores. O tratamento de superfície preferencial é o polimento tanto nas superfícies externas (8)¹ como na parte interna do fragmento (7); as superfícies que não sofreram polimento encontram-se alisadas tanto na parte externa (1) como na parte interna (2) do fragmento. Ao observarmos estes dados é possível verificar que há uma predominância da categoria de superfície 2.2(polida/polida) existindo ainda um fragmento da categoria 1.1(alisada/alisada) e outro pertencente à categoria 2.1(polida/alisada).

Quanto à coloração dos fragmentos, 89% da amostra apresenta uma coloração homogénea em ambas as superfícies. O castanho predomina tanto na superfície externa (8) como na interna (5). Registamos a cor vermelha em duas das superfícies externas e duas das superfícies internas. Existe ainda uma superfície interna de cor cinzenta e outra cor de laranja. Predomina a categoria cromática 2.2(castanho/castanho) que se traduz em 55,5% da amostra.

Apenas dois fragmentos se encontram decorados. A técnica decorativa usada foi a impressão penteada; um dos fragmentos apresenta um penteado curvilíneo e o outro um penteado retilíneo. Não foi possível atribuir o tipo de organização decorativa pois encontravam-se muito fragmentados.

Tendo em conta a espessura dos fragmentos foi possível realizar alguns testes estatísticos importantes para a obtenção de tipologias:

Média = 8,33; Desvio-padrão = 1,22; Coeficiente de variação = 14,64

Na unidade de registo 01 identificou-se um tipo de forma:

tipo II (c) - trata-se de um fragmento de bordo com superfícies polidas e de cor castanha. Apresenta uma pasta compacta onde se podem observar e.n.p. como a mica e o quartzo de grande calibre (> 1 mm). A espessura é de 9 mm e não apresenta qualquer tipo de decoração.

○ **Unidade de Registo 02**

Esta unidade de registo corresponde às primeiras decapagens realizadas no Bastião E. Tal como a unidade de registo anterior, a UR02 não tem impacto em termos estatísticos.

¹ São apresentados entre parênteses os valores absolutos ou percentuais dos fragmentos cerâmicos, este processo repete-se nos restantes materiais arqueológicos analisados ao longo desta dissertação.

Contabilizamos apenas 18 fragmentos representando 1,37% do conjunto cerâmico do Bastião E. Dos 18 fragmentos encontrados, 17 deles são bojos e apenas um bordo.

As pastas são essencialmente compactas (61%), sendo as restantes homogêneas (59%). Os e.n.p. mais frequentes são a mica (18) e o quartzo (18). Identificaram-se ainda dois fragmentos com xisto e um fragmento com feldspato.

A totalidade da amostra encontra-se em bom estado de conservação, tanto nas superfícies externas como nas superfícies internas.

Relativamente ao tratamento da superfície, quer as superfícies externas (15) como as internas (15) predomina o polimento; as restantes três superfícies exteriores/interiores foram apenas alisadas.

Verifica-se uma homogeneidade cromática nas superfícies externas (12), assim como nas internas (15).

O castanho predomina em ambas as superfícies. Está presente em 11 superfícies exteriores e em 7 internas. A cor laranja foi identificada em 3 superfícies internas e 3 externas. As superfícies de cor bege ocorrem com menor frequência sendo que apenas foram identificadas em duas superfícies externas e duas internas. Foram ainda identificadas 5 superfícies internas de cor cinzenta. A categoria cromática predominante é a 2.2(castanho/castanho), presente em 33,3% da amostra, seguindo-se a 2.3(castanho/cinzento), que ocorre em 16,6%.

Apenas 22,2% (4) das cerâmicas provenientes desta unidade de registo são decoradas. A técnica aplicada é a impressão penteada, e todas elas apresentam um penteado ondulado. Foi possível identificar uma organização decorativa do tipo II (a) num dos fragmentos.

Ao realizarem-se os testes estatísticos abaixo apresentados foi possível verificar o carácter variável da espessura dos fragmentos desta UR.

Média = 7,4; Desvio-padrão = 1,4; Coeficiente de variação = 18,9.

Nesta unidade de registo foi possível registar um tipo de forma:

tipo IV – Fragmento de bordo de pasta compacta com inclusões de mica e quartzo de médio (0,5-1 mm) calibre. Ambas as superfícies foram alisadas e são de cor castanha. Apresenta espessura de 8 mm.

○ **Unidade de registo 03**

A unidade de registo 03 corresponde ao nível da plataforma, de onde é proveniente 16,2% (212) do conjunto cerâmico do bastião E. Dos 212 fragmentos cerâmicos, 95,7% (203) são fragmentos de bojo, 3,8% (8) são fragmentos de bordo, e apenas um fragmento de colo identificado.

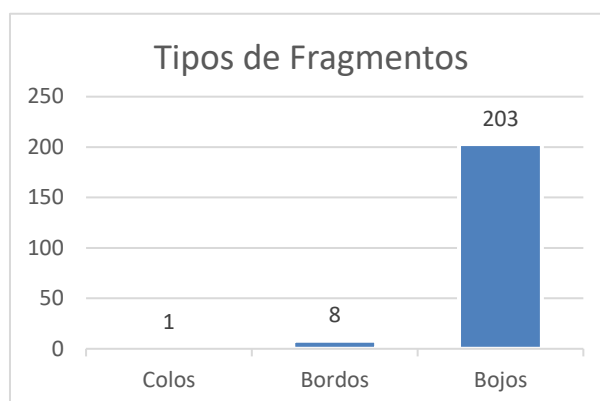


Gráfico 1- Tipologia de Fragmentos da UR03

Atendendo ao tratamento de superfície de ambas as faces dos fragmentos podemos

observar um predomínio da categoria 2.2(polido/polido), que ocorre em 80,6% dos fragmentos; as categorias 1.2(alisado/polido) e a 2.1(polido/alisado) representam cada uma 5,2% da amostra total.

Quanto à coloração das superfícies podemos afirmar que mais de metade das superfícies externas (68,3%) e das superfícies internas (81,1%) apresentam homogeneidade cromática. A cor castanha predomina em ambas as superfícies, estando presente na exterior em 136 dos casos e em 118 das superfícies internas. O vermelho encontra-se representado na superfície exterior de 24 fragmentos, e em 25 das superfícies internas. O bege foi identificado em 18 superfícies exteriores e em 12 superfícies internas. O cinzento foi identificado em 13 das superfícies externas e 27 das superfícies internas. Por último, foi identificada a cor laranja em 13 das superfícies externas e 25 das superfícies internas.

Atendendo às categorias cromáticas é a categoria 2.2(castanho/castanho) que ocorre mais vezes, registada em 42,5% (90) dos fragmentos, seguida da 2.3(castanho/cinzento) em 8,9%. Com menor frequência surgem as seguintes categorias: 2.4(castanho/laranja) com 6,1%; 5.5(vermelho/vermelho) com 5,7%; 2.5(castanho/vermelho) com 5%; e 1.1(bege/bege) com 4,2% de ocorrência.

Os fragmentos decorados representam 16,5% do total da amostra proveniente da UR03. Todas elas têm como técnica decorativa a impressão penteada, sendo a temática decorativa a impressão penteada ondulada em 77% dos casos e a impressão penteada retilínea em 23%.

Atendendo à espessura dos fragmentos foi possível fazer os seguintes testes estatísticos: Média = 8,2; Desvio-padrão = 1,4; Coeficiente de variação = 17.

Foi possível registar dois tipos de cerâmica nesta UR, através dos seguintes fragmentos:

tipo I- Fragmento decorado de pasta compacta com inclusões de mica e quartzo de médio calibre (0,5-1 mm). O tratamento de superfície aplicado em ambas as faces é o polimento. Coloração homogénea de cor bege em ambas as faces. A técnica decorativa é a impressão penteada com uma organização do tipo II (a). Apresenta espessura de 6 mm.

tipo V- Fragmento decorado, de pasta compacta. Presença de e.n.p. como mica, quartzo e feldspato de médio calibre (0,5-1 mm). O tratamento de superfície em ambas as faces foi o polimento. A coloração insere-se na categoria 2.2(castanho/castanho). A decoração foi feita através da impressão penteada tendo como organização decorativa o tipo I(a). O fragmento apresenta espessura de 9 mm.

○ **Unidade de registo 04**

A unidade de registo 04 contém na sua totalidade 50 fragmentos cerâmicos que se dividem em três tipos: bojós (44), bordos (5) e colos (1).

As pastas são maioritariamente compactas (78%); existem ainda fragmentos de pasta homogénea (20%), e apenas um fragmento de pasta friável. Quanto aos e.n.p. foi possível identificar os seguintes: mica (50); quartzo (44); xisto (3); feldspato (2).

O nível de corrosão da amostra é quase nulo, existindo apenas um fragmento corroído na face exterior e outro na face interior.

O tratamento de superfície mais aplicado foi o polimento, identificado em todas as superfícies externas e em 94% das internas. Foram ainda identificadas duas superfícies internas alisadas. Predomina assim a categoria 2.2(polido/polido) nos fragmentos cerâmicos desta unidade.

A homogeneidade cromática predomina nas superfícies, sendo que apenas 8% das superfícies externas e 8% das internas não têm uma coloração uniforme.

A cor predominante é o castanho, encontra-se presente em 68% das superfícies externas e em 50% das internas. O cinzento foi identificado em 12% das superfícies externas e em 28% das internas. A cor laranja encontra-se representada em 12% das superfícies externas e em 10% das internas. Também o vermelho foi identificado em ambas as superfícies, mais precisamente

em 4% das superfícies externas e 10% das internas. Foi ainda identificada uma superfície externa bege.

A categoria cromática mais frequente é a 2.2(castanho/castanho) com 46%, segue-se a categoria 2.3(castanho/cinzeno) com 14%. Também foram identificadas as seguintes categorias cromáticas: 3.3(cinzeno/cinzeno), com 12%; 4.4(laranja/laranja), com 8%. As categorias 4.5(laranja/vermelho) e 5.5(vermelho/vermelho) apenas surgem representadas uma vez cada.

Foram identificados 13 fragmentos cerâmicos decorados, sendo três deles bordos. A técnica decorativa aplicada em todos foi a impressão penteada. A impressão penteada ondulada está presente em 7 fragmentos e a impressão penteada retilínea encontra-se representada em 5 fragmentos. Foi possível identificar a organização decorativa em 5 fragmentos, sendo que três apresentam uma organização do tipo I(a), e dois uma organização do tipo II(a).

As espessuras do conjunto cerâmico da UR04 apresentam pouca homogeneidade tendo em conta os valores obtidos nos seguintes testes estatísticos:

Média = 8,7; Desvio-padrão = 1,5; Coeficiente de variação = 17,24.

Nesta unidade de registo identificou-se um tipo morfológico:

tipo IV(a)- fragmento decorado, com uma organização decorativa do tipo I(a). Pasta do tipo homogénea com inclusões de mica e quartzo de pequeno (<5 mm) calibre. Ambas as superfícies foram polidas e são as duas de cor castanha. A espessura é de 9 mm.

○ **Unidade de registo 05**

Os fragmentos cerâmicos da UR05 perfazem um total de 583, o que representa 44,5% do conjunto artefactual cerâmico do bastião E. Estes 583 fragmentos são compostos por: 544 bojos, 36 bordos e 3 colos.

As pastas são maioritariamente compactas, identificadas em 73% dos casos. As pastas homogéneas representam 21,3% da amostra e as pastas

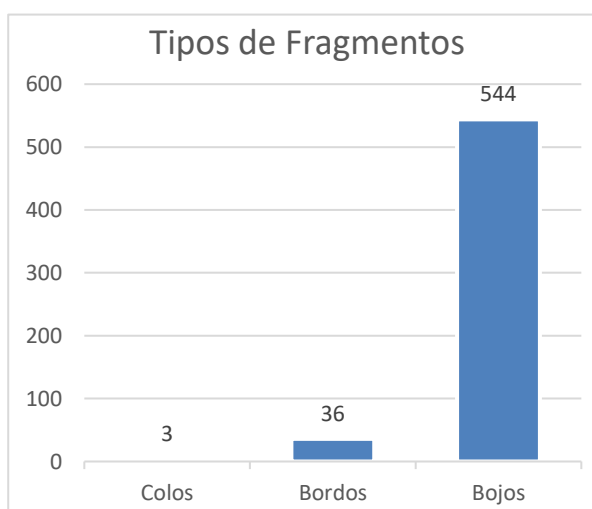


Gráfico 2- Tipologia de fragmentos da UR05

friáveis 5,7%. Os e.n.p. predominantes são a mica, presente em todos os casos, e o quartzo presente em 84% (490). Foram ainda identificados os seguintes e.n.p.: feldspato, em 9% (52); xisto, em 3,8% (22); cerâmica, em 1% (4); e ainda o granito em 0,7% (4).

Na grande maioria dos fragmentos as superfícies encontram-se bem preservadas, sendo que o grau de corrosão das superfícies externas é de apenas 2,6% e de 2% nas superfícies internas.

A técnica predominante aplicada nas superfícies externas é o polimento, presente em 90,2% (525) dos fragmentos, sendo as restantes alisadas (7,7%). O mesmo sucede nas superfícies internas, sendo que 89,5% (521) encontram-se polidas, 8% (47) foram alisadas e existe ainda uma ocorrência em que a superfície interna não sofreu qualquer tipo de tratamento.

Ao observarmos a relação entre a técnica de superfície exterior/interior destaca-se a categoria 2.2(polida/polida), com 490 (84%) dos casos. Com menor ocorrência temos a categoria 1.1(alisada/alisada) com 23 (4%) casos, a 1.2(alisada/polida) com 21 (3,6%), a 2.1(polida/alisada) com 21 (3,6%) fragmentos e por último a 1.3(alisado/rugoso) com apenas uma ocorrência.

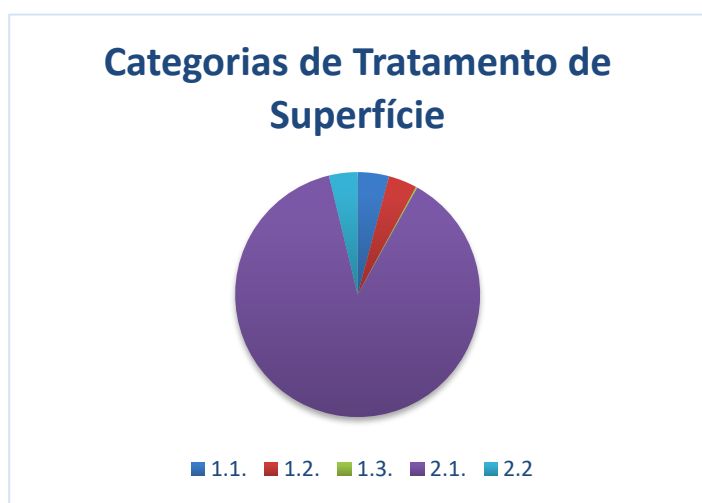


Gráfico 3- Tratamento de superfície da UR05

A homogeneidade cromática dos fragmentos desta UR predomina, sendo que apenas 24,1% das superfícies externas e 10,6% das superfícies internas não apresentam uma coloração homogênea. A cor predominante é o castanho, tanto nas superfícies externas (342) como nas superfícies internas (272). O cinzento não apresenta uniformidade de ocorrências tendo sido identificado em 62 superfícies externas e em 139 das internas. A cor laranja foi identificada em 82 superfícies externas e em 64 internas. O vermelho surge em 52 superfícies externas e em 67 das internas, já o bege surge com menor número de ocorrências, mais precisamente em 33 das superfícies externas e 26 das internas.

Atendendo à coloração de ambas as superfícies foi possível verificar um predomínio da categoria cromática 2.2(castanho/castanho), presente em 35,8% da amostra, seguindo-se o tipo 2.3(castanho/cinzento) que representa 12,1% da amostra.

Foram registados 112 fragmentos decorados, o que representa 19,2% da amostra proveniente da UR05. Todas elas foram feitas usando a impressão penteada, em 59 fragmentos foram identificadas impressões penteadas onduladas, os restantes 52 fragmentos apresentam

impressões penteadas retilíneas. Foi ainda identificado um fragmento que apresenta uma impressão penteada ungulada. Dos fragmentos decorados em que foi possível identificar a organização decorativa é possível encontrar um maior número de ocorrências do tipo II (22); identificaram-se ainda 6 fragmentos com uma organização decorativa do tipo I.

A espessura dos fragmentos cerâmicos desta UR revelou-se pouco homogénea, como se pode observar nas estatísticas abaixo apresentadas:

Média = 8; Desvio-padrão = 2,19; Coeficiente de variação = 27,37.

Registaram-se 4 tipos morfológicos diferentes nesta unidade de registo, passamos a descrever os fragmentos que permitiram essa identificação.

tipo I- Fragmento de pasta compacta, onde se registou mica, quartzo e feldspato de calibre médio. O tratamento de superfície é caracterizado pela categoria 1.1(alisada/alisada) e a cor pela categoria 2.1(castanho/bege), com uma espessura de 21 mm.

- Fragmento de pasta homogénea, com inclusões de mica e quartzo de pequeno calibre. O tratamento de superfície é caracterizado pela categoria 2.2(polida/polida) e a cor pela categoria 1.1(bege/bege), com uma espessura de 4 mm.

- Fragmento decorado com impressão penteada curvilínea. A pasta é compacta com inclusões de mica, quartzo e granito de grande calibre. O tratamento de superfície é o polido em ambas as faces e a coloração corresponde à categoria 4.4(laranja/laranja). Apresenta espessura de 7 mm.

- Fragmento decorado com impressão penteada. A pasta é do tipo compacto, com inclusões de mica e quartzo de médio calibre. O tratamento de superfície é do tipo 2.2(polida/polida), com uma coloração do tipo 2.2(castanho/castanho). Apresenta espessura de 7 mm.

tipo II- Fragmento de pasta compacta, com quartzo e mica de calibre médio. Superfícies polidas com uma coloração de categoria 4.1(laranja/bege). Apresenta espessura de 7 mm.

tipo IV- Fragmento de pasta compacta com inclusões de mica, quartzo e feldspato de calibre médio. O tratamento de superfície insere-se na categoria 2.1(polida/alisada), em ambas as superfícies identificou-se a cor bege. A espessura do fragmento é de 9 mm.

- Fragmento de pasta compacta, com mica e quartzo de grande calibre. Ambas as superfícies foram polidas e são de cor castanha. Tem espessura de 7 mm.

- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica, quartzo e feldspato de grande calibre. O tratamento de superfície insere-se na categoria 2.2(polida/polida). Ambas as superfícies são de cor laranja. Apresenta espessura de 10 mm.

tipo V- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica e quartzo de grande calibre. O tratamento de superfície insere-se na categoria 2.2(polida/polida) e a coloração no tipo 2.2(castanho/castanho). Apresenta espessura de 7 mm.

- Fragmento de pasta compacta com mica quartzo e xisto de grande calibre. O tratamento de superfície insere-se na categoria 2.2(polida/polida) e a coloração na categoria 4.2(laranja/castanho). Apresenta espessura de 9 mm.

- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica e quartzo de médio calibre. Ambas as superfícies encontram-se polidas e são de cor laranja. Apresenta espessura de 8 mm.

○ **Unidade de registo 06**

Os fragmentos cerâmicos provenientes da UR06 representam 26% da amostra total. Dos 342 fragmentos, 312 são bojos, 28 são bordos e dois deles colos.

As pastas são na grande maioria compactas, o que se traduz em 73,4% (251) da amostra, seguindo-se o tipo homogéneo com 24,3% (83). Existem ainda oito ocorrências em que a pasta é de tipo friável. A mica (342) e o quartzo (275) são os e.n.p.

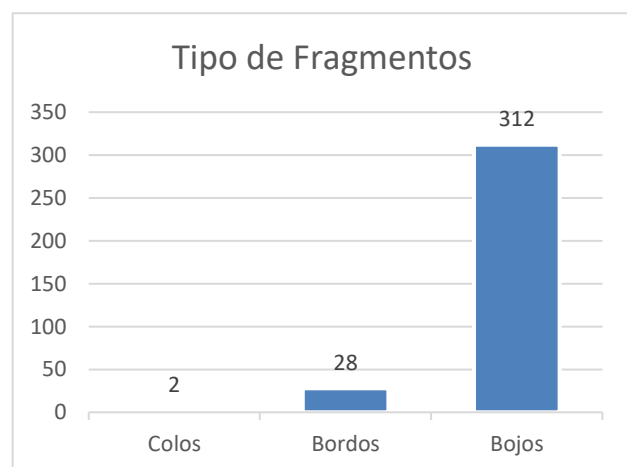


Gráfico 4- Tipologia de fragmentos da UR06

com maior número de ocorrências. Em menores quantidades temos inclusões de: feldspato (17), xisto (9), granito (4) e cerâmica (2).

Podemos afirmar que os fragmentos cerâmicos desta UR se encontram preservados, visto que apenas 9,9% das superfícies externas e 1,2% das superfícies internas estão corroídas.

No que diz respeito ao tratamento de superfície continua a existir uma predominância do polimento, tanto nas superfícies externas (325) como nas superfícies internas (332). O número de superfícies alisadas é escasso, ocorrendo apenas em 14 superfícies externas e 5 superfícies internas. Identificou-se ainda uma ocorrência de uma superfície interna rugosa. Ao analisarmos ambas as superfícies verificamos uma predominância da categoria 2.2(polida/polida), que representa 93,3% da amostra.

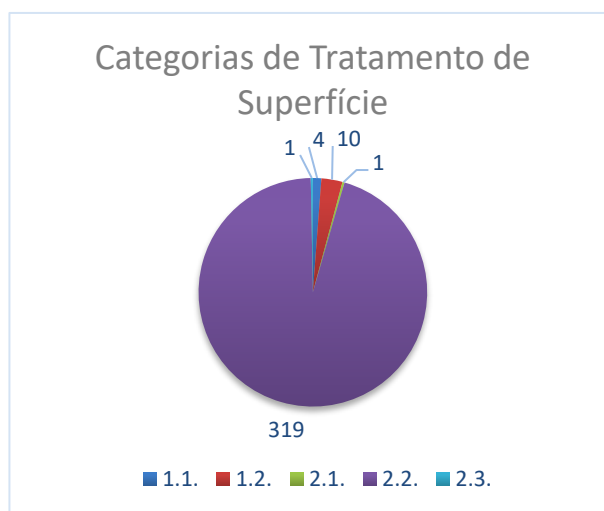


Gráfico 5- Categorias de tratamento de superfície presentes na UR06

No geral prevalece a homogeneidade cromática em ambas as superfícies, apenas 22,5% das superfícies externas e 5,8% não apresentam uma coloração uniforme. A cor predominante é o castanho, tanto nas superfícies externas (172), como nas superfícies internas (120). O cinzento está presente em apenas 61 das superfícies externas, mas nas superfícies internas já surge em 112 fragmentos. A cor laranja foi identificada em 49 das superfícies externas e 45 das internas. A cor bege foi identificada em 29 das superfícies externas em 23 das internas, já o vermelho foi identificado em 28 das superfícies externas e 38 das internas.

A categoria de coloração mais frequente é a 2.2(castanho/castanho), que representa 27,2% (93) da amostra, seguida do tipo 2.3(castanho/cinzento) que se traduz em 15,5% (53). O tipo 3.3(cinzento/cinzento), ocorre em 12,3% (42) e o 4.4(laranja/laranja) em 8,5% (29).

São provenientes desta unidade de registo 63 fragmentos decorados, a técnica aplicada em todas elas foi a impressão penteada. A impressão ondulada encontra-se em 37 dos casos, a impressão retilínea em 23. Existe ainda um fragmento que apresenta uma impressão ungulada e dois fragmentos que apresentam um penteado ondulado + penteado retilíneo.

Tendo em conta as espessuras dos fragmentos desta unidade efetuaram-se os seguintes testes estatísticos:

Média = 7,7; Desvio-padrão = 1,95; Coeficiente de variação = 25,3.

Foram identificados três tipos de formas. Passamos a descrever os fragmentos que possibilitaram tal identificação:

tipo I- Fragmento de pasta compacta, com mica e quartzo de pequeno calibre. O tratamento de superfície insere-se na categoria 2.2(polida/polida). A superfície exterior não apresenta homogeneidade cromática sendo o castanho que predomina. A superfície interior apresenta uma coloração bege. A espessura do fragmento é de 10 mm.

tipo II- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica e quartzo de grande calibre. Ambas as superfícies foram polidas, a cor insere-se na categoria 4.2(laranja/castanho). Apresenta espessura de 12 mm.

- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica, quartzo e feldspato de grande calibre. Ambas as superfícies são polidas e a cor integrase na categoria 2.3(castanho/cinzeno). A espessura é de 6 mm.

- Fragmento decorado com impressão penteada retilínea. A pasta é compacta com mica, quartzo e feldspato de grande calibre. O tratamento de superfície é do tipo 2.2(polida/polida) e a coloração do tipo 2.3(castanho/cinzeno). Apresenta espessura de 7 mm.

tipo V- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica e quartzo de médio calibre. O tratamento de superfície insere-se na categoria 2.2(polida/polida) e a cor na categoria 2.2(castanho/castanho). A espessura é de 7 mm.

- Fragmento de pasta compacta com mica e quartzo de médio calibre. Ambas as superfícies são polidas e de cor vermelha. A espessura é de 8 mm.

- Fragmento de pasta compacta com inclusões de mica, quartzo e feldspato de grande calibre. Ambas as superfícies se encontram polidas e de cor laranja. Apresenta espessura de 9 mm.

○ **Unidade de registo 07**

A unidade de registo 07, representa um depósito do Bastião E, e é composto por 14 fragmentos cerâmicos que se dividem em 13 bojos e um bordo.

As pastas são na sua maioria compactas (78,6%) e as restantes homogéneas (21,4%). Os e.n.p. identificados nas pastas deste conjunto de fragmentos são a mica (14), o quartzo (11) e o feldspato (2).

Nenhuma superfície (externa/interna) desta unidade apresenta vestígios de corrosão. Tal como ocorre nas restantes unidades de registo o tratamento de superfície predominante é o polido, encontra-se em todas as superfícies externas e em 12 das superfícies internas. Identificaram-se ainda duas superfícies internas alisadas. Tendo em conta o tratamento das superfícies podemos verificar um predomínio da categoria 2.2(polida/polida).

Os fragmentos desta UR apresentam na sua maioria homogeneidade cromática, tanto nas superfícies externas (13) como nas superfícies internas (12). A distribuição de cores varia significativamente consoante a superfície (externa/interna). Por exemplo o castanho está presente em 5 das superfícies externas e em apenas uma superfície interna. O vermelho já apresenta dados mais homogéneos, identificado em 4 superfícies externas e 5 das internas. O cinzento foi identificado em 3 superfícies externas e 5 superfícies internas, já a cor laranja é a menos comum surgindo em duas superfícies externas e 3 internas. Tendo em conta a coloração das superfícies foi possível identificar as duas categorias cromáticas mais predominantes; a 2.3(castanho/cinzento e a 5.5(vermelho/vermelho).

As cerâmicas desta unidade de registo não apresentam qualquer tipo de decoração.

A espessura dos fragmentos da unidade de registo 07 é muito variada, facto esse que podemos observar com os testes estatísticos abaixo apresentados:

Média = 8,3; Desvio-padrão = 1,98; Coeficiente de variação = 23,9.

○ **Unidade de Registo 08**

A unidade de registo 08, que representa o nível de argila de base do Bastião E, é composta por 83 fragmentos cerâmicos, ou seja, 6,3% da amostra total. Dos 83 fragmentos cerâmicos, 76 são bojos e 7 são bordos.

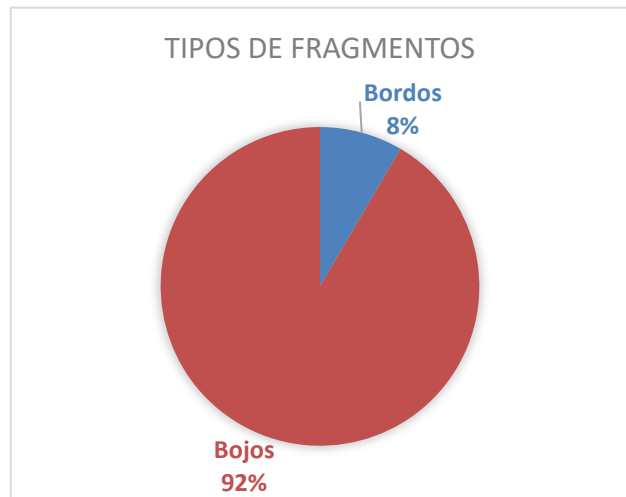


Gráfico 6- Tipo de fragmentos presentes na UR08

Assim como acontece nas restantes unidades de registo as pastas são maioritariamente compactas (62). As pastas homogêneas (18) e friáveis (3) não são tão

frequentes. Os e.n.p. predominantes são a mica, presente em toda a amostra, e o quartzo, presente em 70 fragmentos. Foram também identificados 5 fragmentos com inclusões de feldspato e dois fragmentos com inclusões de xisto.

Os vestígios de corrosão são mínimos; no geral a amostra encontra-se bem preservada, sendo que apenas 3 das superfícies exteriores e 2 das superfícies interiores apresentam vestígios de corrosão. O tratamento de superfície predominante é o polimento, identificado em 76 superfícies externas e 79 internas. Foram ainda identificadas 4 superfícies exteriores alisadas, e uma superfície interna. Ao observarmos o gráfico seguinte (análise do tratamento de superfície de ambas as faces), verificamos um predomínio da categoria 2.2(polida/polida), presente em

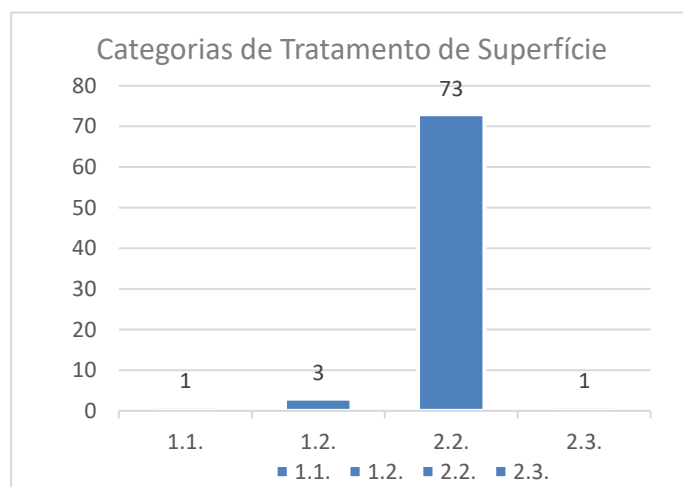


Gráfico 7- Categorias de tratamento de superfície identificadas na UR08

91,6% da amostra. Com menor impacto temos ainda as seguintes categorias: 1.2(alisada/polida), em três fragmentos; a 1.1(alisada/alisada), em um fragmento; e uma ocorrência do tipo 2.3(polida/rugosa).

A homogeneidade cromática prevalece nas duas superfícies, sendo que apenas 24% das superfícies externas e 13,3% das superfícies internas não apresentam homogeneidade cromática. O castanho é a cor predominante, tanto nas superfícies exteriores (51,8%) como nas superfícies interiores (38,6%). A distribuição das cores cinzenta e laranja não se encontra equilibrada entre superfícies: a cor cinzenta foi identificada em 17% das superfícies externas e em 30% das internas, já a cor laranja foi identificada em 19,3% das superfícies externas e 11% das internas. O bege é a cor com menos ocorrências, identificado em 2,4% das superfícies externas e 6% das internas.

A categoria de coloração predominante é a 2.2(castanho/castanho), que se traduz em 26,5% da amostra, seguida do tipo 2.3(castanho/cinzento), que representa 16,7%. O tipo 4.4(laranja/laranja) foi identificado em 8,4% da amostra, e o tipo 3.3(cinzento/cinzento) em 7,2%.

O conjunto cerâmico da UR08 integra 17 fragmentos decorados, o que representa 20,5% do mesmo. Em todos eles a técnica aplicada foi a impressão penteada, sendo que 70,6% (17) apresentam impressão penteada retilínea e 29,4% (5) impressão ondulada.

A espessura dos fragmentos desta UR revelou-se pouco homogênea, como se pode perceber pelos testes apresentados:

Média = 8,1; Desvio-padrão = 1,8; Coeficiente de variação = 22,2.

Foram registados três tipos morfológicos diferentes, identificados pelos fragmentos que passamos a descrever:

tipo I- Fragmento de pasta compacta, com inclusões de mica e quartzo de médio calibre. O tratamento de superfície insere-se no tipo 2.2(polida/polida) e a cor no tipo 2.3(castanho/cinzento). Apresenta espessura de 9 mm.

tipo II- Fragmento de pasta compacta com inclusões de mica e quartzo de médio calibre. Tratamento de superfície do tipo 2.2(polida/polida) e a coloração insere-se no tipo 2.3(castanho/cinzento). Apresenta espessura de 10 mm.

tipo IV- Fragmento decorado por impressão penteada, identificou-se a organização decorativa I (a.1.). Apresenta pasta homogénea com mica de pequeno calibre. O tratamento de superfície aplicado em ambas as faces é o polimento. A coloração insere-se na categoria 2.2(castanho/castanho). Apresenta espessura de 10 mm.

- Fragmento de pasta compacta com inclusões de mica e quartzo de médio calibre. O tratamento de superfície é do tipo 2.2(polida/polida) e a coloração do tipo 5.5(vermelho/vermelho). A espessura é de 9 mm.

3.1.3.2. Análise comparativa entre unidades de registo

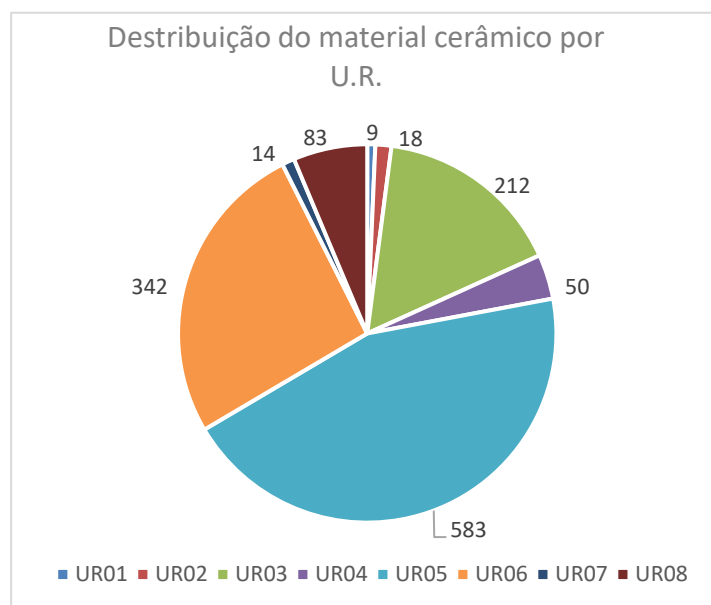


Gráfico 8- Distribuição do material cerâmico por Unidade de Registo

Uma elevada percentagem das cerâmicas do Bastião E é proveniente da UR05, mais precisamente 44,5% da amostra; não com percentagens tão elevadas seguem-se a UR06 (26,1%) e a UR03 (16,2%). Das três unidades de registo referidas, duas delas (UR05 e UR06) representam níveis de uso uniformes da estrutura enquanto a UR03 já representa a plataforma que encerra a mesma.

O conjunto artefactual cerâmico é composto por 92,8% de bojos e 6,6% de bordos, existindo ainda 7 colos (que apresentamos em valores exatos e não em % por serem muito reduzidos). O seguinte gráfico mostra a dispersão de bojos e bordos por unidade de registo; é possível verificar que o número de bordos é sempre muito inferior ao número de bojos e não existe nenhuma unidade de registo com uma grande concentração de bordos.

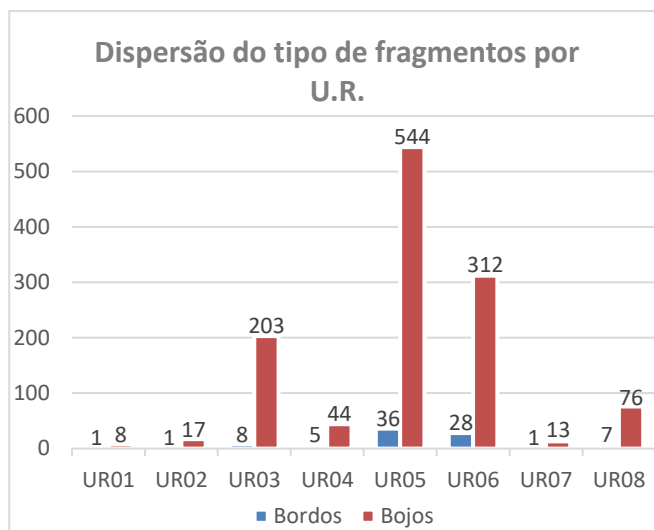


Gráfico 9- Tipologia de fragmentos por Unidade de Registo

A análise do tipo de pastas do conjunto artefactual cerâmico foi feita macroscopicamente, tanto quanto à sua tipologia como aos e.n.p. presentes na argila. Foram identificados 1014 fragmentos com pastas do tipo compacto, 315 com pastas homogêneas e apenas 54 fragmentos de pastas friáveis. Os e.n.p. são elementos que ajudam à resistência da pasta e diminuem a elasticidade da mesma; estes podem já estar presentes na argila ou serem incorporados pelo oleiro ao fazer o recipiente. Não foi possível fazer a distinção entre e.n.p. presentes nas argilas e e.n.p. incorporados propositadamente, pois, até à data não temos análises laboratoriais das argilas dos barreiros das proximidades do sítio nem das cerâmicas do Castanheiro do Vento. Contudo podemos afirmar que nas pastas que contêm pedaços de cerâmica estes foram incorporados pelo homem ao produzir os recipientes. A mica (100%) e o quartzo (84,8%), tendo em conta o elevado número de fragmentos onde foram detetados serão possivelmente e.n.p. presentes nas argilas dos barreiros e não incorporados propositadamente. Foram ainda identificados os seguintes e.n.p.: feldspato, em 7,6% dos fragmentos; xisto, em 3,4%; granito, em 0,9%; e ainda cerâmica em 0,7% dos fragmentos. Os e.n.p. presentes no conjunto artefactual cerâmico do Bastião E são na sua maioria de médio calibre, ou seja, entre 0,5-1 mm.

As superfícies (externas/internas) dos recipientes podem apresentar vestígios de corrosão devido a processos pós-deposicionais, o que impede a análise do tratamento de superfície (ou ausência do mesmo) e da coloração da superfície corroída. As cerâmicas do Bastião E encontram-se bem preservadas sendo que apenas existem 30 superfícies externas corroídas e 24 superfícies internas.

Após o oleiro moldar o recipiente, pode optar, ou não, por aplicar um tratamento às superfícies que pode ser realizado antes ou depois das peças serem cozidas. Em ambas as superfícies dos fragmentos do Bastião E o polimento predomina, sendo identificado em 91,2%

das superfícies externas e em 91,5% das internas, as restantes superfícies foram apenas alisadas. Identificaram-se ainda 4 fragmentos em que as faces internas não sofreram qualquer tipo de tratamento. Nos gráficos abaixo apresentados é possível observar que em nenhuma UR as superfícies alisadas se destacam em relação às polidas, as superfícies polidas representam sempre mais de 50% da amostra.

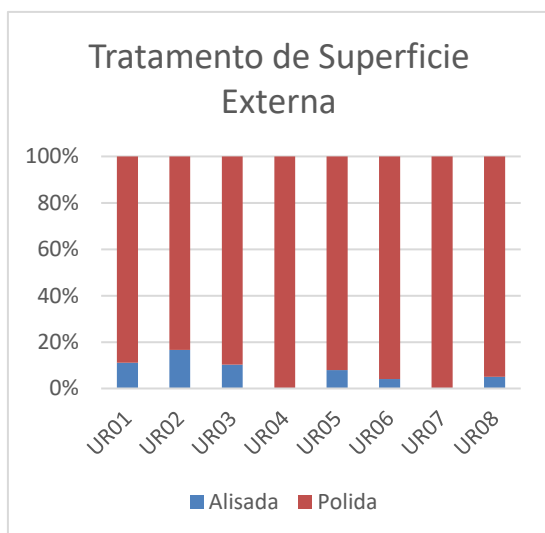


Gráfico 10- Comparação entre unidades de registo do tipo de tratamento aplicado na superfície externa

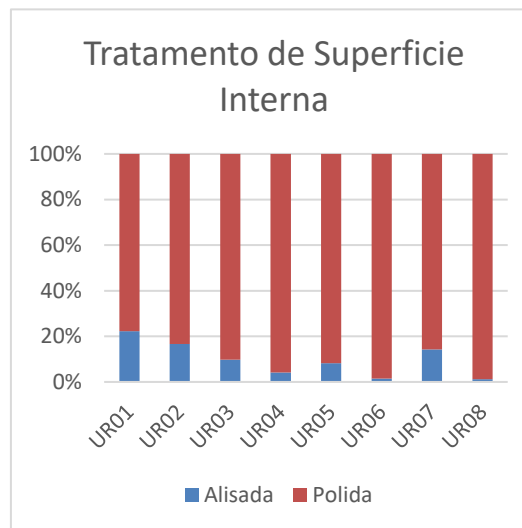


Gráfico 11- Comparação entre unidades de registo do tipo de tratamento aplicado na superfície interna

Tendo em consideração a relação do tratamento de superfície externa e interna é possível verificar que a categoria 2.2(polida/polida) predomina, representando 91% da cerâmica do Bastião E. Ainda que não tão frequentes as categorias que ocorrem com alguma regularidade são as seguintes: 1.2(alisada/polida), com 3,8%; e a 1.1(alisada/alisada), com 2,7%. A predominância da categoria 2.2(polida/polida) no conjunto artefactual cerâmico reflete-se em todas as unidades de registo, já a categoria 1.1(alisada/alisada) ocorre principalmente nas UR01 e UR02. Visto que estas duas últimas unidades de registo representam os materiais de superfície e as primeiras decapagens não podemos afirmar que se trata de uma alteração nas cerâmicas provenientes do Bastião E pois estas terão sofrido alterações pós-deposicionais.

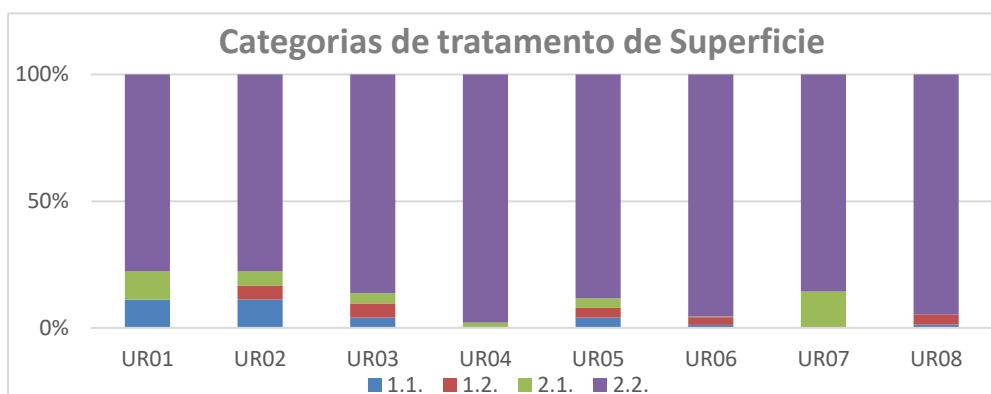


Gráfico 12- Distribuição das categorias de tratamento de superfície por U.R.

Mais de metade dos fragmentos cerâmicos do Bastião E apresentam uma homogeneidade cromática, tanto nas superfícies externas (74,4%) como nas superfícies internas (87,4%). O castanho é a cor que surge com maior regularidade tendo sido identificada em 57,2% das superfícies externas e em 44,2% das internas. A segunda cor predominante na face externas dos fragmentos é o laranja (13%), já na superfície interna é o cinzento (25%).

Atendendo à coloração das faces externas e internas foi possível verificar que existem três categorias cromáticas predominantes, são elas a 2.2(castanho/castanho) que representa 34,2% da amostra, seguida da 3.3(cinzento/cinzento) com 7,4%, e ainda a categoria 4.4(laranja/laranja) que representa 7,1% da amostra.

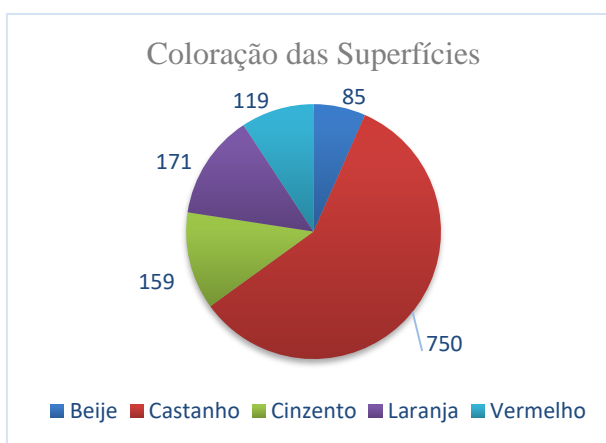


Gráfico 13- Comparação da coloração das faces internas e externas da amostra

A coleção artefactual cerâmica do Bastião E é composta por 246 (18,8%)

fragmentos cerâmicos decorados. Ao contrário de outras áreas do Castanheiro do Vento a estrutura subcircular E não contém diversidade de técnicas decorativas pois todos os fragmentos decorados desta estrutura correspondem à impressão penteada. Foram identificadas quatro temáticas decorativas: a impressão penteada ondulada (140); a impressão penteada rectilínea (101); a impressão ungulada (2); e ainda a combinação da impressão penteada ondulada com a impressão penteada retilínea (3). Dos 246 fragmentos foi possível identificar a organização decorativa de 63 fragmentos que se distribuem por duas tipologias: o tipo I(a.1.) com 21 ocorrências e o tipo II(a) identificado em 40 fragmentos.

Tendo em conta a tipologia das formas identificadas é visível uma predominância da tipologia I (31%) e da tipologia IV (27,6%), seguindo-se a tipologia V (24,2%) e II (17,2%). É na unidade de registo 03 que se encontra o maior número de ocorrências de formas do tipo I (6). O tratamento de superfície é maioritariamente do tipo 2.2(polido/polido), a cor das superfícies diverge bastante entre as categorias: 1.1(bege/bege), 2.1(castanho/bege), e a 2.2(castanho/castanho). Apenas três dos fragmentos são decorados. Os fragmentos que apresentam formas do tipo II são apenas seis, estes subdividem-se em subtipos sendo que o tipo II (a) é o mais frequente. Metade dos fragmentos deste tipo são provenientes da UR06. O tratamento de superfície destes fragmentos insere-se na categoria 2.2(polido/polido), já a

categoria cromática predominante é a 2.3(castanho/cinzeno). Foi identificada a forma do tipo IV(a) em 8 fragmentos sendo que três destes são provenientes da UR05 e os restantes se encontram-se dispersos de forma irregular por outras unidades. O tratamento de superfície predominante é o 2.2(polido/polido) e a coloração é a 2.2(castanho/castanho). Apenas dois dos fragmentos são decorados. Por fim foram ainda identificados sete fragmentos do tipo V que se encontram maioritariamente dispersos pela UR05 e UR06. O subtipo predominante é o tipo V(c) que representa 57% da amostra. O tratamento aplicado a todas as superfícies das cerâmicas desta tipologia é o polimento, a coloração predominante é a 2.2(castanho/castanho).

No geral as cerâmicas do Bastião E são maioritariamente polidas e de cor castanha ou cinzenta; quando decoradas a técnica aplicada é a impressão penteada. Ou seja, ainda que seja uma estrutura de pequenas dimensões que não contém uma grande variedade de cerâmicas, o tipo de cerâmicas deste conjunto artefactual insere-se nas características das cerâmicas calcólicas da região, assim como dos restantes espaços do Castanheiro do Vento e das cerâmicas de Castelo Velho de Freixo de Numão.

Tipo	Subtipo	UR	Trat. Sup.	Cor	Tipo de Dec.	Espessura
I	-	3	2.2.	1.1	I (a)	6
I	-	5	1.1.	2.1.	-	21
I	-	5	2.2.	1.1.	-	4
I	-	5	2.2.	4.4.	II (a)	7
I	-	5	2.2.	2.2.	II (a)	7
I	-	5	2.2.	3.3.	-	6
I	-	5	2.2.	2.2.	-	6
I	-	6	2.2.	2.1.	-	10
I	-	8	2.2.	2.3.	-	9
Média						8.4
D. Padrão						1,5
C. de Variação						17,8

Tabela 3- Análise das cerâmicas do tipo I

Tipo	Subtipo	UR	Trat. Sup.	Cor	Tipo de Dec.	Espessura
II	c	1	2.2.	2.2.	-	9
II	a	5	2.2.	4.1.	-	7
II	b	6	2.2.	4.2.	-	12
II	a	6	2.2.	2.3.	I (a.1.)	7
II	a	6	2.2.	2.3.	-	6
II	c	8	2.2.	2.3.	-	10

Tabela 4- Análise das cerâmicas do tipo II

Média	8,5
D. Padrão	0,5
C. de Variação	5,9

Tipo	Subtipo	UR	Trat. Sup.	Cor	Tipo de Dec.	Espessura
IV	a	2	1.1.	2.2.	-	8
IV	a	3	2.1.	2.2.	-	8
IV	a	4	2.2.	2.2.	I (a.1.)	9
IV	a	5	2.1.	1.1.	-	9
IV	a	5	2.2.	2.2.	-	7
IV	a	5	2.2.	4.4.	-	10
IV	a	8	2.2.	5.5.	-	9
IV	a	8	2.2.	2.2.	I (a.1.)	10

Tabela 5- Análise das cerâmicas do tipo IV

Média	8,7
D. Padrão	1
C. de Variação	11,5

Tipo	Subtipo	UR	Trat. Sup.	Cor	Tipo de Dec.	Espessura
V	b	3	2.2.	2.2.	I (a.1.)	9
V	c	5	2.2.	2.2.	-	7
V	a	5	2.2.	4.4.	-	8
V	c	5	2.2.	4.2.	-	9
V	c	6	2.2.	2.2.	-	7
V	b	6	2.2.	5.5.	-	8
V	c	6	2.2.	4.4.	-	9

Tabela 6- Análise das cerâmicas do tipo V

Média	8,1
D. Padrão	0
C. de Variação	0

3.2. Material lítico

3.2.1. Análise do conjunto lítico

3.2.1.1. Materiais de pedra lascada

A análise dos materiais de pedra lascada teve por base os trabalhos de João Muralha Cardoso (1996, 75-76) para Castelo Velho de Freixo de Numão e de Ana Vale (2003, 442-447) para Castanheiro do Vento.

Consideramos objetos de pedra lascada todos os materiais que resultam do talhe da rocha, *“Esses resíduos agrupam-se por cada tipo de rocha, em várias categorias de artefactos empiricamente determináveis (núcleos, lâminas, utensílios, (...)) cuja triagem e classificação elementar permite, desde logo, uma avaliação e caracterização preliminar do conjunto lítico em questão.”* (CARVALHO, 2005, 172).

No estudo dos objetos de pedra lascada do Bastião E de Castanheiro do Vento identificaram-se os seguintes artefactos: lascas, núcleos, utensílios (lascas com retoque, raspadeiras e furadores), fragmentos talhados inclassificáveis e esquirolas.

O estudo das lascas passou pela verificação da presença/ausência de certos componentes como o córtex, o bolbo e o talão, o estado de conservação e ainda a presença/ausência de vestígios de maceração.

Considerámos núcleos todas as peças cuja finalidade é a obtenção de lascas, lamelas ou lâminas. Os critérios de análise destes materiais foram os seguintes: tipo de suporte e suas características, tipo de talhe, o número de levantamentos e a matéria-prima.

São considerados utensílios todos os objetos talhados que foram retocados. O estudo deste tipo de materiais passou pela identificação do tipo de utensílio, a matéria-prima, presença ou ausência de córtex, bolbo e talão, tipo de retoque e a presença/ausência de vestígios de maceração.

3.2.1.2. Metodologia de análise dos materiais de pedra lascada

Os critérios usados para a análise deste tipo de materiais basearam-se na base de dados criada por João Muralha Cardoso (1996) para Castelo Velho de Freixo de Numão adaptada aos

materiais de pedra lascada do Castanheiro do Vento por Ana Vale (2003). Na base dos critérios aplicados ao estudo destes materiais os autores seguiram as metodologias (quanto à descrição, classificação, tipologia, retoque, etc.) utilizadas nos trabalhos de Michel Brézillon (1977) e Jacques Texier (1980).

Dentro do conjunto de materiais de pedra lascada reconhecemos utensílios, lascas, núcleos, esquirolas e fragmentos de talhe inclassificáveis.

Os critérios de análise comuns a todos os materiais de pedra lascada são os seguintes:

1. Número de inventário: composto pelo acrónimo CSTVNT, ano de campanha e número de registo atribuído a cada material;
2. Localização por quadrícula e microcontexto, e ainda o posicionamento tridimensional sempre que haja informação de tal;
3. Matéria-prima (granito, quartzo cinzento, quartzo branco, quartzo hialino, quartzito, grauvaque e sílex);
4. Dimensões (sempre que a peça se encontra em bom estado de conservação).

Os critérios tecnológicos analisados nas **lascas** foram os seguintes:

5. Verificar a presença/ausência de bolbo;
6. Presença ou ausência de talão;
7. Córtex presente/ausente;
8. Identificação da geração: 1.^a geração ou 2.^a geração;
9. Outras propriedades: vestígios de maceração.

Em relação aos **núcleos** foram analisados os seguintes critérios tecnológicos:

5. Tipo de suporte (bloco anguloso, seixo rolado e lasca);
6. Estado físico (anguloso ou boleado);
7. Estado do núcleo (desgastado/ sem desgaste);
8. Características do suporte (planos e/ou linhas de clivagem);
9. Tipo de talhe (polar, bipolar ou multidirecional);
10. Acidentes de talhe (ressaltos e fraturas);
11. Número de levantamentos;
12. Produto de talhe;
13. Outras propriedades: vestígios de maceração e/ou fogo.

Os critérios tecnológicos tidos em conta em relação aos **utensílios retocados** foram os seguintes:

5. Tipo de utensílio (raspadeira, buril, furador, lasca com retoque, lâmina, lamela);
6. Identificar a presença/ausência de bolbo;
7. Presença ou ausência de talão;
8. Córtex ausente ou presente;
9. Estado de conservação (intacto ou fragmentado);
10. Características do retoque (contínuo ou descontínuo);
11. Tipo de retoque (unifacial/bifacial, aplanado/abrupto);
12. Outras propriedades: vestígios de maceração e/ou fogo.

3.2.1.3. Caracterização dos materiais por unidade de registo

○ Unidade de registo 03

Nesta unidade de registo foram exumadas 6 peças: 4 lascas, uma raspadeira/buril e uma esquírola.

As lascas, todas elas em quartzo leitoso à exceção de uma em quartzo cinzento, encontram-se fragmentadas. O córtex apenas se encontra presente em uma delas, o talão encontra-se ausente em toda a amostra e o bolbo está presente numa das ocorrências. A grande maioria da amostra é de 2.^a geração existindo apenas uma lasca da 1.^a geração. Um dos materiais apresenta ainda vestígios de maceração.

O único utensílio proveniente desta UR é uma raspadeira/buril em quartzo leitoso que se encontra fragmentada. O córtex encontra-se ausente, o bolbo e o talão encontra-se bem definido, com um retoque contínuo abrupto unifacial. Apresenta vestígios de maceração e de ter sido encabado. Nesta UR surgiu ainda uma esquírola em quartzo hialino.

○ Unidade de registo 04

Esta unidade de registo corresponde apenas a 1,3% da amostra total, com uma única ocorrência. Trata-se de uma lasca em quartzo leitoso, córtex presente, bolbo presente e talão ausente; é de 1.^a geração e tem vestígios de maceração.

- **Unidade de registo 05**

O material lítico proveniente desta unidade de registo representa 34,2% da amostra total e é composto por 13 lascas, 3 núcleos, 4 utensílios e 9 fragmentos de talhe inclassificáveis.

A matéria-prima das lascas divide-se entre quartzo cinzento (7) e em quartzo leitoso (5). Na grande maioria das peças o bolbo encontra-se presente (69,2%), estando ausente em apenas 30,8% da amostra. O talão encontra-se presente em apenas 15,3% (duas ocorrências), não existindo em 84,7% da amostra. O córtex encontra-se ausente em 84,7% das peças sendo estas lascas de 2.^a geração, nos restantes 15,3% o córtex está presente e são lascas de 1.^a geração. Verificaram-se ainda vestígios de maceração em três lascas.

Foram exumados 3 núcleos nesta UR, dois em quartzo cinzento e um em quartzo leitoso, cujo produto de talhe de todos foram lascas. O suporte de talhe utilizado foi o bloco anguloso (2) e a lasca (1) e os três apresentam planos e linhas de clivagem. Todos eles encontram-se muito desgastados, apresentam um talhe multidirecional com quatro levantamentos registados em dois dos núcleos e dois levantamentos no outro. A totalidade da amostra apresenta fraturas e ressaltos, dois dos núcleos apresentam ainda vestígios de maceração.

No grupo dos utensílios surgiram duas raspadeiras e duas lascas retocadas. As raspadeiras, ambas intactas, são em quartzo leitoso e em quartzo cinzento. O córtex encontra-se ausente em ambas, assim como o bolbo, o talão está presente nas duas. Uma das peças apresenta um retoque descontínuo abrupto unifacial e a outra um retoque descontínuo aplanado unifacial. Uma das peças apresenta ainda vestígios de maceração.

Identificaram-se duas lascas com retoque, uma em quartzo leitoso e a outra em quartzo hialino. Uma encontra-se fragmentada e a outra intacta, nenhuma delas tem córtex, bolbo ou talão. Quanto ao retoque é descontínuo aplanado abrupto numa delas e contínuo aplanado bifacial na outra. Uma das peças tem vestígios de maceração e de encabamento.

Nesta unidade de registo surgiram ainda 9 fragmentos talhados inclassificáveis em quartzo cinzento (6) e em quartzo leitoso (3), todos eles apresentam vestígios de maceração e três apresentam ainda vestígios de fogo.

○ **Unidade de registo 06**

Assim como na unidade de registo anterior esta UR representa 34,2% dos materiais líticos de pedra lascada e é composta por duas lascas, um núcleo, cinco utensílios, cinco fragmentos talhados inclassificáveis e treze esquirolas.

As lascas são em quartzo cinzento, ambas sem córtex sendo lascas de 2.^a geração. O bolbo encontra-se bem definido nas duas e o talão encontra-se ausente. Ambas as peças apresentam vestígios de maceração.

O único núcleo exumado nesta UR tinha como propósito a obtenção de lascas, a matéria-prima é o quartzo leitoso tendo como suporte um bloco anguloso com planos e linhas de clivagem. Apresenta-se muito desgastado, talhe multidirecional com ressaltos e dois levantamentos registados.

Identificaram-se 3 raspadeiras todas elas fragmentadas, duas em quartzo leitoso e uma em quartzo cinzento. O córtex e o talão encontram-se ausentes em todas e o bolbo apenas se encontra presente numa delas. O retoque é contínuo abrupto aplanado em duas das peças e descontínuo abrupto unifacial na outra. Duas das raspadeiras apresentam vestígios de maceração, uma delas tem ainda um pequeno entalhe

Foi encontrado um furador intacto que, ao que tudo indica, terá sido encabado. A matéria-prima é o quartzo leitoso, com um retoque descontínuo abrupto unifacial e vestígios de maceração.

Identificou-se ainda uma lasca retocada em quartzo cinzento, com retoque descontínuo aplanado unifacial. Apresenta vestígios de maceração.

Foram recolhidos ainda 5 fragmentos talhados inclassificáveis, em quartzo leitoso (3), quartzo cinzento (1) e em seixo de quartzito (1). Todos eles contêm vestígios de maceração.

Por último foram ainda exumadas 13 esquirolas, todas em quartzo cinzento há exceção de uma em quartzo hialino.

○ **Unidade de registo 08**

Foram exumadas nesta unidade de registo 13 lascas, um fragmento talhado inclassificável e duas esquirolas.

As lascas são maioritariamente em quartzo leitoso (8), sendo as restantes em quartzo cinzento (5). Apenas uma das peças tem o córtex presente, o bolbo encontra-se presente em seis das lascas e ausente nas restantes oito. O talão apenas se encontra presente em duas peças. A

maioria das lascas é de 2.^a geração à exceção de uma que é de 1.^a geração. Duas das lascas apresentam vestígios de maceração.

O fragmento talhado inclassificável encontrado nesta unidade é em quartzo hialino e apresenta vestígios de maceração. A matéria-prima das duas esquirolas exumadas nesta unidade de registo é o quartzo leitoso.

3.2.1.4. Análise comparativa entre unidades de registo

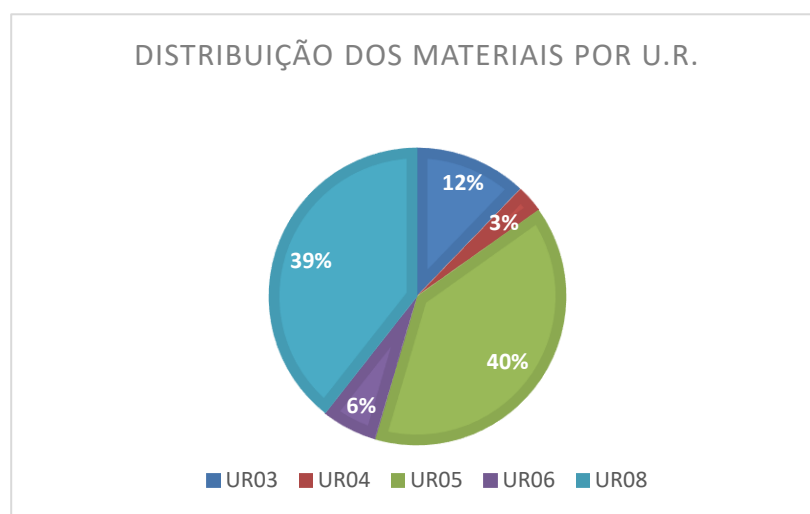


Gráfico 14- Distribuição do material lítico por unidade de registo

É na UR5 (43%) que encontramos a maior parte dos materiais, mas a UR8 (28%) é a segunda em quantidade. As lascas são maioritariamente em quartzo leitoso (54,5%), sendo as restantes em quartzo cinzento (45,5%). O córtex encontra-se ausente na grande maioria dos casos (84,8%), neste sentido, a maioria das lascas são de 2.^a geração (84,8%). O talão apenas se encontra presente em 12,1% da amostra, já o bolbo encontra-se presente em 57,6% das lascas. Verificou-se que 27,3% das lascas apresentam vestígios de maceração; estas não se encontram concentradas em nenhuma unidade de registo específica.

Todos os núcleos provenientes do Bastião E foram usados para a obtenção de lascas. A grande maioria dos núcleos deste Bastião é proveniente da UR05. A matéria-prima varia entre o quartzo cinzento (50%) e o quartzo leitoso (50%) e não parece existir uma preferência quanto ao suporte utilizado sendo que em metade da amostra o suporte utilizado foi o bloco anguloso e na outra metade, a lasca. Todos os núcleos se encontram muito desgastados, têm talhe multidirecional e identificaram-se núcleos com dois levantamentos (2) e núcleos com quatro levantamentos (2). Quanto a acidentes de talhe todos apresentam ressaltos e fraturas, com uma exceção que possui apenas ressaltos. Metade da amostra esteve sujeita a temperaturas elevadas.

As lascas retocadas encontram-se fragmentadas (2) à exceção de uma que se encontra intacta. Não parece existir uma preferência em relação à matéria-prima visto serem todas de tipos de quartzo diferente. O retoque é descontínuo em duas e contínuo na outra. Duas das lascas apresentam vestígios de maceração e uma delas terá sido encabada.

Metade das raspadeiras do Bastião E surge na UR06, existindo depois uma ocorrência na UR03 e duas ocorrências na UR05. A matéria-prima predominante é o quartzo leitoso (66,7%), sendo os restantes em quartzo cinzento (33,3%). Em relação ao estado de conservação mais de metade da amostra encontra-se fragmentada (66,7%), as restantes encontram-se intactas (33,3%). Nenhuma das raspadeiras tem o córtex presente, o bolbo e o talão encontram-se presentes em metade da amostra. O tipo de retoque preferencial varia entre o retoque contínuo aplanado unifacial (33,3%) e o retoque descontínuo abrupto unifacial (33,3%). Em 66,7% dos casos são visíveis vestígios de maceração. Uma das raspadeiras seria encabada e tinha dupla função pois servia também como buril.

Foi encontrado ainda um furador; este é proveniente da UR06, unidade com o maior número de utensílios. Este encontra-se intacto e ao que tudo indica seria encabado.

Quanto aos materiais de pedra lascada podemos verificar que a matéria-prima preferencial é o quartzo, visto que a única peça que não é em quartzo é um fragmento talhado inclassificável em quartzito. Não é de estranhar o facto destes materiais serem produzidos em quartzo visto que existe uma grande quantidade de filões de quartzo no próprio sítio arqueológico e nas suas proximidades. A única coisa que varia é o tipo de quartzo utilizado, parecendo existir uma preferência pelo quartzo leitoso em comparação com o quartzo cinzento. Ao que tudo indica as diferenças entre quartzo estarão relacionadas com áreas de recolha distintas. Uma observação interessante a fazer relaciona-se com a não existência de qualquer tipo de artefacto em xisto. Embora em outras estações arqueológicas do mesmo período, como é o caso de sítios como Barrocal Alto (Mogadouro), Penha (Guimarães), Faria (Barcelos) e Pepim (Amarante), sejam uma realidade (JORGE, S. O., 1986, 803-842).

3.2.2. Materiais de Percussão

3.2.2.1. Metodologia de análise

Ainda que os elementos de percussão sejam, entre outras coisas, utilizados para operações de talhe optou-se por não se usar a mesma metodologia de análise que a dos utensílios de pedra lascada.

Foi analisada a totalidade dos materiais de percussão da estrutura subcircular E, mais precisamente 17 peças.

Foram aplicados os seguintes critérios:

1. Número de Inventário: constituído pelo acrónimo do sítio arqueológico (CSTVNT), ano da campanha, quadrícula, camada e número de registo;
2. Localização da peça feita por quadrícula, camada, unidade de registo e posicionamento tridimensional sempre que a informação o permita;
3. Matéria-prima (caracterização feita através da observação macroscópica): granito, quartzito, quartzo cinzento, quartzo leitoso, quartzo hialino;
4. Suporte da peça (seixo rolado ou bloco anguloso);
5. Estado de conservação: intacto, fragmentado ou muito fragmentado (considera-se fragmentado quando a peça apresenta mais de 50% da sua forma original e muito fragmentado quando apresenta menos de 50%);
6. Morfologia da peça: circular, subcircular, retangular, sub-retangular e indiferenciada;
7. Tipo de utilização (ativa ou suave);
8. Localização dos vestígios de uso (polar/bipolar, facial/bifacial e lateral/bilateral);
9. Outras propriedades: vestígios de maceração e/ou fogo.

3.2.2.2. Caracterização Geral da Amostra

	Totais	%
UR03/BE	2	11,8
UR05/BE	8	47
UR06/BE	6	35,3
UR07/BE	1	5,9

Tabela 7- Distribuição dos materiais de percussão por U.R.

O quadro acima apresentado representa a distribuição dos materiais de percussão ao longo das unidades de registo, é visível uma desigualdade entre unidades sendo que 82% das peças se distribui pela UR05 e UR06. A UR03, que corresponde à plataforma que encerrou a estrutura subcircular E, representa uma percentagem muito baixa da amostra com apenas duas ocorrências. O mesmo sucede com a UR07 de onde foi exumado apenas um único percutor.

Quanto ao estado de conservação do material recolhido encontra-se maioritariamente muito fragmentado, impossibilitando a obtenção de medidas e a caracterização morfológica de cerca de 88% da amostra.

Estado de Conservação	UR03/BE	UR05/BE	UR06/BE	UR07/BE	Totais	%
Intacto	0	2	0	0	2	11,8
Fragmentado	0	0	1	0	1	5,8
Muito Fragmentado	2	6	5	1	14	82,4

Tabela 8- Estado de conservação dos materiais por unidade de registo

3.2.2.3. Análise dos materiais por unidade de registo

○ Unidade de Registo 03

Esta unidade de registo representa unicamente 11,8% (duas ocorrências) da amostra. Por isso decidiu-se especificar os materiais em forma de catálogo.

Registo 8.

Percutor em quartzo cinzento, aproveitado de um bloco anguloso, muito fragmentado de morfologia indiferenciada. Utilização muito ativa, localizada essencialmente em um dos polos e numa das faces. Possui ainda vestígios de maceração e fogo.

Registo13.

Percutor em quartzito, muito fragmentado de morfologia indiferenciada. Pequeno seixo do rio, apresenta vestígios de uso suaves localizados numa das laterais. Contém vestígios de fogo.

○ **Unidade de Registo 05**

Foram exumados nesta unidade de registo 8 percutores, ou seja, 47% da totalidade da coleção. A matéria-prima predominante nesta unidade é o quartzo cinzento, existindo apenas mais duas ocorrências, uma em quartzo branco e outra em quartzito. É visível uma preferência pelo reaproveitamento de blocos angulosos (5) como suporte em relação aos seixos rolados (3). A grande maioria encontra-se muito fragmentada, o que impossibilitou a determinação da morfologia de 75% dos percutores exumados nesta unidade de registo. Os restantes 25% da amostra encontram-se em bom estado de conservação e foi possível precisar uma morfologia subcircular.

No geral foi possível verificar uma utilização mais intensa e ativa destes materiais, à exceção de dois casos em que os vestígios de uso são suaves. Os vestígios de utilização localizam-se maioritariamente nos polos (em 4 casos encontram-se apenas em um dos polos e em 2 dos casos em ambos os polos), verificou-se ainda dois casos com vestígios de utilização bilaterais e um caso com vestígios numa das faces. Durante a análise destes materiais de percussão constatou-se que 62,5% estiveram em contacto com o fogo e 87,5% apresentam vestígios de maceração.

○ **Unidade de Registo 06**

Os materiais de percussão recolhidos nesta unidade representam 35,3% da totalidade da coleção. A matéria-prima predominante é o quartzo cinzento existindo apenas um material em quartzo leitoso. Todos eles assentam em blocos angulosos.

Estas peças encontram-se em mau estado de conservação o que impossibilitou a determinação da sua morfologia. Há uma utilização muito ativa das superfícies destas peças, os vestígios de uso centram-se maioritariamente num dos polos (5) e em uma das faces (5), existindo ainda um caso que apresenta marcas de uso na área lateral. Todos os percutores desta unidade apresentam vestígios de maceração e estiveram em contacto com o fogo.

- **Unidade de Registo 07**

Sendo que nesta unidade de registo temos uma única ocorrência optou-se mais uma vez pela descrição do material em forma de catálogo.

Registo 9.

Percutor em quartzo cinzento, assente em bloco anguloso, muito fragmentado. Morfologia indiferenciada, vestígios de utilização muito ativos, localizados em um dos polos. Apresenta vestígios de maceração e de fogo.

3.2.2.4. Análise comparativa entre Unidades de Registo

A maioria dos percutores desta estrutura encontra-se na UR05 e na UR06, ou seja, em momentos em que a estrutura subcircular E se encontrava a ser usada. O suporte preferencial é o bloco anguloso, principalmente em quartzo cinzento, que representa a matéria-prima predominante em toda a coleção de percutores. Não nos foi possível identificar os tipos morfológicos dos materiais devido ao mau estado de conservação em que a coleção se encontra. A única forma detetada é subcircular, presente nos dois seixos rolados intactos que temos na coleção. A utilização destes materiais é na grande maioria muito ativa, com vestígios de uso situados maioritariamente em um dos polos e também frequentemente em uma das laterais.

Constatou-se ainda que 88% dos percutores da estrutura subcircular E apresentam vestígios de maceração e 82% foram sujeitos a temperaturas elevadas. Sendo que não existem vestígios que indiquem ter existido uma lareira, nem vestígios de fogo na estrutura subcircular, assume-se que estes materiais foram levados após terem estado em contacto com o fogo. É possível ver nos quadros abaixo uma simples comparação entre unidades de registo das matérias-primas e da localização dos vestígios de uso.

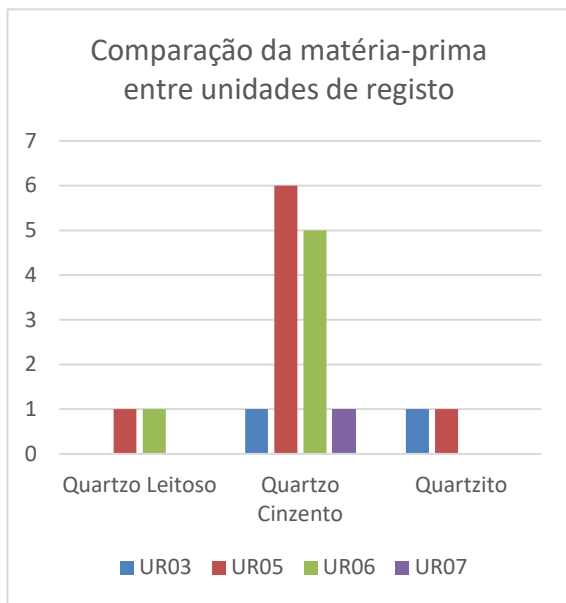


Gráfico 15- Localização dos vestígios de uso das materialidades por U.R.

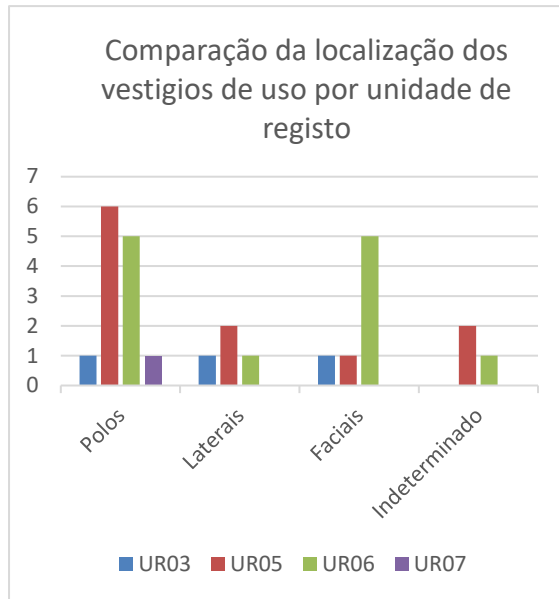


Gráfico 16- Tipo de matéria-prima presente em que cada unidade de registo

3.2.3. Materiais de Moagem

3.2.3.1. Metodologia de análise

A metodologia de análise aplicada aos materiais de moagem do Bastião E foi elaborada por João Muralha Cardoso (1996) para Castelo Velho de Freixo de Numão, aplicada mais tarde aos materiais de moagem provenientes de Castanheiro do Vento. Ainda que alguns critérios sejam comuns a ambas, os elementos de moagem foram classificados através de duas bases de dados distintas, uma específica para os dormentes e outra para os moventes.

A análise dos **dormentes** baseou-se nos seguintes critérios:

1. Número de inventário;
2. Localização por quadrícula e unidade de registo;
3. Matéria-prima;
4. Calibre do grão (fino, médio e médio-grosso);
5. Estado de conservação (intacto, fragmentado, fragmento);
6. Morfologia (circular, elíptica, retangular e indiferenciada);
7. Estado do bordo (alisado, fratura natural, indiferenciado);
8. Estado das extremidades (alisadas, fratura natural, indiferenciadas);
9. Superfície de uso (côncava, convexa, plana e indiferenciada).

Na análise dos **moventes** os critérios usados foram os seguintes:

1. Número de inventário;
2. Localização por quadrícula e unidade de registo;
3. Matéria-prima;
4. Calibre do grão (fino, médio e médio-grosso);
5. Estado de conservação (intacto, fragmentado, fragmento);
6. Morfologia (circular, elíptica, retangular e indiferenciada);
7. Tipo de secção (oval, subcircular, sub-retangular ou indiferenciada);
8. Superfície ativa (côncava, convexa, plana ou indiferenciada);
9. Picotado (vivo, circunscrito, apagado, inexistente ou indiferenciado);
10. Reutilização (extremidades, superfície ativa, topo, totalidade, nenhum reuso).

3.2.3.2. Caracterização geral dos materiais

UR'S	Dormentes	%	Moventes	%
UR03/BE	7	54%	0	0%
UR05/BE	3	23%	3	75%
UR06/BE	3	23%	1	25%

Tabela 9- Distribuição dos elementos de moagem por unidade de registo

Ao observarmos a tabela acima representada podemos verificar que os elementos de moagem se encontram apenas em três das oito unidades de registo da estrutura subcircular E. No geral é uma amostra pequena, existindo apenas 13 dormentes e 4 moventes. É na UR03 que se encontra mais de 50% dos dormentes desta estrutura, em contrapartida não temos qualquer tipo de movente nesta unidade. Os restantes materiais encontram-se dispersos pelas outras duas unidades de registo, unidades estas uniformes de momentos de uso do Bastião E.

3.2.3.2. Caracterização dos dormentes por unidade de registo

○ **Unidade de Registo 03**

Esta unidade de registo representa a maioria da amostra de dormentes exumados no Bastião E, contudo, estes encontram-se em muito mau estado de conservação e apenas temos fragmentos das peças. A matéria-prima utilizada foi o granito de grão médio-grosso (4) e de grão médio (3). Devido ao facto de o material se encontrar muito fragmentado não foi possível determinar a forma, as extremidades ou os bordos de nenhuma das peças. A superfície ativa desta coleção varia entre superfícies planas (4) e superfícies convexas (3).

○ **Unidade de registo 05**

Tendo em conta o escasso número de dormentes exumados nesta UR optou-se por uma descrição dos materiais em forma de catálogo.

Registo 3.

Dormente, muito fragmentado, em granito de grão médio. Devido ao estado de conservação não foi possível determinar a forma, as extremidades, os bordos ou a superfície ativa da peça.

Registo 4.

Dormente, fragmentado, em granito de grão fino. Forma indiferenciada, bordos alisados, extremidades alisadas e superfície ativa plana.

Registo 6.

Dormente, muito fragmentado, em granito de grão médio. Forma indiferenciada, bordos indiferenciados e extremidades indiferenciadas. Apresenta uma superfície ativa plana.

- **Unidade de Registo 07**

Assim como a UR anterior o número de dormentes exumados nesta unidade de registo é muito reduzido (3 ocorrências), por isso também será feita uma análise dos materiais em forma de catálogo.

Registo 1.

Dormente, muito fragmentado, em granito de grão médio-grosso. Forma indiferenciada, bordos indiferenciados, extremidades indiferenciadas e superfície ativa indiferenciada.

Registo 2.

Dormente, muito fragmentado, em granito de grão médio-grosso. Não foi possível determinar a forma, a tipologia dos bordos, das extremidades ou a superfície ativa.

Registo 7.

Dormente, muito fragmentado, em granito de grão médio. Forma indiferenciada, superfície ativa plana, bordos e extremidades indiferenciados.

3.2.3.3. Análise comparativa dos dormentes entre unidades de registo

Foram exumados ao todo 13 dormentes na estrutura subcircular E, para além de ser uma amostra muito pequena esta não se encontra em bom estado de conservação, o que impossibilitou a determinação da forma, dos bordos e das extremidades deste tipo de materiais.

A totalidade da amostra é em granito, predomina o granito de grão médio-grosso (7) e a seguir o de grão médio (5), existe ainda uma ocorrência em granito de grão fino. As superfícies de uso são maioritariamente planas (7), existindo ainda casos em que as superfícies são convexas (3) as restantes não foi possível determiná-las (3). Não foi possível fazer medições a este grupo de materiais devido ao estado de fragmentação em que se encontram.

Quanto à distribuição deste tipo de materiais mais de metade da amostra é proveniente da UR03, que corresponde ao nível da plataforma. Tudo indica que estes materiais poderão ter sido ali depositados como parte do enchimento da plataforma que encerra a estrutura subcircular E. Ao que tudo indica estes materiais terão sido transportados para a estrutura já depois de se encontrarem fragmentados pois são pedaços de dormentes diferentes que foram reaproveitados para outros fins que não a moagem.

Apresentamos abaixo alguns gráficos que sintetizam a informação que foi possível obter relativamente aos dormentes do bastião E.

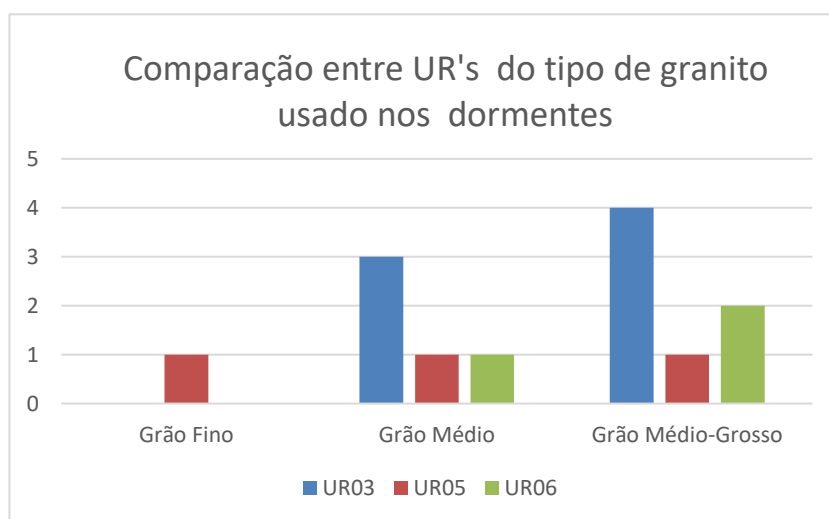


Gráfico 17- Comparação do tipo de granito usado nos materiais de cada U.R.

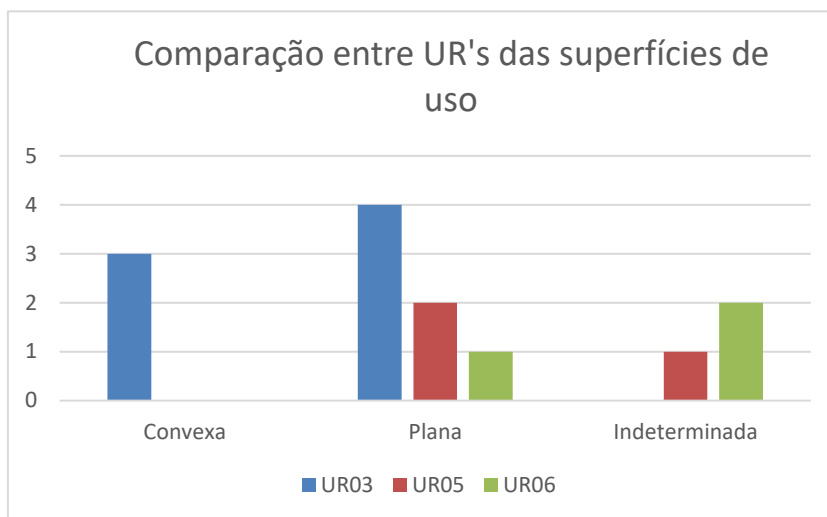


Gráfico 18- Comparação das superfícies de uso dos dormentes de cada unidade de registo

3.2.3.3. Caracterização geral dos moventes

A totalidade dos moventes provenientes da estrutura subcircular E é muito reduzida, apenas 4 moventes no total. Optou-se assim por fazer uma caracterização geral destes materiais em forma de catálogo.

Registo 1.

Movente, proveniente da UR05. Apresenta-se fragmentado, em granito de grão fino. Forma indeterminada e secção oval, superfície ativa plana com picotado circunscrito. Apresenta vestígios de reuso nas extremidades e ao que tudo indica seria de uma só mão.

Registo 2.

Movente, proveniente da UR05. Encontra-se fragmentado, em granito de grão médio-grosso. Forma indeterminada com secção subcircular. Apresenta uma superfície ativa plana com um picotado circunscrito. Foi reutilizado na totalidade e ao que tudo indica seria um movente de uma só mão.

Registo 3.

Movente, proveniente da UR06. Muito fragmentado, em granito de grão médio-grosso. Não foi possível determinar os restantes critérios de análise.

Registo 4.

Movente, proveniente da UR05. Encontra-se muito fragmentado; os únicos critérios possíveis de analisar foram a matéria-prima, granito de grão médio-grosso.

Devido ao reduzido número de moventes e ao seu mau estado de conservação não nos foi possível classificá-los tipologicamente ou saber como seria a sua forma original. Tal como acontece com os dormentes também nos moventes há uma preferência pelo granito de grão médio-grosso. Tendo em conta os dois moventes que ainda assim se encontram em bom estado de conservação parece haver um reaproveitamento deste tipo de materiais em outras atividades.

3.2.4. Outros materiais

O conjunto artefactual lítico do Bastião E contém alguns materiais que não se inserem em nenhuma das categorias acima apresentadas pelo que optamos pela sua descrição.

- Placa afeiçãoada em xisto, toda ela se encontra talhada e com uma pequena chanfradura.

Dimensões: CSTVNT04/79.61/05/1. Espessura: 1,6 cm; Eixo maior: 14,5 cm; Eixo menor: 12,6 cm.

- Placa talhada em xisto, apresentando ao centro um entalhe em semicírculo.

Dimensões: CSVNT04/79.60/05/2. Espessura: 1,2 cm; Eixo maior: 9,9 cm; Eixo menor: 5,9 cm.

- Ao longo da escavação do Bastião E todo o material em quartzo identificado, trabalhado ou não, foi recolhido e guardado o que nos permite saber que 9,773 kilos de rochas em quartzo foram usados na construção desta estrutura e da microestrutura (UR07) identificada no seu interior, sendo que a maioria destas rochas, mais precisamente 9,243 kilos, foram expostas a temperaturas elevadas. Poderão ter vindo de outras áreas do sítio que tenham estado em contacto com o fogo ou até mesmo feito parte de lareiras em certos momentos de uso do bastião.

4. A distribuição espacial dos materiais arqueológicos do bastião E

De forma a podermos tentar compreender a estrutura subcircular E como um espaço onde ocorreram variadas atividades ao longo do espaço e do tempo em que se insere optámos por analisar a localização tridimensional das suas materialidades. Certos de que os materiais encontrados no momento de escavação no mesmo plano poderão ou não ser contemporâneos uns dos outros, não pretendemos com este ponto encontrar momentos de utilização, mas sim conjugar informações de forma a nos aproximarmos de uma provável realidade do Bastião E.

Neste ponto iremos apresentar gráficos que resultam da localização tridimensional dos

Quadrícula	Total	%
78.60	20	2%
78.61	37	3%
79.60	416	42%
79.61	523	53%

Tabela 10- Distribuição do material cerâmico por quadrícula

materiais arqueológicos acompanhados da sua explicação quanto à homogeneidade / não homogeneidade de dispersão nas quadrículas onde esta estrutura se insere.

Ao nível da cerâmica é possível verificar uma maior predominância deste tipo de material nas quadrículas 79.61 (52%) e 79.60 (42%), o que não é de estranhar pois as quadrículas 78.61 e 78.60 abrangem maioritariamente as paredes do bastião.

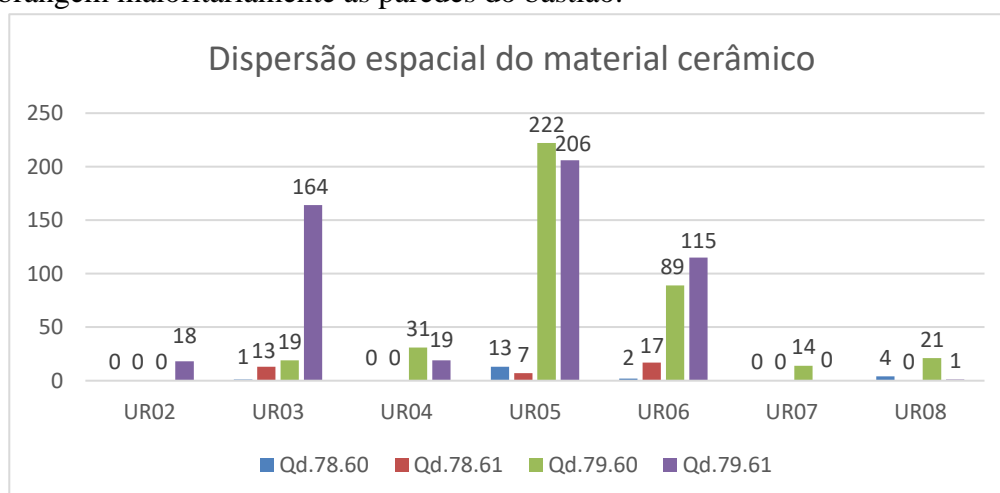


Gráfico 19- Distribuição espacial dos fragmentos de cerâmica

Observando o gráfico acima apresentado é possível verificar uma predominância do material cerâmico na UR05, mais precisamente nas quadrículas 79.60 e 79.61, o que já se previa ao observarmos a tabela de dispersão dos materiais cerâmicos por quadrícula. É também nesta unidade de registo que se encontram 45% das cerâmicas lisas e 51% das cerâmicas decoradas da amostra. Destacam-se ainda a UR03 e a UR06, a primeira pelo elevado número de fragmentos na quadrícula 79.61 com 31% de fragmentos (83% lisos e 17% decorados) e a segunda por apresentar homogeneidade na distribuição entre as quadrículas 79.60 e 79.61, correspondendo a 23% da amostra, 80% lisas e 20% decoradas. Através da análise do gráfico podemos ainda verificar a ausência de homogeneidade na dispersão dos fragmentos cerâmicos, quer na totalidade das quadrículas, quer nas unidades de registo.

Quanto ao barro de revestimento a amostra é reduzida, com apenas 19 fragmentos distribuídos por três das quatro quadrículas (78.60; 79.60; 79.61). Este tipo de material encontra-se maioritariamente concentrado na quadrícula 79.60 (57,9%) seguindo-se da 79.61 que representa 31.6% da amostra, na 78.60 temos apenas dois fragmentos.

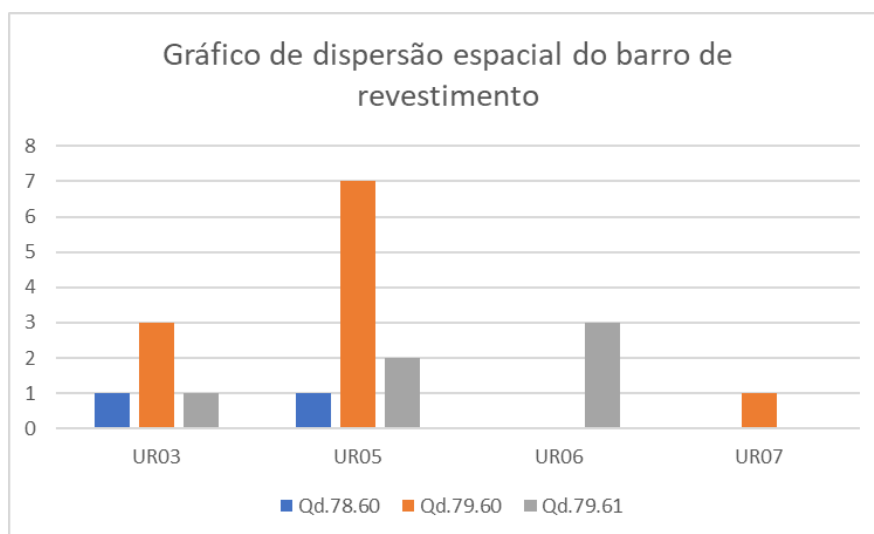


Gráfico 20- Dispersão espacial dos fragmentos de barro de revestimento

Quanto às unidades de registo, podemos observar no gráfico apresentado que o barro de revestimento se encontra em 4 das 8 unidades de registo que compõem o bastião E (UR03; UR05; UR06; UR07) e à semelhança do que ocorre no material cerâmico os fragmentos encontram-se maioritariamente na UR05 (52,6%). As restantes unidades onde foram identificados fragmentos de barro de revestimento não representam valores significativos da amostragem: UR03 (26,3%); UR06 (15,8%); UR07 (5,2%). Mais uma vez não existe homogeneidade na distribuição deste tipo de material, mas, é preciso ter em conta que o número de fragmentos coordenados é reduzido não nos permitindo uma análise mais pormenorizada.

Em relação ao material lítico a amostra é composta por 31 materiais/elementos, 32,3% da totalidade dos líticos exumados no bastião E. Como é possível verificar no gráfico abaixo assim como no material cerâmico e no barro de revestimento também o material lítico se concentra maioritariamente na quadrícula 79.60 (74%), seguida da quadrícula 79.61 (19,4%). Mais uma vez é de realçar que tal concentração já se previa dado que estas duas quadrículas localizam-se na área central do bastião E, espaço este que terá sido ocupado maioritariamente ao contrário do espaço exterior da estrutura (junto às paredes), como é o caso da quadrícula 78.60.

Quanto à distribuição do material lítico pelas unidades de registo podemos observar uma alteração, comparada com o material artefactual acima apresentado; a maioria do material lítico não se encontra na UR05, mas sim na UR06 (48%). A segunda unidade de registo mais representativa é a UR05 (36%), seguida da UR03 (10%) e da UR07 (6%). Ao analisarmos os dados obtidos quanto à distribuição do material lítico podemos novamente observar que não parece existir homogeneidade das materialidades ao longo do espaço que é o bastião E.

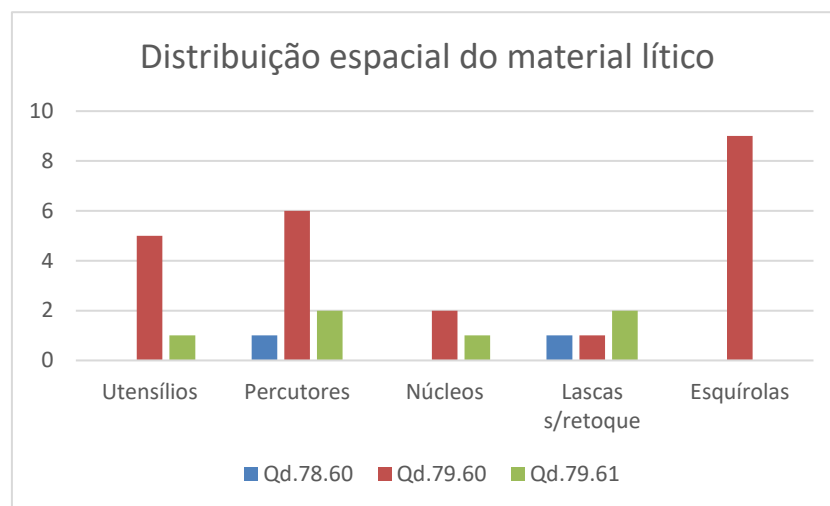


Gráfico 21- Distribuição espacial do material lítico

Por último iremos analisar os elementos de moagem. Optamos por apresentar os dados dos fragmentos de dormente e movente em conjunto por constituírem um reduzido número de materiais, mais precisamente 8 fragmentos de dormente e 4 de movente. É na quadrícula 79.60 que se concentra a maioria dos moventes (2); já no caso dos dormentes estes dividem-se entre a quadrícula 79.60 (3) e a quadrícula 79.61(3). Também neste tipo de materiais observamos uma ausência de fragmentos na quadrícula 78.61.

U.R.'s	Qd.78.61	Qd.79.60	Qd.79.61
UR03	0	1	2
UR05	1	1	1
UR06	1	1	0

Tabela 11- Distribuição espacial dos fragmentos de dormente

U.R.'s	Qd.78.61	Qd.79.60	Qd.79.61
UR05	0	2	1
UR06	1	0	0

Tabela 12- Distribuição espacial dos fragmentos de movente

Quanto à distribuição dos materiais por unidade de registo também é possível verificar uma predominância de fragmentos na UR05 seguida da UR06. No caso dos fragmentos de dormentes destaca-se ainda a UR03; os fragmentos identificados nesta unidade pertenciam ao nível de colmatação do bastião, constituindo níveis pétreos que encerravam a estrutura.

Ao analisarmos os dados acima apresentados podemos verificar que não existe homogeneidade na distribuição dos materiais, quer a nível vertical, quer a nível horizontal. Podemos pressupor que quaisquer que tenham sido as atividades que se deram no interior desta estrutura estas decorreram na totalidade do espaço e não confinadas a uma área. Quanto à distribuição a nível vertical esta ocorre maioritariamente na UR05 e UR06. Não poderemos afirmar que estes dois níveis de uso se deram em períodos muito distintos, mas sim que em ambos os momentos terão ocorrido diversas atividades que chegaram até nós através de vestígios.

5. Comparação das estruturas do tipo “Bastião” de Castanheiro do Vento

No presente capítulo iremos analisar e comparar as características construtivas e o conjunto artefactual do Bastião E com outras quatro estruturas semelhantes que já foram alvo de estudo (BARBOSA, 2003; BORGES, 2003; VALE, 2003; e GASPAR, 2004). Estas estruturas do tipo bastião foram intervencionadas nas seguintes campanhas: Bastião A, entre 1999 e 2000; Bastião B, 2000 e 2001; Bastião C, 2000 e 2001; Bastião D, 2002 e 2003, e Bastião E, em 2004 e 2005). Ainda que as estruturas apresentadas se insiram na mesma tipologia estas deverão ser vistas pelo arqueólogo como individuais, que quando comparadas entre si, apresentam semelhanças sem nunca deixarem de ser únicas entre elas. Como tal, este ponto pretende assim encontrar as semelhanças e/ou dissemelhanças destas 4 estruturas.

Este tipo de estruturas, designadas por “bastiões”, são caracterizadas através da sua forma arquitetónica. São estruturas de forma circular ou subcircular agregadas a linhas de muretes podendo, contudo, apresentar uma grande diversidade construtiva. Em 2007, João Muralha Cardoso apresenta na sua tese de doutoramento uma tabela tipológica para as estruturas do tipo bastião do sítio do Castanheiro do Vento. É esta tabela que iremos seguir para comparar as técnicas construtivas dos bastiões acima mencionados.

Segundo a tabela tipológica o Bastião E insere-se no tipo II de bastiões do Castanheiro do Vento apresentando as seguintes características construtivas “(...) *sem lajes de xisto azul na sua composição, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 401 e 600 mm (100%), os componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto e argila, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e não facetadas, o vão de entrada é inferior a 3,10 m a sua profundidade situa-se entre os 1,50 m e os 1,80 m, a média das espessuras é de 1,30 m e sua área situa-se entre os 4,30 m² e os 5,30 m².*” (CARDOSO, J. C. M., 2007, 196). Os restantes bastiões inserem-se todos num tipo diferente, que apresenta pequenas diferenças relativamente ao Bastião E. Inserem-se no tipo I que difere do tipo II apenas quanto às medições. Ou seja, ao contrário do tipo II o tipo I apresenta um vão de entrada inferior a 2,90 m, uma profundidade entre 2,50 m e 3,20 m, uma área que varia entre 4 m² e 6,5 m², uma média de 1m quanto à espessura e ainda uma dimensão modal dos seus elementos que varia entre 201 mm e 600 mm. Analisando as características dos 5 bastiões é possível observar semelhanças quanto aos materiais construtivos como o uso de xisto característico da região, argila e a ausência de lajes em xisto azul. Outra semelhança verificada deve-se ao facto de todas elas terem estruturas de condenação, fator que apenas ocorre nos bastiões do M1 e do recinto secundário; a dada altura

todas elas sofreram uma alteração arquitetónica que poderá ter encerrado e/ou alterado a forma como estas eram usadas. O momento em que são construídas as estruturas de condenação não implica necessariamente contemporaneidade entre elas, esta alteração arquitetónica poderá ter-se dado em momentos diferentes de bastião para bastião, momentos esses que poderão estar separados por um grande período de tempo ou não. Podemos afirmar que no geral estes 5 bastiões são estruturas idênticas não só em termos construtivos, mas também pelo facto de serem as únicas estruturas do sítio que intencionalmente foram interditadas através da construção de estruturas de condenação. Na generalidade o Bastião E é muito semelhante aos restantes bastiões sendo as únicas alterações a nível de dimensões e de se localizar no recinto secundário do sítio.

O segundo ponto centra-se nos materiais arqueológicos provenientes de cada estrutura. De forma a podermos realizar uma análise que se aproxime mais da realidade de cada estrutura optamos por não comparar a totalidade da amostra como um todo, mas sim comparar os materiais provenientes da Camada 3 (que no caso do bastião E correspondem às seguintes unidades de registo: UR04, UR05, UR06, UR07, UR08), pelo simples facto de ser a camada com valores mais representativos de cada estrutura.

Coluna1	Cerâmica	C. Decorada
Bastião A	1536	307 (20%)
Bastião B	1122	270 (24%)
Bastião C	1093	165 (15%)
Bastião D	1229	335 (27%)
Bastião E	1093	205 (19%)

Tabela 13- Fragmentos cerâmicos provenientes da Camada 3

Quanto ao material cerâmico proveniente desta camada os dados são muito aproximados entre estruturas, mais precisamente 1072 fragmentos no Bastião E; no Bastião A, 1536; no Bastião B, 1112; no Bastião C, 1093; e 1229 no Bastião D, predominando em todos os casos os fragmentos de bojo em relação aos fundos e bordos. Quanto à percentagem de fragmentos decorados os dados não são tão semelhantes, mas ainda assim apresentam valores aproximados. O número de fragmentos decorados em cada estrutura é a seguinte: Bastião E, 205; Bastião A, 307; Bastião B, 270; Bastião C, 165; e Bastião D, 335. A decoração predominante é a impressão penteada, sendo esta a única técnica decorativa presente no Bastião E. Nas restantes estruturas foram identificadas outras técnicas decorativas. No caso do Bastião A, fragmentos decorados com pastilhas repuxadas, no Bastião C decorações de linhas incisas e espatulamento e no Bastião A e Bastião B cerâmicas decoradas usando a técnica do puncionamento.

Quanto ao material lítico os números são significativamente reduzidos (comparado com o material cerâmico); a totalidade da amostra tem como matéria-prima o quartzo que apenas difere quanto à sua cor. Na camada 3 foram identificados os seguintes utensílios: três raspadeiras no Bastião A; uma lamela e duas raspadeiras no Bastião B; uma raspadeira no Bastião C; duas raspadeiras no Bastião D; e cinco raspadeiras e um furador no Bastião E. Ainda que em números reduzidos a única semelhança que parece existir entre bastiões é a presença de raspadeiras em todos eles. Em maior número de materiais temos os restantes líticos talhados, um total de 120 lascas sendo 92 sem retoque (13 no B.A; 6 no B.B.; 28 no B.C, 41 no B.D e 4 no B.E) e apenas 28 retocadas (6 no B.A; 12 no B.B; 1 no B.C; e 3 no B.E). O número de núcleos por estrutura apresenta valores heterogêneos, sendo que os valores são muito díspares entre eles, mais precisamente 1 no B.A, 8 no B.C, 26 no B.D, 4 no B.E e nenhum no B.B. Foram ainda identificados 16 percutores no Bastião E. Os materiais de pedra polida foram apenas identificados em 2 dos bastiões, apenas uma enxó no Bastião A e 1 polidor no Bastião C.

	Dormentes	Moventes
Bastião A	15	2
Bastião B	20	6
Bastião C	6	3
Bastião D	6	6
Bastião E	1	4

Tabela 14- Tabela de distribuição dos materiais de moagem

Como é possível verificar na tabela acima apresentada os elementos de moagem destas cinco estruturas apresentam uma diferença entre o Bastião E e os restantes bastiões quanto ao tipo de elemento predominante. No Bastião E os fragmentos de moventes são superiores em relação aos dormentes, enquanto o contrário ocorre nas restantes estruturas. Este fator poderá ser espelho de um maior aproveitamento dos dormentes inteiros ou fragmentados como material construtivo nas estruturas e microestruturas dos bastiões do M1 ou até mesmo terem ocorrido atividades ligadas à moagem de alimentos no interior das mesmas. No caso do Bastião E o único dormente proveniente da C3 encontrava-se na microestrutura (UR07) presente no seu interior. Foram ainda identificados elementos de tear em algumas destas estruturas: 6 pesos de tear no Bastião A; 2 no Bastião C; e 2 no Bastião D; assim como 3 contas de colar (1 no Bastião B e 2 no Bastião C).

Ao observarmos o conjunto artefactual proveniente da Camada 3 dos bastiões acima comparados podemos observar que os materiais inserem-se no período Calcolítico, sendo que, no caso das cerâmicas decoradas, a técnica predominante é a impressão penteada, muito característica na região. Foram também identificadas outras técnicas decorativas, em percentagens pouco significativas, o que reforça a ideia de existir uma tendência por parte das comunidades que viveram o sítio para o uso da decoração penteada. Quanto ao material lítico a amostra deixa de ser tão homogênea. É visível uma maior diversidade de materiais em pedra talhada no Bastião E em comparação com os restantes, em contrapartida há uma ausência de materiais de pedra polida que está presente nas restantes 4 estruturas. Foram ainda identificados pesos de tear em algumas das estruturas (Bastião A, Bastião C e Bastião D) que não parecem indicar necessariamente o ato da tecelagem tendo em conta o reduzido número de pesos e a forma como se encontravam depositados. Estes foram ali depositados com uma intenção, quer tenham sido apenas armazenados, quer tenham um simbolismo que nos transcende.

Nunca nenhum arqueólogo conseguirá ter certezas de quais as atividades que ocorreram no interior destas estruturas, poderá sim apresentar ideias baseadas nas realidades com que se depara tendo sempre em conta que as mesmas poderão ser reflexo de vários momentos que ocorreram ao longo de um espaço de tempo ou terem sido manipuladas através de processos pós-deposicionais. Por muitas semelhanças que estas estruturas possam ter entre elas devem ser vistas por si só. É certo que o Bastião E terá tido um papel distinto das restantes nem que seja pelo facto de se encontrar numa área distinta do sítio, área esta que terá tido um papel diferenciador dos muretes do recinto principal.

Conclusão

Ao longo deste trabalho o nosso objetivo não foi uma tentativa de procurar funcionalidades que a estrutura subcircular E poderá ter tido, mas sim, analisar os dados obtidos através do seu estudo artefactual e comparar os resultados obtidos com os de outras estruturas semelhantes e estudadas até a data. Desta forma, teríamos um quadro interpretativo mais abrangente, não só do Bastião E como da própria estação arqueológica de Castanheiro do Vento.

O estudo dos materiais provenientes desta estrutura é uma das partes fundamentais da presente dissertação, quanto mais não seja porque “(...) *a arqueologia também é isso. Duzentos mil cacos exhaustivamente descritos, se necessário. Quanto mais não seja porque descrever corretamente o que se estuda é sempre, e em qualquer contexto, imprescindível.*” (GONÇALVES, 1989, 414). Este estudo produziu um leque alargado de dados com inúmeras hipóteses de cruzamentos. Perante a impossibilidade de realizar todos esses cruzamentos possíveis, optámos por destacar os aspetos que sobressaem da componente artefactual do bastião E. Poderíamos aqui realçar inúmeros aspetos deste conjunto de materiais, desde as cerâmicas com pastas muito compactas, com presença de mica como e.n.p. em toda a amostra até às questões de o tratamento de superfície dos fragmentos cerâmicos serem maioritariamente polidos. Ou referir os negativos vegetais nos fragmentos de barro de revestimento que reforçam a ideia de que as paredes da estrutura seriam feitas de um emaranhado de flora revestida a barro, ao material lítico todo em quartzo e quartzito quando a matéria-prima existente em abundância no local é o xisto. Ainda que todos estes aspetos sejam importantes para a interpretação do sítio existem dois pontos que pensamos que devem ser realçados:

1. Em todos os fragmentos decorados a técnica usada foi a impressão penteada;
2. Grande parte do material lítico, do ponto de vista de uma análise macroscópica, foi sujeito a temperaturas elevadas, mas nenhum dos fragmentos cerâmicos apresenta tais vestígios.

O elevado número de fragmentos cerâmicos com impressões penteadas vem corroborar o trabalho já efetuado em outras estruturas do género (VALE, 2003; BORGES, 2003; BARBOSA, 2003; e GASPAR, 2004), ainda que nestas estruturas, existam ocorrências de outras técnicas decorativas. Esta consonância vem reforçar a ideia de A. Vale quando escreve sobre o elevado número de fragmentos decorados pela técnica da impressão penteada. Esta autora relaciona esta técnica de decoração com processos de produção de identidades e coesão social. Também o elevado estado de fragmentação das cerâmicas e a ausência de colagens assim como o de peças

inteiras, vem reforçar a ideia da manipulação social deste tipo de materialidades (VALE, 2011, 143-156).

A existência de materiais líticos queimados poderia ser justificada se tivéssemos vestígios de fogo no interior da estrutura, por exemplo na UR07 que corresponde a uma fossa, mas tal não se verifica até pois foi possível de se observar a coexistência de materiais queimados e não queimados nos mesmos níveis de utilização da estrutura. Restam-nos assim duas possíveis ideias; o material lítico que se apresenta queimado terá, a certa altura, sido utilizado noutras áreas do sítio e depois terá sido reaproveitado no Bastião E. Em outros estudos (VALE, 2003; BORGES, 2003; e GASPAR, 2004), foram identificados materiais com vestígios de reutilização podendo o mesmo ocorrer no bastião E, ou estes materiais foram premeditadamente queimados antes de serem depositados na estrutura em análise, portadores de uma intenção impossível de “ler”. A primeira hipótese parece-nos ser a mais próxima da verdade pois como mencionamos acima a reutilização do material lítico em Castanheiro do Vento é algo que se tem vindo a observar no decorrer dos trabalhos arqueológicos.

No quinto capítulo da presente dissertação comparamos a estrutura analisada com outras que apresentam a mesma morfologia. Deste exercício podemos reparar em algumas semelhanças relativamente aos conjuntos artefactuais e o mesmo em termos construtivos. Foi feita a comparação dos materiais arqueológicos de cada estrutura correspondentes à UR04, UR05, UR06, UR07, UR08 do bastião E (que se traduzem na Camada 3 das restantes estruturas). Esta amostra é proveniente de níveis de uso dos bastiões e os materiais são característicos do período Calcolítico. Os fragmentos cerâmicos decorados desta amostra situam-se entre os 15% e os 17%, e a técnica decorativa com maior peso é a impressão penteada, o que já era de prever pois o elevado número deste tipo de fragmentos cerâmicos é visível um pouco por todo o sítio de Castanheiro do Vento. Quanto ao material lítico foi possível apurar que o Bastião E contém um maior número de objetos em pedra talhada que as restantes estruturas, enquanto os materiais em pedra polida apresentam uma percentagem ínfima surgindo apenas no Bastião A (uma enxó) e no Bastião C (um polidor) (VALE, 2011, 171). Mais uma vez é notória a preferência pelo uso do quartzo e quartzito como matéria-prima assim como a ausência de materiais em xisto. A presença de elementos de moagem ocorre em todas as estruturas ainda que em números reduzidos. Observamos igualmente a existência de um maior número de fragmentos de dormente em comparação com os moventes tendo estes, em alguns casos, sido reutilizados como material de construção. No bastião E acontece o oposto; um maior número de moventes em comparação com os dormentes. Foram ainda identificados outros tipos de materiais, ainda que em pequenas quantidades, como é o caso de pesos de tear nos bastiões A, B e C, e ainda três contas de colar

nos bastiões B e C. É de destacar que estes materiais de adorno são raros em Castanheiro do Vento.

Não poderíamos comparar estas estruturas sem nos debruçarmos sobre a sua arquitetura, até porque é o que as caracteriza como Bastiões. Não só os conjuntos artefactuais provenientes destas estruturas são semelhantes, como o mesmo ocorre relativamente às técnicas construtivas. São erguidos em xisto e argila com lajes definidoras nas linhas internas e externas, não têm lajes de xisto azul na sua composição e num determinado momento da vivência do sítio foram “condenadas”. As diferenças entre o bastião E (de tipologia II) e os restantes bastiões comparados (tipologia I) são poucas e referem-se, no tipo I, a valores relativos às medidas do vão de entrada (inferior a 2,90 m), da profundidade (entre 2,50 m e 3,20 m) e dos valores modais das lajes de construção (entre 201 mm e 600 mm), enquanto no tipo II, o vão de entrada é inferior a 1,30 m, a profundidade situa-se entre 1,50 m e 1,80 m, a dimensão modal nos bastiões de tipo I varia entre 201 mm e 600 mm já no tipo II apenas entre 401 mm e 600 mm. (CARDOSO, J. C. M., 2007, 196). Quanto às estruturas de condenação é de realçar que apenas os bastiões que integram o Murete 1 e o Recinto Anexo foram “condenados”. Estas estruturas de condenação vieram não só alterar a função dos bastiões, como também mudaram a forma como o sítio era percorrido e vivido uma vez que o acesso ao interior destes bastiões estaria “colmatado” impedindo o acesso ao seu interior.

Como já referimos no presente trabalho a estrutura subcircular E insere-se no Recinto Secundário (ou recinto anexo). Provavelmente este recinto e as suas estruturas teriam um papel distinto daquelas existentes no recinto principal. A ideia que temos do Castanheiro do Vento é a de um sítio monumental, onde as paredes poderiam formar um “labirinto” composto por passagens e acessos que se vão estreitando em certas áreas de forma que nem todos os que o visitavam tivessem acesso a áreas mais restritas do sítio.

“Um sistema de “ocos”, um labirinto de percursos, balizado por diferentes muros e micro-espacos de deposição, nomeadamente nas zonas de limite, de fronteira, de limiar (“bastiões”, estruturas sub-circulares, estruturas geminadas), pode ter sido finalmente metamorfoseado num sistema “cheio” de pedras, colmatando vazios.” (JORGE, V. O., et al., 2007, 266-267).

Também o recinto anexo e o bastião E teriam tido um papel neste sistema “hierárquico” de acesso ao recinto principal. Estes podem ter servido como “átrio monumental” que daria passagem ao topo do sítio, dando acesso a toda a comunidade, ao contrário do que se passaria no recinto principal onde existiram certas restrições. Ainda que estejamos perante sociedades orais o sistema arquitetónico de Castanheiro do Vento transmitiria uma mensagem por parte das

comunidades que o habitavam. Segundo Vítor O. Jorge (2003) esta “mensagem” seria um símbolo de “ordens” e “regras” transmitidas num espaço erguido ao longo do tempo. Esta poderá ter servido como gerador de “consensos”, ou até mesmo ser espelho de “consensos” (JORGE, V. O., 2018, 2).

Composto por quatro linhas de murete paralelas umas às outras (à exceção do Murete 4 que se encontra na perpendicular adossado ao M3), estruturas circulares e subcirculares do tipo bastião adossadas aos muretes, pequenas estruturas circulares dispersas pelo sítio, uma grande estrutura designada por torre e dois recintos, um deles adossado à primeira linha de murete, o sítio do Castanheiro do Vento apresenta uma grande diversidade estrutural que terá sofrido várias alterações ao longo do tempo em que foi habitado, sendo assim importante, olharmos para a sua arquitetura. Esta insere-se na tipologia dos “recintos fortificados” / “recintos murados”, ou seja, sítios que surgem em diversas partes da Europa no final do Neolítico início do Calcolítico e que no atual território peninsular apresentam influências mediterrâneas. Implantados em sítios proeminentes na paisagem de tendências concêntricas, caracteriza-se por uma arquitetura composta por muretes de formas circulares e/ou subcirculares, incorporando estruturas do tipo “bastião” podendo ainda apresentar outras estruturas como torres, fossos e taludes. Em 1994, Susana Soares Lopes publica um artigo designado “*Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico Peninsular*” onde a autora compara 69 recintos murados peninsulares, verificando que estes apresentam uma grande diversidade entre si deixando para trás a abordagem “militarista” que tinham até então (JORGE, S. O., 1994). Estas diferenças entre sítios surgem em aspetos relacionamos com a dimensão, período(s) de uso e de componente artefactual, o que os torna únicos entre si ainda que apresentem semelhanças a nível construtivo:

“(…) as semelhanças em termos formais, podem indiciar relações de longa distância, que possibilitariam a circulação de certas ideias, numa área bastante alargada (europeia/mediterrânea?), não obstante as especificidades dos diferentes sítios.” (COSTA, 2019, 257).

Não nos podemos esquecer que estamos perante um período de mudanças sociais, onde começam a surgir fronteiras concetuais e físicas, onde são agora erguidos sítios que estariam em constante transformação ao contrário do que acontecia com os monumentos megalíticos do período anterior (SANCHES, 1992, 165).

O número de sítios identificados como recintos tem vindo a aumentar ao longo dos anos um pouco por todo o território peninsular; em 1994 contavam-se 69 recintos murados estudados por Susana Soares Lopes (JORGE, S. O., 1994), já em 2013 Chapman refere um número entre

90 e 100 sítios (cf. VALE, A. M., 2019, 332). Dada a diversidade deste tipo de sítios há que olhá-los individualmente, ainda que em termos formais se aproximem.

Apresentado em 1893 à comunidade científica por Luis Síret o povoado de Los Millares (em Almeria, no sul de Espanha) tem contribuído para uma melhor compreensão deste tipo de sítios. Assim como Castanheiro do Vento, este terá sido construído faseadamente, composto por quatro linhas de muralhas com bastiões flanqueados por barbacãs, passagens monumentais e um conjunto de fossos no lado exterior das muralhas. Contém ainda uma cidadela no seu interior onde foram identificadas estruturas habitacionais, e uma estrutura de pátio retangular interpretada por alguns autores como armazém e por outros como templo/palácio. Em redor do povoado foram identificados 13 fortins assentes em zonas de destaque na paisagem e uma necrópole com enterramentos coletivos (LA FUENTE, 2015, 6–12). Os investigadores Molina e Cámara, seguem uma abordagem de âmbito marxista/processualista e defendem que o sítio terá sido habitado maioritariamente intramuros onde coabitariam diferentes estratos sociais detetados nos vestígios arqueológicos; as muralhas teriam um papel maioritariamente defensivo oferecendo proteção a possíveis ataques exteriores. As suas interpretações do sítio apontam para um lugar doméstico, hierarquizado com estruturas de cariz bélico, enraizado no padrão dos povoados fortificados (MOLINA & CÁMARA, 2005, 46-102).

O castro do Zambujal (Torres Vedras), identificado em 1938 e intervencionado a partir de 1964 sob a direção de Edward Sangmeister e Hermanfrid Schubart, apresenta paralelos arquiteturais com aldeias do Próximo Oriente. Este é composto por três linhas de muralhas intercetadas por bastiões e passagens sendo a mais monumental do tipo barbacã. Assim como em Los Millares foram identificados espaços hierárquicos quanto à habitação e espaço do sítio. Os investigadores ao longo dos anos defenderam a ideia de um povoado fortificado, as suas muralhas teriam uma função bélica de forma a proteger o interior do povoado. Este terá tido um papel importante para a economia regional, tanto na produção de cereais como também na exploração de cobre (VALE, 2011, 100-102).

“Si observamos tanto su posición estratégica cercana al mar y en la confluencia de tres rutas comerciales, (Kunts, 1995: 39) como el hallazgo de numerosos objetos de importación como el cobre o la variscita de origen peninsular, así como conchas del Índico (Uerpmann, 1995A: 52) o marfil africano nos llevan a pensar en la gran importancia comercial que tuvo el castro de Zambujal, siendo seguramente su fuente principal de recursos.” (ZAFRA VIDAL, 2015, 12).

Os arqueólogos (E. Sangmeister, H. Schubart e M. Kunst) responsáveis pela investigação do sítio seguiram uma teoria baseada no Neodifusionismo/ Histórico-culturalismo, defendendo

que dadas as mudanças sociais, a “revolução” dos produtos secundários e a importância do sítio do Zambujal em termos económicos, tornariam este local alvo de ataques constantes tendo assim sido erguidas grandes muralhas para que a comunidade se pudesse defender, assumindo desta forma, o papel de povoado fortificado.

Intervencionado a partir de 1989, sob a direção de Susana Soares Lopes, a interpretação da estação arqueológica de Castelo Velho de Freixo de Numão segue uma linha de pensamento distinta da dos sítios acima apresentados. A autora segue uma linha de pensamento baseada no Pós-Processualismo distanciando-se da interpretação “tradicional” dos povoados fortificados ligados a questões bélicas. Com uma planta maioritariamente subcircular, um grande recinto, um murete exterior localizado no lado este do sítio, uma plataforma intermédia, dois taludes e diversas estruturas subcirculares, é possível verificar uma convergência para o interior do recinto superior. O sítio apresenta um conjunto de deposições de cariz ritual, um deles de três membros superiores distintos do sexo feminino (LOPES, 2019, 373-374).

Em 1994, Susana Soares Lopes analisa 69 sítios da Península Ibérica designados como “povoados fortificados”. Neste estudo verifica uma multiplicidade de soluções arquitetónicas, diferentes localizações topográficas, durações de utilização distintas, indícios de diferentes funcionalidades entre sítios e a falta de dados que comprovassem que a finalidade destes locais seria de defesa a autora passou a designar estes sítios como “lugares monumentalizados”. Estes são agora vistos como locais de agregação de pessoas e bens que geram identidades coletivas e preservam a coesão social (JORGE, S. O., 1994, 462-473).

Quando começaram as intervenções em Castanheiro do Vento já Castelo Velho de Freixo de Numão era alvo de campanhas arqueológicas há 9 anos. Desde o início, as equipas trocaram opiniões entre si, foram criados quadros tipológicos que pudessem ser usados para ambas as estações, discutidos resultados de forma não só a se perceber os dois sítios “vizinhos” como também com o objetivo de começar a compreender melhor a região durante a Pré-história recente (BAPTISTA, *et al.*, 2008, 120-121).

“Diríamos apenas que nestes sítios viveram comunidades que ao longo do tempo foram de tarefa em tarefa (re)construindo as suas identidades e que, enquanto vizinhos, tal como nós em relação aos nossos, viviam numa tensão de “aparições” tentando criar plataformas de entendimento. É de salientar que nesta invocação das comunidades do IIIº milénio a. C. estamos a torná-las tão nossas vizinhas como as pessoas com quem partilhamos distintos aspectos do nosso quotidiano.” (BAPTISTA, *et al.*, 2008, 131).

É necessário deixar para trás a designação tradicional de “povoado fortificado”. Ainda que estes sítios apresentem semelhanças tipológicas não deixam de mostrar características

dísparos entre si, é necessário olhar para cada caso individualmente tendo em mente que estamos a tratar um período de mudanças sociais e económicas em que as comunidades são influenciadas pelo que as rodeia e pelos contactos que têm. Não queremos com isto dizer que não terão existido sítios em que a finalidade fosse realmente a defesa da comunidade contra possíveis ataques, apenas tal interpretação não parece aplicar-se a Castanheiro do Vento. Podemos afirmar, como Vítor Oliveira Jorge e Susana Soares Lopes (2000, 109) que estamos perante um Castanheiro do Vento que funcionaria como um microcosmo, palco de ações simbólicas de intercâmbio, redistribuições, trocas e partilhas entre grupos que coabitavam naquela região.

Para finalizar, é preciso reconhecer que cada estrutura de Castanheiro do Vento tem as suas particularidades, múltiplas funções e significados, contudo precisamos de olhá-las individualmente e combinar os resultados obtidos em cada uma de forma a construirmos a identidade deste sítio que marcou as comunidades que o habitaram e as pessoas que ainda hoje por lá passam, trabalham e o estudam. É este o trabalho dos arqueólogos, decifrar fragmentos da História, aproximando-nos do outro homem e das nossas origens.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, J. (1996). *Para uma Conciliação das Arqueologias*. Porto: Edições Afrontamento.

Baptista, L.; Gomes, S.; Jorge, S. O., Jorge, V. O.; Cardoso, J. C. M.; Oliveira, L.; Pereira, L.; Vale, A. M.; Velho, G.; Vieira, A. (2008). Uma história de dois vizinhos, ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989-2006). In *Pré-história: Gestos intemporais III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões*, Vol. 1, 120-135.

Barbosa, R. (2003). *A Estrutura C de Castanheiro do Vento: Análise dos Materiais Cerâmicos e Líticos*. Relatório de Seminário de Projeto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Borges, N. (2003). *A Estrutura B de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa*. Relatório de Seminário de Projeto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Edição policopiada.

Brézillon, M. (1977). *La Dénomination des Objects de Pierre Taillée. IV^{ème} supplément à Gallia Préhistoire*, Paris: Éditions du Centre National de La Recherche Scientifique.

Cardoso, J. C. M. (1996). *Materiais Líticos e Cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão: Continuidades e Descontinuidades: uma Proposta de Abordagem Estatística*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Cardoso, J. C. M.; Vale, A. M.; Jorge, V. O.; Pereira, L. S.; Velho, G. L. (2005). Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005. In *Portugalia*, vol. 26, 41-52. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Cardoso, J. C. M. (2007). *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do III^o e II^o milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Doutoramento em Arqueologia. Maiorca: Vessants.

Cardoso, J. C. M.; Vale, A. M.; Jorge, V. O.; Pereira, L. S.; Velho, G. L., (2009). *Intervenção Arqueológica em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*

Campanha de 2008. In *Côavisão*, nº11., 149- 164. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Cardoso, J. C. M.; Vale, A. M.; Gomes, S.; Carvalho, B.; Velho, G. L.; Jorge, V. O.; Jorge, S. O. (2010). Castanheiro do Vento: Campanha arqueológica de 2009. In *Côavisão*, n.º 12, 111- 121. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Cardoso, J. C. M.; Carvalho, B.; Vale, A. M.; Gomes, S.; Jorge, V. O. (2012). Síntese dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento. Campanha de 2011. In *Côavisão*, n.º 14. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Cardoso, J. C. M.; Vale, A. M.; Gomes, S.; Carvalho, B.; & Jorge, V. O. (2013), Escavações Arqueológicas em Castanheiro do Vento: Campanha de 2012. In *Côavisão*, n.º 15, 151-158. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Cardoso, J. C. M.; Vale, A. M.; Gomes, S.; Carvalho, B.; Jorge, V. O. (2018). Intervenção Arqueológica em Castanheiro do Vento: Campanha de 2017. In *Côavisão*, n.º 20, 73-84. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Cardoso, J. L. (1997). *O Povoado de Leceia (Oeiras), Sentinela do Tejo no Terceiro Milénio a. C.*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.

Cardoso, J. L. (2002). *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.

Carvalho, A. F. (2005). O talhe da pedra na Pré-história Recente de Portugal: Sugestões teóricas e metodológicas para o seu estudo. In *Praxis Archeologica*, n.º 3, 167-168. Faro: APA/Universidade do Algarve

Carvalho, B.; Cardoso, J. C. M. (2006). Planta geral do sítio após a campanha de 2006 com a nomenclatura criada. (Tintagem de B. Carvalho sobre desenho de J. Muralha).

Cattell, R. B. (1941). *General psychology*. Nova Iorque: Sci-art publishers.

Coixão, A. S. (1999). *A Ocupação Humana Na Pré-História Recente Na Região De Entre Côa e Távora*. Porto: (Edição do Autor). Acedido a 10 de novembro de 2020, em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18446>

Costa, C. (2007). *Zoarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Algarve, Portugal: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

Costa, A. I. (2019). Em Torno das Arquitecturas do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão. In Lopes, S. S. *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português*, digitAR, 251-280.

Ferreira, A. B. (1978). *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira: Estudo de Geomorfologia*. Em Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Figueiral, I. (1999). Castelo Velho (Freixo de Numão). The charcoaled plants remains and their significance. In *Journal of Iberian Archeology*, vol. 1, 259-267. Porto: ADECAP.

Figueiral, I.; Jorge, S. (2008). *Man-made landscapes from the third-second millennia BC: The example of Castelo Velho (Freixo de Numão, north-east Portugal)*. Oxford: Oxford Journal of Archaeology n.º 27(2), 119-133.

La Fuente Seoane, R. (2015). *Teoría y Práctica del concepto de ciudad. Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería)*. Trabalho de Final de curso, Universidade Autònoma de Barcelona, Barcelona. Acedido a 20 de janeiro de 2021, em https://www.researchgate.net/publication/319526588_Teoria_y_Practica_del_concepto_de_ciudad_Los_Millares_Santa_Fe_de_Mondujar_Almeria

Gaspar, C. (2004). *Um Espaço Específico de Castanheiro do Vento, (Vª Nª de Foz-Côa), A Estrutura D: Materiais e Ocupação*. Relatório de Seminário de Projecto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Edição policopiada.

Gomes, S. (2003). *Contributos para o Estudo dos “pesos de tear” do Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. de Foz Côa). Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Gonçalves, V. (1989). *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma Aproximação Integrada*, Vol. 1. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Jorge, S. O. (1986). *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves – V.ª P.ª de Aguiar*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jorge, S. O. (1994). *Colónias, Fortificações, Lugares Monumentalizados. Trajectória das Concepções sobre um Tema do Calcolítico Peninsular*. Lição dada no âmbito das provas

de Agregação em Pré-história e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Jorge, S. O. (2003). Pensar o espaço da pré-história recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, In *Recintos Murados da Pré-História Recente – Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial das arquiteturas pré-históricas*. In Mesa-Redonda Internacional, 13-35. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jorge, S. O. (2004). O sítio como mediador de sentido: Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. In *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, 583–611. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Jorge, S. O.; Jorge, V. O. (2000). A monumentalização das paisagens durante a pré-história: alguns contributos para um debate. *Era Arqueologia*, 100-111. Acedido a 15 de janeiro de 2021, em https://www.era-arqueologia.pt/pdfs/pub21_37.pdf

Jorge, V. O. (2018). *Castanheiro do Vento, uma ruína de arquitetura de terra (“colina monumentalizada”) pré-histórica do Norte de Portugal*. Loures. Acedido a 22 de fevereiro de 2020, em <https://www.academia.edu/36756409/>

Jorge, V. O.; Cardoso, J. C. M.; & Vale, A. M. (2006). Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Noroeste de Portugal? O caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa. In Correia, J. (coord.), *Terra: Forma de Construir. Arquitectura-Antropologia-Arqueologia*, 98-105. Lisboa: Argumentum e ESG/ Escola Superior Gallaecia.

Jorge, V. O.; Muralha, J. C. M.; Vale, A. M.; Velho, G.; & Pereira, L. (2007). Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) sobretudo após a campanha de 2005. In *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas de Património*. Vol. V-VI, 241-277. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Lacerda, S. (2017). SIG e arqueologia: ensaio para a compreensão do Alto Douro do III e II Milénio a. C.. In *Estudos do Quaternário: Revista da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário*. Vol. 17, n.º 1, 1-12.

Lopes, S. S. (2019). Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico do alto Douro português. In Lopes, S. S. *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português*, 357-389. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Molina, F.; Cámara, J. A. (2005). *Guia del yacimiento arqueológico Los Millares*. Andalucía: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.

Pacheco, B. (2019). *Castanheiro do Vento - Vila Nova de Foz Coa - Durante III Milénio a.C.: Contributos para o Entendimento Contextual das Espécies de Animais Recuperadas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Pinheiro, R. (2007). *Breve Estudo das Cerâmicas Exumadas no Bastião I. Castanheiro do Vento, Horta do Douro. Vila Nova de Foz Côa*. Trabalho de Seminário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Pinto, C.; Pereira, R. (1979). Acerca do conceito de colónia no Calcolítico da Estremadura. *Actas da 1.ª Mesa-redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto: G.E.A.P., 135-145.

Rodrigues, M. (2020). *O Uso de Materiais Vegetais em Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Sanches, M. J. (1992). *Pré-história Recente no Planalto Mirandês*. Porto: GEAP [Monografias Arqueológicas, vol. 3].

Sanches, M. J. (1997). *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Sanches, M. J. (2000). As Gerações, a Memória e a Territorialização em Trás-os-Montes (V.º-II.º Mil. AC). Uma Primeira Aproximação ao Problema. In *Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. IV, 123-145. Porto: ADECAP.

Sanches, M. J. (2016). Paradigmas, métodos e contextos no estudo do recinto-monumento Crasto de Palheiros (Norte de Portugal) durante o III mil. a. C. In *Arqueociências*

2016: *Recintos Peninsulares da Pré-História Recente. Métodos Multidisciplinares de Investigação. Pré-Atas*, 17-21. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Schubart, H. (1971). Zambujal. Uma Fortificação da Idade do Cobre. Em *II Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I., 15-32. Coimbra.

Schubart, H. (1994). As Escavações do Zambujal: retrospectiva e planificação. In M. Kunst (coord), *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*, Trabalhos de Arqueologia nº 7, 17-20. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Shepard, A. O. (1985). *Ceramic for the archeologist*. Publication 609. Washington: Carnegie Institution of Washington.

Silva, A. & Ribeiro, M. L. (1991). *Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da folha 15-A. Vila Nova de Foz Côa – Escala 1/50 000*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

Tixier, J.; Inizan, M.; Roche, H.; Dauvois, M. (1980). *Préhistoire de la Pierre Taillée I, terminologie et technologie*. Valbonne: Cercle de Recherches et d'études préhistoriques.

Valera, A. C. (2006). *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego. Estruturação e Dinâmica de uma Rede Local de Povoamento*, Vol. I. Porto: (Edição do Autor).

Valera, A. C. (2008). Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente. *ERA Arqueologia*, n.º 8, 112-117. Lisboa: Era-Arqueologia / Colibri.

Vale, A. M.; Cardoso, J. C. M.; Jorge, V. O. (2003). A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (V^a N^a de Foz Côa). In: S. O. Jorge (coord.). *Recintos Murados da Pré-história Recente. Técnicas Construtivas e Organização do Espaço. Conservação, Restauro e Valorização Patrimonial de Arquiteturas Pré-históricas*, 79-113. Mesa Redonda Internacional, Porto/Coimbra,

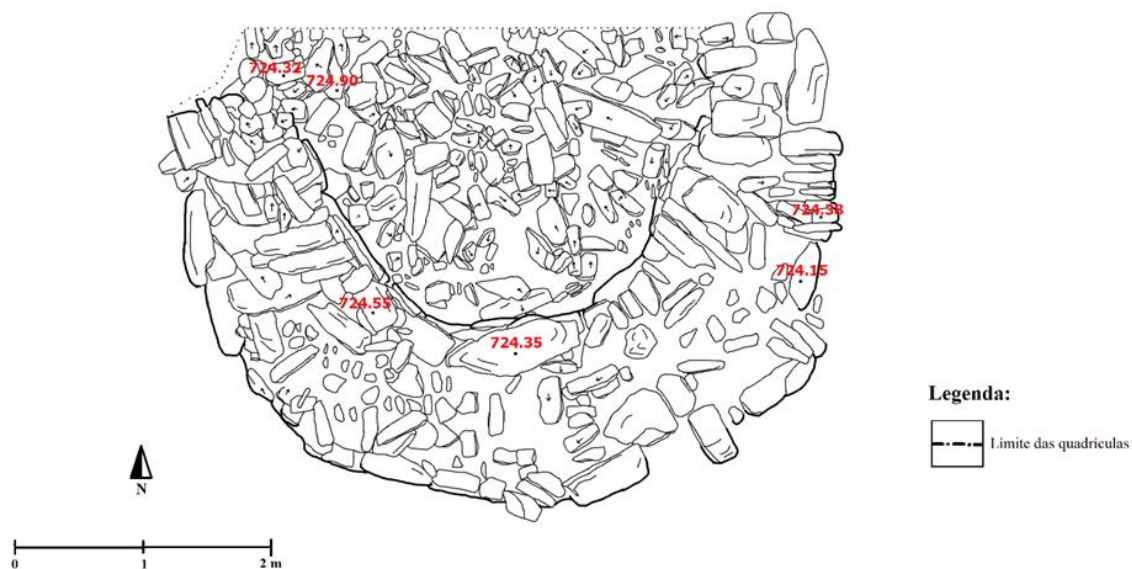
Vale, A. M. (2003). *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Vale, A. M. (2011). *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o Sítio Pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

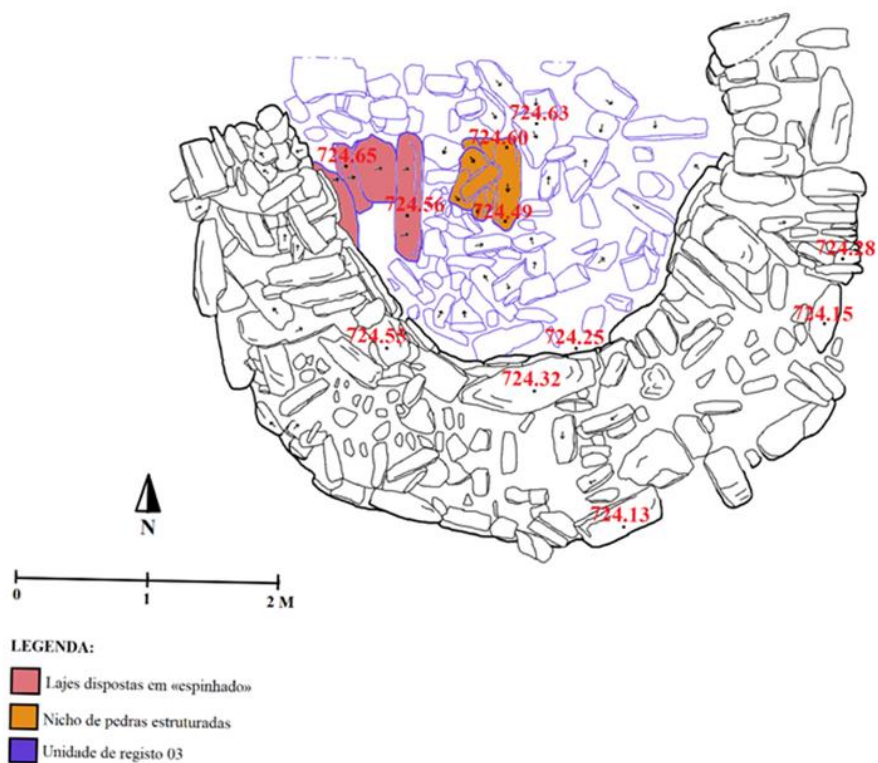
Vale, A. M. (2019) Possibilidades para pensar a Arquitectura dos recintos murados da pré-história recente. In LOPES, S. S. (coord). *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português*, 330-349. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Zafra Vidal, J. M. (2015). *O castro do Zambujal (Torres Vedras, Portugal)*. Trabalho final da unidade curricular *Prehistoria en la Península Ibérica*, Universidade de Alicante, Alicante, Espanha.

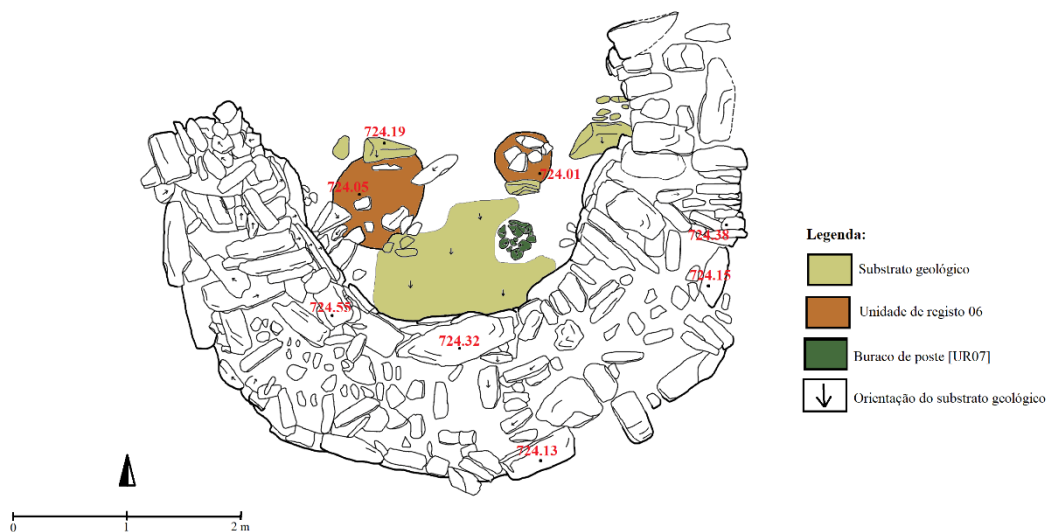
ANEXOS



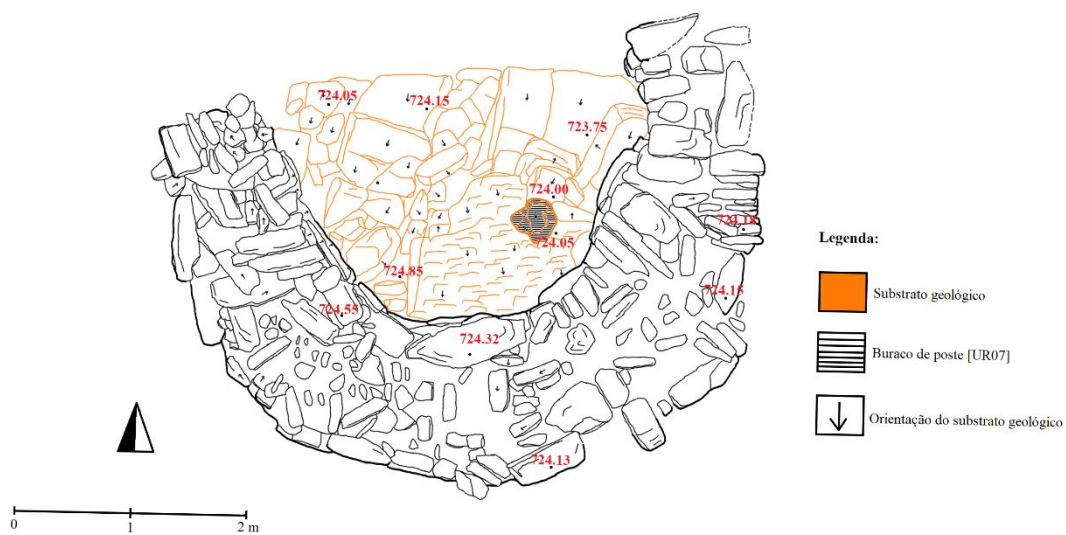
Estampa 1- Primeiro plano da estrutura subcircular E. Desenho de B. Carvalho, tratamento gráfico C. Simões



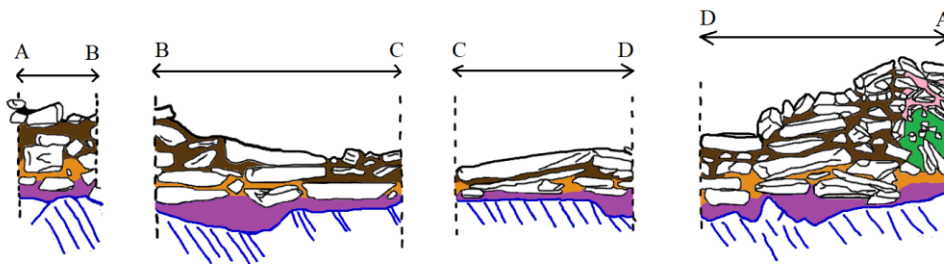
Estampa 2- Segundo plano da estrutura subcircular E (visibilidade da estrutura de condenação). Desenho de B. Carvalho, trabalho gráfico C. Simões



Estampa 3 - Quarto plano de escavação da estrutura subcircular E. Desenho de B. Carvalho, tratamento gráfico C. Simões



Estampa 4 - Último plano de escavação da estrutura subcircular E. Desenho de B. Carvalho, tratamento gráfico C. Simões



Legenda:

	Unidade de registo 04		Estrutura de condensação (UR03)
	Unidade de registo 05		Enchimento da estrutura de condensação
	Unidade de registo 06		Afloramento rochoso

Estampa 5- Desenho dos Cortes da estrutura subcircular E. Desenho de J. Muralha, tratamento gráfico C. Simões



Estampa 6- Foto de enquadramento do bastião E na paisagem. Foto de J. Muralha



Estampa 7- Fotografia da estrutura de "condenação" da estrutura subcircular E. Fotografia de J. Muralha (2004)



Estampa 8- Fotografia da estrutura subcircular E após o desmonte da estrutura de condenação. Fotografia de J. Muralha (2004)



Estampa 9 - Fotografia do plano final da estrutura subcircular E. (É possível de observar o substrato geológico no interior da estrutura) Fotografia de J. Muralha (2004)



Estampa 10- Fotografia da estrutura subcircular E protegida após a ter sido intervencionada na integra. Fotografia de J. Muralha (2004)



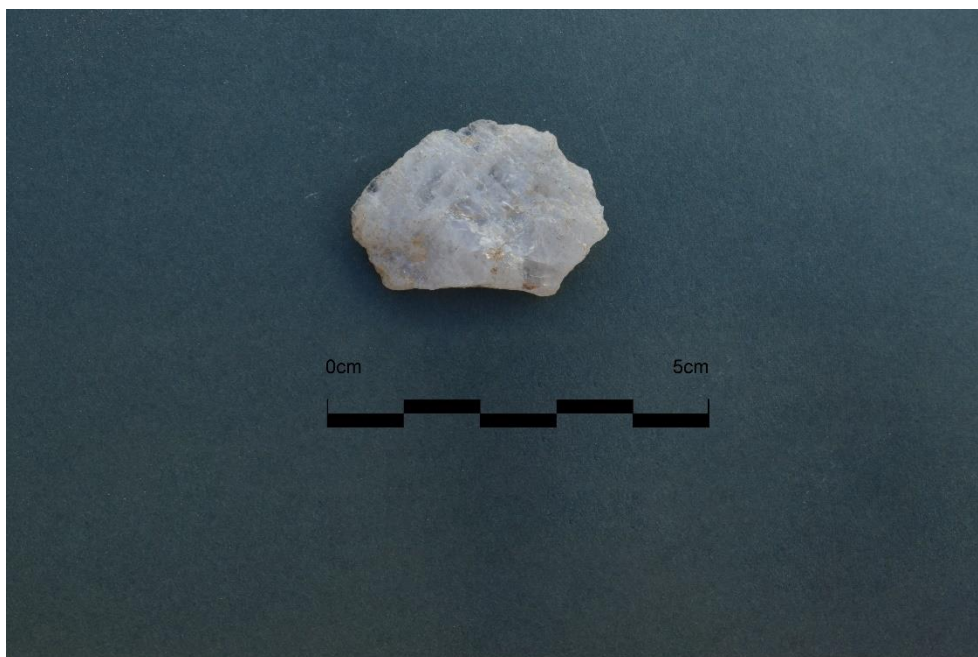
Estampa 11 - Fotografia Geral da Campanha Arqueológica de 2004 (É possível se observar a escavação do Bastião E no canto superior direito da imagem). Fotografia de J. Muralha (2004)



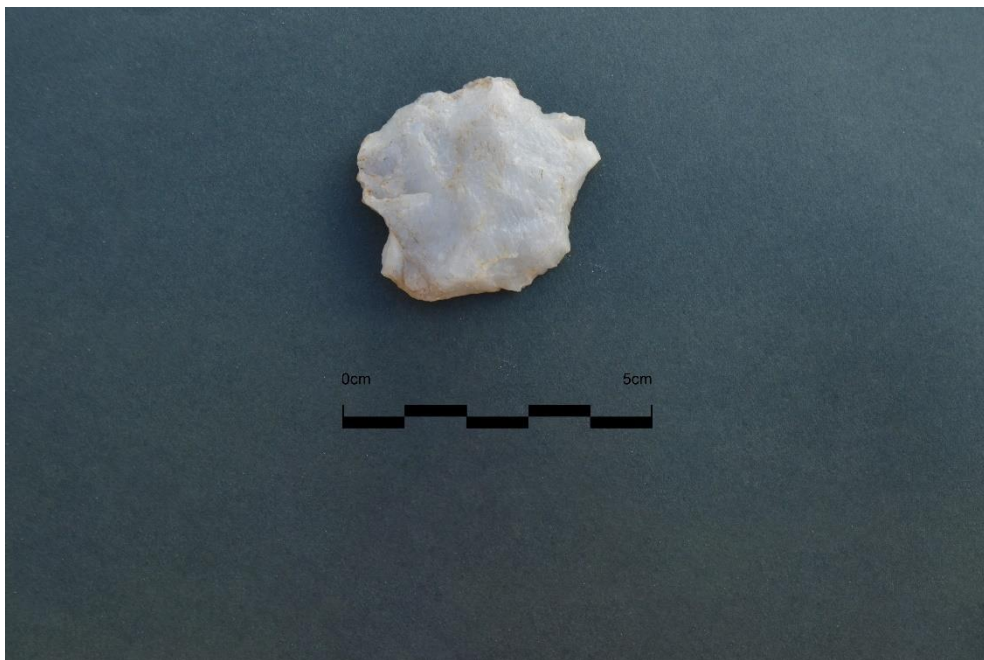
Estampa 12 - Fragmentos cerâmicos decorados usando a técnica da impressão penteada ondulada (Tipo II a)



Estampa 13- Fragmento cerâmico decorado usando a técnica decorativa da impressão penteada retilínea (Tipo I a.1.)



Estampa 1- Lasca retocada em quartzo hialino



Estampa 2 - Lasca com retoque em quartzo leitoso



Estampa 16 - Raspadeira em quartzo cinzento



Estampa 3 – Núcleo de bloco angular em quartzo leitoso



Estampa 4- Placa de xisto talhada e afeiçãoada



Estampa 5 - Placa talhada em xisto, apresenta entalhe em semicírculo



Estampa 20 - Fragmento de barro de revestimento com negativos de elementos vegetais